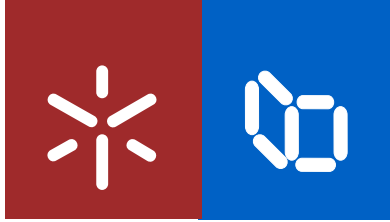


Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Pedro Simão Rocha Sobral

**De Ameaça a Inspiração: a Rebelião
Taiping (1850 – 1864) no percurso
revolucionário chinês**

junho de 2018



Universidade do Minho

Instituto de Letras e Ciências Humanas

Pedro Simão Rocha Sobral

**De Ameaça a Inspiração: a Rebelião
Taiping (1850 – 1864) no percurso
revolucionário chinês**

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução,
Formação e Comunicação Empresarial

Trabalho efetuado sob a orientação do

Professor Doutor António Manuel Clemente Lázaro

e do

Mestre Luís Cabral

DECLARAÇÃO

Nome: Pedro Simão Rocha Sobral

Endereço eletrónico: ps_sobral@hotmail.com

Número do Bilhete de Identidade: 13955397

Título dissertação: De Ameaça a Inspiração: a Rebelião Taiping (1850 – 1864) no percurso revolucionário chinês

Orientadores:

Professor Doutor António Manuel Clemente Lázaro

Mestre Luís Cabral

Ano de conclusão: 2018

Designação do Mestrado:

Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, 27/06/2018

Assinatura: _____

Agradecimentos

Qualquer caminho se inicia com o primeiro passo, por mais hesitante que este seja. Tal hesitação é natural e saudável. No final de contas, que caminho digno de ser percorrido é desprovido de dificuldades e obstáculos? São essas dificuldades e obstáculos que nos enriquecem, e é o caminho do enriquecimento o que mais merece ser percorrido.

A melhor parte do caminho é a companhia daqueles que caminham connosco. Ou, no mínimo, daqueles que, no passado, o percorreram e motivam quem agora o faz. Assim sendo, impõe-se agradecer aos que me ajudaram e apoiaram nesta caminhada.

Em primeiro lugar, aos meus orientadores, Professor Doutor António Lázaro e Mestre Luís Cabral, pela disponibilidade e amabilidade demonstradas durante a sua orientação. Em especial, ao Doutor Lázaro pelo incentivo a uma investigação mais séria e ao contacto direto com as fontes, que tornou a presente dissertação em algo mais que uma síntese da literatura disponível. Ao Mestre Cabral pela minuciosa orientação e constante disponibilidade para dar sugestões e corrigir e aperfeiçoar o texto.

À Professora Doutora Sun Lam pelo seu apoio ao longo da minha aprendizagem da língua, história e cultura chinesas, desde o seu início em sede da Licenciatura em Línguas e Culturas Orientais, até à última etapa do presente Mestrado. O esforço e dedicação que sempre demonstra à frente do Departamento de Estudos Asiáticos da Universidade do Minho permite que muitos talentosos aspirantes a sinólogos se formem sob a sua alçada.

Aos Doutores Kuniko Ukai e G. L. Koster, por terem aberto para mim as portas da História da China e do Japão. A eles estou grato pelos conhecimentos que obtive, que serviram de base para a presente dissertação, assim como pela metodologia que desenvolvi e aperfeiçoei no âmbito das suas lições.

Aos meus ilustres amigos Mauro Marques e Ricardo Oliveira, por terem ajudado a manter vivo o “sonho chinês”, pelas experiências partilhadas ao longo do nosso percurso académico, pelo seu apoio nos melhores e piores momentos e por me fazerem acreditar num futuro na China.

Aos meus amigos Ana Cabo, Ângela Miranda, Liliana Lopes, Marcos Rijo Mendes, Patrícia Pilar Almeida e Sérgio Ribeiro pela sua presença constante nestes anos de aprendizagem.

À Wu Wanjun, pela companhia constante nos melhores e piores momentos e pelo apoio e motivação que sempre me deu.

Por fim, aos meus pais e irmã, pelo seu apoio e sacrifícios constantes, que permitiram que eu pudesse prolongar a minha formação académica, perseguindo os meus gostos e ambições. A eles, em especial, é dedicada a presente dissertação.

Resumo

A presente dissertação propõe-se abordar o facto histórico conhecido na História da China como Rebelião Taiping (1850 – 1864). Trata-se de uma sublevação de inspiração cristã protestante e com carácter sem precedentes na época, cuja marca ideológica ainda hoje é reclamada pela presente liderança chinesa. Com a alvorada do nacionalismo chinês, protagonizado em inícios do século passado pelo Dr. Sun Yat-sen, a Rebelião Taiping foi alvo de um processo de reabilitação histórica que a viu passar de ameaça à tradição confucionista, em inspiração de revolucionários como o referido Sun Yat-sen e mesmo Mao Zedong. O principal objetivo da presente dissertação consiste, portanto, em averiguar de que forma se processou essa reabilitação e que marcas a ideologia Taiping deixou nos movimentos revolucionários chineses do século XX. Como corolário lógico deste exercício, a presente dissertação pretende ainda, numa última fase e de modo objetivo, analisar o papel da ideologia resultante do movimento Taiping na ideologia socialista de inícios do século XX, assim como o modo como a Rebelião é encarada na historiografia marxista da China pós-1949.

Abstract

The following dissertation aims to address what is known to historians of China as the Taiping Rebellion (1850-1864). It consists of an upheaval with origins that can be found in Protestant Christianity and, as such, with unprecedented characteristics and ideologies. The current Chinese government, in the form of the Chinese Communist Party, still claims to hold the Taiping legacy. Following the dawn of Chinese nationalism, with Dr. Sun Yat-sen as its most important figure, the Taiping Rebellion was the object of a process of historical rehabilitation that saw its transition from a mortal enemy of the Confucian tradition to the inspiration of revolutionaries like Sun Yat-sen and even Mao Zedong. The main aim of this dissertation is to research how this rehabilitation process occurred and the influence of Taiping ideology on Chinese revolutionary movements in the 20th century. As a logical follow-up to this exercise, this dissertation also aims to search for traces of Taiping ideology amongst 20th century socialist thought, as well as to clarify the way the Taiping Rebellion is seen in post-1949 Chinese Marxist historiography.

Índice

Índice de Figuras	xi
Esclarecimentos	xiii
Introdução	1
Capítulo 1 - A Rebelião Taiping (1850-1864).....	5
1.1. Antecedentes	5
1.2. Hong Xiuquan e as origens da Rebelião	11
1.3. Consolidação e expansão	24
1.4. Declínio e Queda	28
Capítulo 2 – De ameaça a inspiração: o processo de reabilitação da Rebelião Taiping.	35
2.1. Zeng Guofan e as elites fundiárias.....	35
2.2. As Potências Ocidentais.....	41
2.3. Macau.....	47
2.4. Karl Marx.....	55
2.5. Sun Yat-sen.....	59
Capítulo 3 – O Lugar da Rebelião Taiping na China Comunista.....	67
3.1. O Projeto Social Taiping.....	67
3.1.1. O que foi mantido.....	68
3.1.2. Propriedade e lei agrária.....	69
3.1.3. As mulheres.....	72
3.1.4. O calendário e o domingo	74
3.1.5. Políticas de Hong Ren’gan (1859-1864).....	74
3.2. Mao Zedong e a Rebelião Taiping.....	77
3.3. A “Revolução Taiping” na Historiografia Comunista	85
Conclusões.....	91
Fontes e Bibliografia	95
Webibliografia	101

Índice de Figuras

Figura 1. Intervenção estrangeira e rebeliões chinesas na segunda metade do século XIX	6
Figura 2. O berço de Hong Xiuquan.....	12
Figura 3. O avanço das forças Taiping: de Jintian a Nanquim (1850-1853).....	22
Figura 4. Hong Xiuquan, o Rei Celestial (n. 1814-1864).....	27
Figura 5. Extensão máxima do Reino Celestial.....	32
Figura 6. Retrato de Zeng Guofan	38
Figura 7. Xangai em meados do século XIX (pintura a guache, datada de 1854, autoria de Matthew Woodbury).....	43
Figura 8. Isidoro Francisco Guimarães, Governador de Macau entre 1851 e 1863	50
Figura 9. Sun Yat-sen e esposa Song Qingling (宋庆龄 <i>sòng qìnglíng</i>).....	64
Figura 10. Bandeira da Rebelião Taiping	71
Figura 11. Mao Zedong dirigindo-se aos seus camaradas em 1944.....	82
Figura 12. Jen Yu-wen (简又文 <i>jiǎn yòuwén</i> , 1896 - 1978), célebre historiador da Rebelião Taiping.	86

Esclarecimentos¹

A presente dissertação recorre à romanização *Hanyu Pinyin* (汉语拼音 *hànyǔ pīnyīn*), sendo este o sistema fonético oficial de transcrição da sonoridade dos caracteres chineses para caracteres latinos. As exceções encontradas ao longo desta dissertação incluem os nomes de Sun Yat-sen (Sun Yixian) e Chiang Kai-shek (Jiang Jieshi), cuja romanização segundo o sistema Wade-Giles já se generalizou. Para além destes casos, há ainda aqueles cuja língua portuguesa dispõe de um termo correspondente: Pequim (Beijing), Cantão (Guangzhou), Nanquim (Nanjing), Xangai (Shanghai), Macau (Aomen), Hong Kong (Xianggang), Tibete (Xizang), Rio Amarelo (Huang He), Rio Yangtzé (Changjiang) e Rio das Pérolas (Zhu Jiang). Em todos os outros casos, optou-se pela romanização *pinyin*.

Os trabalhos citados na bibliografia, assim como os nomes dos respetivos autores, são citados na romanização Wade-Giles original.

Os caracteres chineses serão sempre seguidos da respetiva romanização *pinyin*, em itálico e com os correspondentes tons.

Em chinês, o apelido precede sempre o nome próprio: por exemplo, Hong Xiuquan tem Hong como apelido e Xiuquan como nome próprio; Mao Zedong tem como apelido Mao e como nome próprio Zedong.

Segundo o sistema *Hanyu Pinyin*, o chinês transliterado é pronunciado de modo semelhante ao português, com as seguintes exceções²:

Som final de sílaba

e: próximo do *a* de “azul”

ang: com “a” nasalado

eng: com “e” nasalado

ong: com “o” nasalado

uang: com “a” nasalado

i: como “vida”

i (seguindo *c*, *ch*, *s*, *sh*, *z*, *zh*): sem som

ian: *ien*

¹ Retirado de SUN, 2013, pp. 11–12 e adaptado pelo autor. NdA.

² Estas indicações fonéticas não seguem o Alfabeto Fonético Internacional, pretendendo-se apenas auxiliar o leitor português não familiarizado com a romanização normalizada do chinês. NdA.

iang: com “a” nasalado

ing: com “i” nasalado

iong: com “o” nasalado

u: como “*tu*”

u (seguindo *j*, *q*, *x*, *y*): *ü*, como se pronuncia designadamente em francês e alemão.

Som inicial de sílaba

c: “*ts*”

ch: “*tch*”

h: “*h*” aspirado, como em inglês “*who*”

q: “*tch*”

r: como em inglês “*pleasure*”

sh: como “*chafariz*”

zh: “*dj*”

Os nomes chineses são apenas escritos entre parêntesis na Introdução, assim como na primeira vez que surgem no texto do corpo da presente dissertação.

Introdução

A Rebelião Taiping foi uma sublevação agrária, étnica e política que teve lugar na segunda metade do século XIX, mais propriamente entre 1850 e 1864. É considerada por muitos historiadores como a revolução mais importante da história da China, sendo mesmo apresentada como o marco de transição entre a sua fase pré-moderna e moderna.³ Distingue-se das demais revoluções chinesas pelo cunho ideológico que adquiriu durante o seu período de gestação. Mais concretamente, o seu líder, Hong Xiuquan (洪秀全 *hóng xiùquán*), baseou-se em doutrinas derivadas do cristianismo (ainda que um cristianismo incompleto e fundamentalista) para atacar, primeiro ideologicamente e depois literalmente, a decadente base confucionista das últimas décadas da dinastia Qing (清朝 *qīngcháo*). Tal iniciativa atraiu um apoio sem precedentes por parte dos estratos camponeses empobrecidos, assim como da classe média de letrados, devido a circunstâncias específicas da época. A injustiça social, o declínio do controlo da administração central e local e a decadência moral da burocracia aliaram-se à instabilidade social e a ressentimentos étnicos resultantes de migrações populacionais gigantescas e de uma resistência endémica ao jugo de uma dinastia imperial não-chinesa sobre a China.⁴ Apesar de, no final, não ter tido sucesso, a Rebelião Taiping é um sintoma evidente do declínio definitivo da ordem tradicional chinesa.⁵

A este quadro de instabilidade juntou-se ainda outro fator definitivo: a penetração, pela mão de missionários protestantes europeus, da doutrina cristã na China. De facto, do contato acidental do fundador Hong Xiuquan com o cristianismo resultou a sua crença de que a missão de purgar a China do domínio manchu (满族 *mǎnzú*) e do confucionismo “pagão” e decadente lhe tinha sido confiada pelo Deus único.⁶ Este facto, aliado à perda de estatuto da dinastia reinante face às exigências das potências ocidentais, serviu de pedra de toque para o que é considerada a guerra civil mais sangrenta da História da Humanidade.⁷

O carácter multidimensional da Rebelião Taiping torna-a um evento de complexidade surpreendente, mas também de importância primordial na História

³ Cf. KUHN, 1995, p. 264

⁴ Cf. JONES & KUHN, 1995, p. 264

⁵ Cf. KUHN, 1995; MICHAEL, 1971

⁶ Cf. JEN, 1973, p. 5

⁷ Cf. JEN, 1973, p. 6; MEYER-FONG, 2013, p. 1

Mundial. A título de exemplo, vejamos que se trata de um movimento de tendências igualitárias e socialistas, decorrido mais de meio século antes de qualquer tentativa do género na Rússia czarista. Daí o evento ter sido alvo de um processo de reabilitação aos olhos da historiografia chinesa, processo que será alvo de análise mais adiante.

A história da guerra civil e do seu visionário são bastante bem conhecidas no seio da historiografia chinesa e anglófona: em 1831, Hong Xiuquan, natural da província de Guangdong (广东省 *guǎngdōngshěng*), entra em choque após falhar repetidamente os exames que davam acesso à burocracia imperial e é assombrado por visões, que interpreta à luz de um folheto cristão que havia recebido de um missionário protestante alguns anos antes. Em consequência, proclama-se filho segundo de Deus e irmão mais novo de Jesus Cristo, o “Filho Chinês de Deus” da obra de Jonathan Spence.⁸ Adotando e adaptando preces, hinos e rituais cristãos, Hong divulgou a ideal de irmandade e igualdade do Homem perante os olhos de um único e verdadeiro Deus.⁹ Adquirindo um primeiro substrato de seguidores na sua terra natal, começa a desenvolver, nas montanhas da província de Guangxi (广西省 *guǎngxīshěng*) no sul da China, um sistema de práticas religiosas e quotidianas que constituirão a base do seu desafio à ordem dinástica vigente.

Após uma vitória decisiva sobre as forças governamentais em 1851, Hong autoproclama-se *Rei Celestial* (天王 *tiānwáng*) do *Reino Celestial Taiping* (太平天国 *tàipíng tiānguó*, ou *Reino da Paz Celestial*), selando a sua ambição de secessão. Após uma sequência de vitórias militares, as forças Taiping ocupam a antiga capital da dinastia Ming (明朝 *míngcháo*), Nanquim (南京 *nánjīng*), em 1853, dando-lhe o nome de *Capital Celestial* (天京 *tiānjīng*). Aqui estabelecem uma divisa e um calendário independentes e criam um revolucionário sistema de governo e de distribuição de terras que, no entanto, nunca chegará a ser implementado completamente.

Durante mais 11 anos, os Taiping continuariam a debater-se contra as tropas Qing, milícias, exércitos locais e mesmo mercenários estrangeiros, movidos por um ódio racial que os levava ao massacre de populações inteiras nos locais que capturavam. O flagelo atingiu 16 ou 17 das 24 províncias do Império Qing¹⁰, até à sua extinção com a tomada de Nanquim pelas forças manchus em 1864.

Desde o momento da sua génese, a Rebelião Taiping fascinou historiadores dos quatro cantos do Mundo. Como tal, as várias interpretações das fontes que subsistem

⁸ Cf. SPENCE, 1996. A obra citada possui o curioso título de *God's Chinese Son*.

⁹ Cf. FAIRBANK, 1986, p. 75

¹⁰ Cf. MEYER-FONG, 2013, p. 1

conduziram a um grande número de pontos de vista diferentes, refletidos na bibliografia utilizada para a elaboração desta dissertação.¹¹ No que respeita às fontes sobre o tema, visto que a maioria dos escritos Taiping foram destruídos pelos adeptos da dinastia vigente aquando da extinção do movimento, subsistem agora apenas os que se encontravam na posse de contemporâneos estrangeiros.¹² Ainda assim, devido à participação ativa das potências ocidentais e aos inúmeros relatórios de órgãos governamentais que motivou, a Rebelião Taiping é a revolta mais bem documentada da história imperial chinesa.¹³ Porém, mau grado a sua importância e dimensão catastrófica, a Rebelião Taiping é praticamente desconhecida no nosso país e em muitas partes do mundo.

A Rebelião Taiping é considerada por muitos um autêntica “revolução”. Tivesse esta sido dirigida exclusivamente contra o domínio manchu, à semelhança das sociedades secretas ou mesmo do Partido Revolucionário de Sun Yat-sen (孙逸仙 *sūn yìxiān*), poderia provavelmente ter contado com o apoio da aristocracia letrada.¹⁴ Porém, se assim tivesse sido, constituiria somente mais uma das muitas viragens dinásticas da história chinesa. Os Taiping, porém, pretenderam ser muito mais que isso. Pretenderam erradicar os elementos mais básicos da tradição confucionista, e aí reside a importância e especificidade do movimento. Fazendo uso de teorias e práticas revolucionárias estrangeiras, os Taiping obtiveram um sucesso sem precedentes na China Imperial. Apesar de mal sucedida, as causas da sublevação mantiveram-se latentes até serem redescobertas pelos movimentos republicanos e comunistas do século XX.¹⁵

Tal redescoberta conduziu a uma radical mudança de atitudes perante a Rebelião Taiping, movimento cujas motivações e aspirações encaixam perfeitamente no entendimento marxista da historiografia comunista chinesa do pós-1949. Com a presente dissertação, pretende-se, portanto, observar que formas tomou essa mudança de atitude, esse trajeto de uma *ameaça* ao sistema confucionista vigente até uma *inspiração* de movimentos revolucionários modernos. Partindo de uma narração dos acontecimentos, que não será, de modo algum, exaustiva e nos ocupará num primeiro capítulo, iremos, num segundo capítulo, analisar as reações e atitudes de vários atores perante a Rebelião Taiping. Será dado destaque à figura de Sun Yat-sen, pai da Revolução Chinesa, que

¹¹ Cf. JEN, 1973, pp. 4-5

¹² Cf. FAIRBANK, 1986, p. 79

¹³ Cf. WAGNER, 1982, p. 2

¹⁴ Cf. SCHURMAN & SCHELL, 1967, p. 169

¹⁵ *Idem*, p. 170

constitui o ponto de viragem na adoção da Rebelião Taiping como antecessora dos posteriores movimentos nacionalistas e revolucionários.

Como corolário do exercício feito no capítulo anterior, o terceiro e último capítulo procurará definir a forma como a Rebelião Taiping é encarada na República Popular da China (中华人民共和国 *zhōnghuá rénmin gònghéguó*). Para tal, começaremos por procurar pontos de contacto entre o programa social Taiping, que será analisado com mais detalhe nesta altura, e o de Mao Zedong (毛泽东 *máo zédōng*), pai da China contemporânea. Finalmente, veremos também qual o lugar atribuído pela historiografia marxista chinesa à rebelião.

Mau grado a crescente afirmação e relevância do “Império do Meio”¹⁶ no panorama global, o estado da historiografia portuguesa relativamente à China continental (excluindo Macau) é ainda embrionário. Urge, portanto, aproveitar a emergência da nova geração de sinólogos portugueses, versados na língua chinesa, para colmatar esta triste falha. Neste contexto, o autor possui a esperança que a presente dissertação, embora desprovida de pioneirismo, sirva de modesto contributo à divulgação da História da China em Portugal e levante problemáticas dignas de futuras investigações.

¹⁶ Tradução literal dos caracteres chineses da palavra China (中国 *zhōngguó*). NdA.

Capítulo 1 - A Rebelião Taiping (1850-1864)

A seguinte tentativa de síntese da Rebelião Taiping, ocupando a extensão de um capítulo, não pretende, de modo algum, ser exaustiva. No entanto, a sua existência torna-se essencial para revelar o lugar e importância do evento no percurso global da História da China, assim como para evidenciar o pendor revolucionário ou, em certa medida, pioneiro, do movimento, que iria inspirar gerações futuras de movimentos revolucionários.

1.1. Antecedentes

A Rebelião Taiping não foi, de longe, a única sublevação a assolar o território chinês durante a segunda metade do século XIX. De facto, nesta altura a dinastia manchú (滿族 *mǎnzú*) estava muito fragilizada, muito mais do que estava quando finalmente caiu em 1912.¹⁷ A determinada altura, em 1854, o governo Qing (清 *qīng*, 1644-1911 d.C) havia perdido o controlo não apenas do delta do Rio das Pérolas (珠江 *zhūjiāng*), mas também de Nanquim (南京 *nánjīng*), Xangai (上海 *shànghǎi*) e do Baixo Rio Amarelo (黃河 *huánghé*) para forças rebeldes.¹⁸

Os Taiping constituíam, sem dúvida, a maior ameaça à dinastia reinante, mas não foram, de todo, a única. Outras rebeliões, protagonizadas por grupos étnicos como os Miao (苗族 *miáozú*) e os Yao (瑶族 *yáozú*), coincidiram cronologicamente com a Rebelião Taiping, contribuindo para o caos social e a precariedade dinástica.¹⁹ Entre 1841 e 1850, não passou um único ano sem sublevações e rebeliões locais.²⁰

¹⁷ Cf. GRAY, 1990, p. 53

¹⁸ *Idem, Ibidem*

¹⁹ A primeira teve lugar em 1795 em Guizhou (貴州 *guìzhōu*), enquanto a segunda deflagrou em 1832 em Hunan (湖南 *húnán*). Ambas foram motivadas por questões fundiárias e são sintomáticas do descontentamento das minorias étnicas perante a dinastia manchú. NdA.

²⁰ Cf. TENG, 1971, p. 29

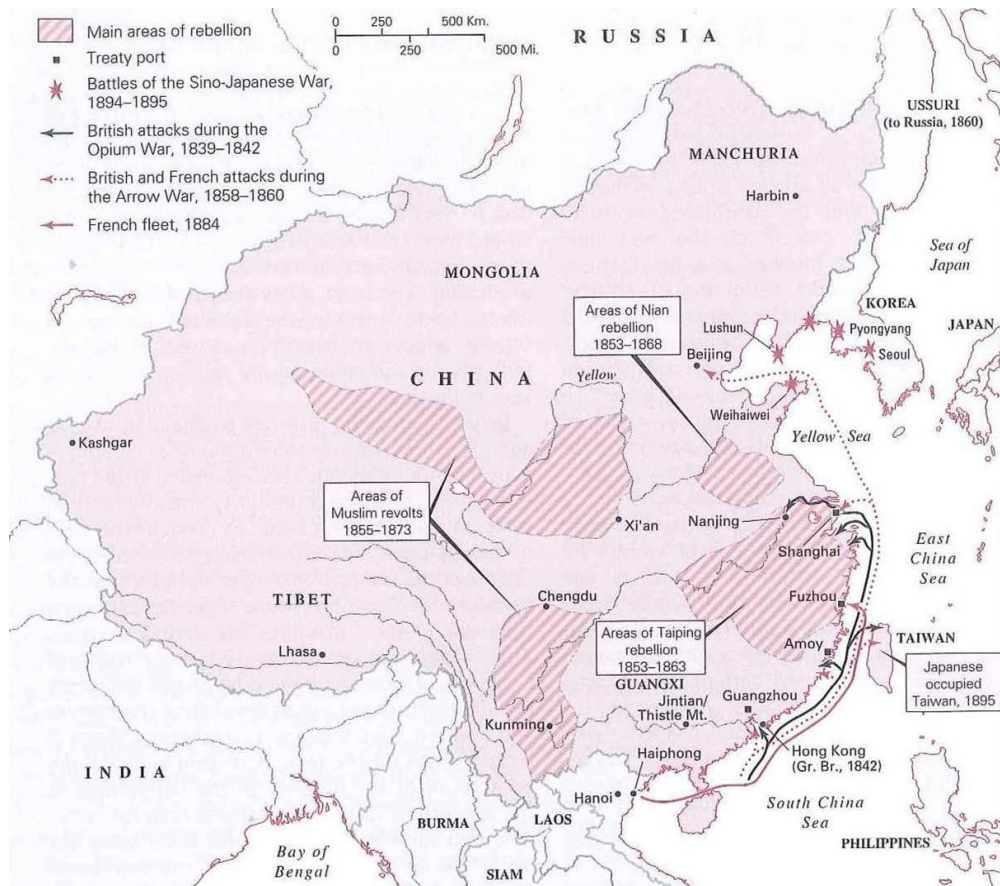


Figura 1. Intervenção estrangeira e rebeliões chinesas na segunda metade do século XIX²¹

As causas desta onda de revoltas na qual se integra a Rebelião Taiping não são de explicação fácil. O argumento marxista de que a revolta é fruto da exploração por parte da classe terratenente não é sustentável, uma vez que raramente há coincidência entre os locais de origem de rebeliões e aqueles onde o poder senhorial se fazia sentir com mais força.²²

Um fator mais plausível e que constitui o principal motor do ciclo dinástico da milenar História da China prende-se com a pressão populacional e o rácio entre esta e a terra arável.²³ Concretamente, com o crescimento exponencial da população durante um prolongado período de paz, a quantidade relativamente reduzida de terra arável deixa de ser suficiente para garantir a subsistência da mesma.²⁴ Uma das consequências deste fenómeno é o constante conflito entre migrantes de etnia Han (汉族 *hànzú*) e populações autóctones (本地 *běndì*), que podemos colocar na origem de rebeliões como a Miao e a

²¹ Retirado de http://test.classconnection.s3.amazonaws.com/463/flashcards/393463/jpg/taiping_rebellionmaps.jpg. Acedido a 27 de maio de 2018.

²² Cf. GRAY, 1990, p. 53

²³ Cf. USHER, 1989;

²⁴ Cf. HO, 1971, p. 20

Yao. Nas províncias do sul da China, berço da Rebelião Taiping, surge também uma minoria migrante, denominada Hakka (客家 *kèjiā*), que se encontra sob pressão e alvo de discriminação.²⁵²⁶

Os Hakka eram descendentes de chineses provenientes do norte da China que migraram para o sul ao longo dos séculos. O termo provém da expressão *Keren* (客人 *kèrén*) ou *Kejia* (客家 *kèjiā*), significando “convidados” ou “estrangeiros”.²⁷ Possuidores de uma cultura distinta das populações locais, os Hakka mantinham o seu dialeto próprio, proveniente do norte da China. No entanto, é a sua chegada tardia que os coloca em conflito com os povos autóctones. Visto que estes últimos ocupavam já as terras mais férteis, os Hakka não tiveram outra alternativa senão estabelecerem-se em zonas montanhosas e pouco produtivas.²⁸ Por este motivo, de maneira a tirar o maior proveito possível da terra, também as mulheres auxiliavam no trabalho agrícola e, por conseguinte, rejeitavam o hábito de enfaixar os pés. Por último, frequentes tensões agrárias, exacerbadas pela diferença de linguagem e costumes, faziam com que a relação dos Hakka com os seus vizinhos autóctones se pautasse muitas vezes pelo conflito. Os Hakka possuíam um forte espírito de união entre si, derivado da situação marginal que partilhavam. Convém ainda acrescentar que os Hakka, por terem, durante gerações, sofrido às mãos de invasores estrangeiros, possuíam um nacionalismo bastante extremado. Hostilidades entre Hakka e as populações autóctones eram comuns, mas o olhar da história dificilmente recairia sobre tal povo desafortunado, não fosse o facto de no seu seio ter nascido um homem que mudaria a História da China para sempre: Hong Xiuquan (洪秀全 *hóng xiùquán*).

No entanto, não são apenas fatores económicos que se encontram na origem da Rebelião Taiping. No plano político, em finais do século XVIII, a dinastia Qing tinha iniciado já a sua trajetória descendente até à inevitável queda.²⁹

O reinado do Imperador Qianlong (乾隆 *qiánlóng*, r.1736-1795) é comumente considerado o apogeu da dinastia manchu. Tendo governado sem grande oposição durante um período excepcionalmente longo de 60 anos³⁰, o seu reinado é coincidente com a era

²⁵ Cf. GRAY, 1990, p. 54,57

²⁶ A distinção entre Hakka e populações autóctones é derivada unicamente do seu local de proveniência, não de critérios étnicos ou raciais. Os Hakka pertencem igualmente à etnia Han. NdA.

²⁷ Cf. JEN, 1973, p. 10; TENG, 1971, p. 18

²⁸ Cf. TENG, 1971, p. 19

²⁹ *Idem*, p.20

³⁰ Apesar de muitos estudiosos situarem o final do reinado de Qianlong no ano de 1795, este apenas faleceu em 1799. Tal deve-se ao facto de, por razões de piedade filial, Qianlong se ter recusado a governar mais tempo do que o seu avô, o Imperador Kangxi (康熙 *kāngxī*, r.1662-1722), cujo reinado também durara 60 anos. Cf. WAKEMAN, 1977, pp. 102–103

mais esplendorosa da dinastia Qing e uma das Épocas de Ouro de toda a história chinesa.³¹ As reformas fiscais do reinado anterior haviam deixado os cofres cheios; uma sucessão de bons anos agrícolas manteve longe a carestia e a instabilidade social; foi construído o (agora tristemente destruído) Palácio de Verão (圆明园 *yuánmíngyuán*) em Pequim (北京 *běijīng*).³² Contínuos sucessos militares expandiram o Império do Meio de uma maneira nunca antes vista: pacificaram-se rebeliões, anexou-se o Turquestão, na atual província de Xinjiang (新疆 *xīnjiāng*), derrotaram-se os Gurkas no Tibete (西藏 *xīzàng*), atraiu-se grande número de Estados tributários, seduzidos pela grandiosidade chinesa.³³

Porém, os últimos 23 anos do reinado de Qianlong foram manchados pela figura do conselheiro He Shen (和珅 *héshēn*). Originalmente um simples guarda manchu, He Shen recebeu do Imperador dádivas e privilégios sem precedentes, aproveitando-se depois da sua posição favorável para posicionar correligionários seus em altos cargos da burocracia imperial.³⁴ A consequente degradação do aparelho burocrático constituiu um problema que as tímidas reformas do sucessor de Qianlong, o Imperador Jiaqing (嘉庆 *jiāqìng*, r.1796-1820), não conseguiram resolver completamente.³⁵

A situação piorou significativamente no subsequente reinado do Imperador Daoguang (道光 *dàoguāng*, r.1821-1850). A eclosão da Rebelião Taiping e, principalmente, a Guerra do Ópio (1839-42), ambas ocorridas neste período, são claros indicadores da fragilidade do governo central. Esta última resultou na imposição do pagamento de pesadas indenizações, assim como na importação, em grandes quantidades, de têxteis e ópio britânicos.³⁶ Tais despesas drenaram a prata do tesouro imperial e obrigaram o governo a retirá-la do povo através de impostos.³⁷

As humilhantes derrotas infligidas pelos Britânicos durante a primeira metade do século XIX foram, em partes iguais, causa e consequência da instabilidade doméstica chinesa.³⁸ Com o desfecho desfavorável para os chineses da Guerra do Ópio, o monopólio do comércio externo de que Cantão (广州 *guǎngzhōu*) havia gozado até então foi quebrado. A vitoriosa marinha britânica empurrou a pirataria e os contrabandistas chineses para norte, ao longo dos rios das províncias de Guangxi (广西 *guǎngxī*) e

³¹ *Idem*, p.100

³² *Idem*, *Ibidem*

³³ Cf. CABRAL, 2013, pp. 233–234; WAKEMAN, 1977, pp. 101–102

³⁴ Cf. TENG, 1971, pp. 20–21; WAKEMAN, 1977, p. 102

³⁵ Para um quadro pormenorizado da situação socioeconômica do período Jiaqing e das medidas levadas a cabo por este, Cf. JONES & KUHN, 1995, p. 108 e ss. NdA.

³⁶ Cf. EPSTEIN, 1956, p. 10

³⁷ Cf. TENG, 1971, p. 26

³⁸ Cf. SPENCE, 1990, p. 165

Guangdong (广东 *guǎngdōng*).³⁹ A estes juntaram-se também muitos daqueles que haviam ficado desempregados com a abertura de mais portos de comércio para norte. Armados, estes indivíduos perigosos voltaram-se para o banditismo, exacerbando ao mesmo tempo guerras de clãs com dialetos diferentes. Mesmo em Cantão, o aumento do desemprego derivado da abertura do porto de Xangai mais a norte provocou o aumento do banditismo nas províncias circundantes.⁴⁰ Um número bastante significativo de rebeldes Taiping proveio precisamente deste estrato populacional.⁴¹

A derrota chinesa na Guerra do Ópio provocou também um enorme e generalizado choque psicológico, abalando a credibilidade da dinastia Qing.⁴² Muitos chineses adotaram uma postura xenófoba, o que, no final de contas, era tão má notícia para os manchus como para os Ocidentais. Outros, nomeadamente académicos como o comissário Lin Zexu (林则徐 *lín zéxú*), reconheceram a superioridade técnica europeia, passando a estar mais recetivos à tecnologia e, mais perigosamente, a ideias ocidentais.⁴³ O próprio Hong Xiuquan, fundador do movimento Taiping, oporá uma ideologia de inspiração cristã e ocidental ao tradicional e moribundo confucionismo chinês.

A Guerra do Ópio apenas veio exacerbar e inflamar um sentimento latente há mais de um século. Com efeito, a dinastia Qing sempre foi vista como estrangeira e invasora, especialmente pelas populações do sul da China.⁴⁴ Por toda a segunda metade do século XVII, eclodiram inúmeras revoltas e sublevações, em resposta à crueldade manchu e à imposição de certos costumes (a obrigatoriedade do uso da trança manchu sob pena de morte era especialmente vexante para os chineses).⁴⁵

Á cabeça dos movimentos anti-manchu estavam muitas vezes as chamadas “sociedades secretas”, em especial a sociedade Hongmen (洪门 *hóngmén*), melhor conhecida como Tríade (三合会 *sānhéhuì*) ou Sociedade Secreta do Céu e da Terra (天地会 *tiāndìhuì*).⁴⁶ Organizada por volta de 1674 por membros de classes baixas fiéis à anterior dinastia Ming (明朝 *míngcháo*, 1368-1644), a Hongmen tinha como objetivo divulgar o ideal nacionalista e anti-manchu entre os seus membros.⁴⁷ Grande parte das tentativas de golpe de estado protagonizadas por sociedades secretas teve lugar em

³⁹ Cf. FAIRBANK, 1986, p. 76; WAKEMAN, 1977, p. 141

⁴⁰ Cf. WAKEMAN, 1977, pp. 141-142

⁴¹ Cf. TENG, 1971, p. 25

⁴² *Idem*, p.23

⁴³ *Idem*, pp. 23-24

⁴⁴ *Idem*, p. 10

⁴⁵ *Idem*, pp. 10-11

⁴⁶ Cf. BOARDMAN, 1952, p. 11

⁴⁷ Cf. TENG, 1971, p. 16

Taiwan (台湾 *táiwān*), onde se crê que estas tenham germinado.⁴⁸ No entanto, esta Sociedade Secreta rapidamente se expandiu para grande parte do sul da China continental, nomeadamente para as províncias de Guangdong, Hunan, Hubei (湖北 *húběi*) e Guizhou. Estas células contribuirão para a radicalização da ideologia anti-manchu do movimento Taiping e alimentarão o cariz étnico da rebelião.

No passado, rebeliões antidinásticas possuíram sempre traços de misticismo Taoista, de milenarismo Budista⁴⁹, ou de pura e simples superstição.⁵⁰ A Rebelião Taiping não difere muito da regra, tendo derivado de um entendimento imperfeito da doutrina cristã, transmitida por missionários tendencialmente fundamentalistas e cujo domínio da língua chinesa era questionável.⁵¹ Porém, considera-se que, neste caso, a dimensão religiosa acabou por cair em segundo plano.⁵² Mais do que qualquer forma de cristianismo imperfeito e iconoclasta, foram os ideais de Irmandade dos Homens perante Deus e da partilha igualitária de propriedade que seduziram inúmeros camponeses e despojados.

Em resumo, entre os fatores facilitadores de rebelião no século XIX contam-se o declínio dinástico, a corrupção, a depressão económica, a pressão demográfica e a consequente insuficiência de recursos, a derrota e humilhação perante potências estrangeiras e o ressentimento étnico perante os governantes manchus. O quadro acima traçado não pretende ser exaustivo e peca em relação à complexidade da época em análise.⁵³ Tem, somente, como objetivo servir de pano de fundo para os eventos que seguidamente serão descritos e que constituem um dos últimos capítulos sangrentos da história dinástica da China.

⁴⁸ A ilha de Taiwan serviu de base de operações a apoiantes da extinta dinastia Ming, mesmo após a sua conquista pelos Qing em 1683. O lealista da dinastia Ming Zheng Chenggong (郑成功, 1624-1662), o Koxinga das fontes portuguesas, havia arrebatado a ilha das mãos dos holandeses em 1661 e aí formado um foco de resistência anti-manchu. Cf. WILLS, 1979, pp. 227–228

⁴⁹ Por “milenarismo” entende-se a expectativa, durante um período de dificuldade extrema, da vinda de um messias que lideraria os seus seguidores a uma nova “Idade de Ouro”. No caso Budista chinês destaca-se o movimento do Lótus Branco (白蓮会 *báiliánhuì*), que previa a chegada do Buda Maitreya (弥勒佛 *mílèfó*) e a entrada na terceira grande Era (ou *kalpa*) da história da humanidade. Este movimento iniciou uma rebelião em 1796 que durou cerca de 10 anos e devastou grande parte das províncias de Hubei, Sichuan (四川 *sìchuan*) e Shaanxi (陕西 *shǎnxī*). Cf. TENG, 1971, p. 17; WAKEMAN, 1977, p. 60

⁵⁰ Cf. SCHURMAN & SCHELL, 1967, p. 157; TENG, 1971, p. 32

⁵¹ Cf. KITAGAWA, 1953, p. 58

⁵² Cf. TENG, 1966, p. 49

⁵³ Excelentes e exaustivas análises dos fatores facilitadores de rebelião no período em análise podem ser encontradas em FAIRBANK, 1986, pp. 63–74; HSÜ, 1970, pp. 270–275; TENG, 1966, pp. 37–49; 1971, pp. 9–33. NdA.

1.2. Hong Xiuquan e as origens da Rebelião

Hong Xiuquan (洪秀全 *hóng xiùquán*), nascido Hong Huoxiu (洪火秀 *hóng huǒxiù*), futuro líder e profeta da Rebelião Taiping, nasceu numa pequena localidade a noroeste do distrito de Hua (花县 *huāxiàn*), na atual província de Guangdong, em janeiro de 1814, cento e setenta anos após a conquista Manchu da China.⁵⁴ A localidade era, na altura, habitada principalmente por quatro grandes famílias, das quais a Hong era a mais influente.

Apesar de Huoxiu ser o quarto de cinco filhos⁵⁵, a sua família não descurou a educação do rapaz. Aos sete anos (pela conta chinesa, que considera o ano de nascimento como o primeiro ano e que vai ser usado a partir de agora para coincidir com as fontes) entrou na escola primária, onde revelou ser um rapaz diligente e com boa memória. Durante o período da sua formação académica, mostrou ser capaz de decorar devidamente os clássicos, assim como algumas peças menores de literatura. Revelou também talento para a escrita. Tal mostra de capacidades criou grande expectativa à volta do seu futuro: todos esperavam que o rapaz alcançasse sucesso nos exames imperiais, honrando desta forma a aldeia e os seus antepassados.⁵⁶

O próprio Huoxiu também possuía semelhantes esperanças. Tendo conseguido, aos 13 anos, o primeiro lugar nos exames locais, dirigiu-se a Cantão, já com 16 anos, para tomar parte nos exames para o grau mais baixo da burocracia imperial, o de *shengyuan* (生员 *shēngyuán*).⁵⁷ É fácil imaginar a frustração do rapaz quando constatou que o seu nome não se encontrava na lista dos candidatos bem-sucedidos.

O problema com que Hong se deparou era generalizado. Com efeito, parece provável que a China de meados do século XIX já revelasse sintomas associados a sociedades desenvolvidas do tempo presente: um excesso de população letrada em relação à capacidade do sistema para os absorver e recompensar.⁵⁸ Entre os fatores que contribuíram para este fenómeno contam-se um sistema educacional direcionado para o ofício público, um sistema de valores que desvalorizava o papel do letrado em outras carreiras alternativas e uma estrutura administrativa que resistia à expansão ou reforma de modo a adaptar-se à realidade. Nem o número de postos na máquina burocrática, nem

⁵⁴ Cf. JEN, 1973, p. 10

⁵⁵ Cf. BOARDMAN, 1952, p. 12

⁵⁶ Cf. HAMBERG, 1854, p. 5

⁵⁷ Cf. BOARDMAN, 1952, p. 12; JEN, 1973, p. 13

⁵⁸ Cf. FAIRBANK, 1986, p. 63

a quota de graus académicos que podiam ser atribuídos, foram ajustados em resposta a um elevadíssimo aumento populacional.⁵⁹ Assim sendo, o início do século XIX trouxe consigo uma multidão de homens de elevada educação que procuravam posições num sistema de serviço civil que não havia acompanhado o crescimento da população. O resultado foi um aumento do número de letrados que não encontravam lugar dentro do aparelho burocrático, entre os quais podemos encontrar Hong.⁶⁰

O seu pai admitiu-o novamente para o trabalho no campo, ocupação que manteve até à vinda de um colega abastado de Hong, que o convidou para o acompanhar num ano de estudo noutra local, provavelmente Cantão. Quando regressou, com 18 anos, foi admitido como professor numa escola local.⁶¹

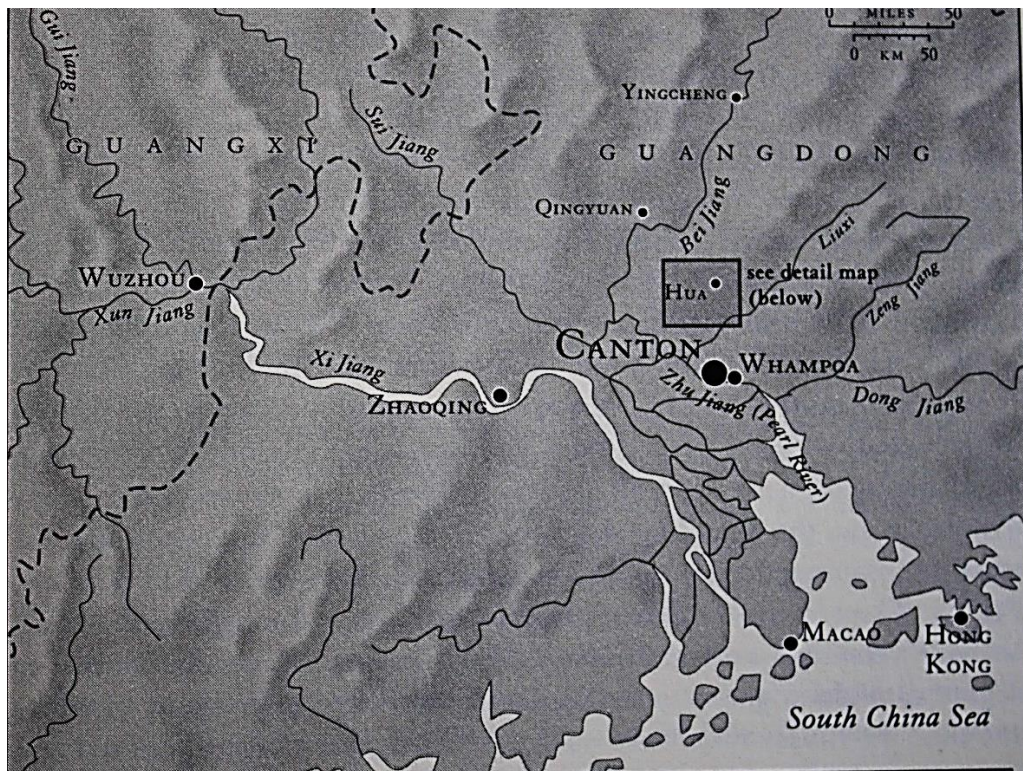


Figura 2. O berço de Hong Xiuquan⁶²

Durante os anos seguintes, Hong continuou a preparar-se para a segunda tentativa nos exames imperiais. A oportunidade chegou em 1836, quando Hong tinha 24 anos, mas terminou como a primeira. Porém, desta estadia em Cantão resultou uma experiência destinada a mudar tanto a sua vida como a própria História da China.

⁵⁹ Cf. FAIRBANK, 1986, p. 64; JONES & KUHN, 1995, p. 110

⁶⁰ Cf. JONES & KUHN, 1995, p. 112

⁶¹ Cf. HAMBERG, 1854, pp. 5-6

⁶² Retirado de SPENCE, 1996, p. 27

Saindo do exame, Hong deparou-se com dois homens, um missionário estrangeiro e o seu intérprete chinês, pregando o Evangelho cristão.⁶³ Das mãos destes, Hong recebeu um conjunto de panfletos que iriam ter um papel determinante na sua vida. O conjunto de panfletos era denominado “Boas Palavras para Exortar a Humanidade”⁶⁴ (劝世良言 *quànshì liángyán*), da autoria de Liang Fa (梁发 *liáng fā*), um cristão chinês ordenado em 1823 e refugiado em Malaca desde 1834.⁶⁵ Regressando a casa, Hong não deu mais importância aos panfletos e deixou-os postos de lado.

Na primavera de 1837, com 25 anos, Hong dirigiu-se novamente a Cantão para participar, e falhar pela terceira vez, nos exames. Desta vez, um intenso desapontamento tomou conta dele. Sentindo-se muito doente, teve de ser carregado de volta para casa numa liteira e aí ficou de cama vários dias. A sua mente encheu-se de visões e, preso entre o consciente e o inconsciente, mergulhou num estado de delírio.

O que se segue é a descrição da visão de Hong Xiuquan, presente na obra de Hamberg, que continua sendo a fonte mais fiável para este assunto:

A princípio, quando fechou os olhos, viu um dragão, um tigre e um galo entrarem no seu quarto, e pouco depois reparou num grande número de homens, tocando instrumentos musicais e aproximando-se com uma bela liteira, na qual lhe pediram que se sentasse. E assim o levaram. Xiuquan pasmou perante a honra e distinção que lhe eram concedidas e não sabia o que pensar. Em breve chegaram a um lugar belo e esplendoroso onde, de ambos os lados, estava reunida uma multidão de belos homens e mulheres, que o saudavam com expressões de grande júbilo. Quando desceu da liteira, uma senhora de idade levou-o até um rio e disse – “Seu homem impuro, porque haveis privado com tais gentes, conspurcando-vos dessa forma? Agora terei de vos purificar.” Depois de concluído o banho, Xiuquan, na companhia de anciãos veneráveis, entre os quais distinguiu muitos dos sábios antigos, entrou num grande edifício onde o abriram com uma faca, retirando o coração e restantes órgãos e substituindo-os com outros novos e de cor encarnada. Mal isto foi feito, a ferida fechou sem deixar qualquer marca da incisão que havia sido feita. Sobre as muralhas que rodeavam aquele lugar, Xiuquan reparou num conjunto de tábuas com inscrições exortando a virtude, que examinou uma

⁶³ A maioria dos autores estrangeiros consideram o intérprete como sendo Liang Fa, o próprio autor dos panfletos. No entanto, Jen e Spence ambos excluem esta possibilidade, chamando a atenção para o facto de Liang Fa não se encontrar em Cantão nesse mesmo ano. Quanto ao missionário, os mesmos autores propõem o nome de Edwin Stevens. Cf. JEN, 1973, p. 14; SPENCE, 1996, pp. 31–32

⁶⁴ HAMBERG, 1854, p. 9. “Good Words for Exhorting the Age”. TdA.

⁶⁵ Cf. SU, 2017, p. 5-6

a uma. De seguida, entraram noutra grande salão, de beleza e esplendor indescritíveis. Um ancião, de idade avançada, com barba dourada e envergando vestes negras, estava sentada numa postura imponente no lugar mais alto. Assim que enxergou Xiuquan, lágrimas correram pelo seu rosto e disse, - “Todos os seres humanos do mundo são criados e sustidos por mim; alimentam-se da minha comida e vestem-se com as minhas roupas, mas nem de entre eles me tem no coração e me venera; pior do que isso, tomam partido das minhas dádivas e veneram demónios; revoltam-se deliberadamente contra mim e provocam a minha raiva. Não os imiteis.” De seguida deu a Xiuquan uma espada, ordenando-o que exterminasse os demónios, mas que poupasse os seus irmãos e irmãs; um selo com o qual subjugaria os maus espíritos, e um fruto de cor amarela que Xiuquan achou doce. Quando recebeu as insígnias de realeza das mãos do ancião, imediatamente incitou os presentes no salão a retomar o serviço. Alguns responderam, dizendo: “De facto negligenciamos os nossos deveres para com o Venerável.” Outros disseram, “Porque temos nós que o venerar? Sejamos felizes e bebamos juntos com os nossos amigos.” Xiuquan, perante a dureza daqueles corações, continuou as suas advertências com lágrimas nos olhos. O ancião disse-lhe “Toma coragem e leva a cabo a tarefa; eu auxiliar-te-ei em toda a adversidade.” Dito isto, voltou-se para a assembleia dos sábios e virtuosos dizendo: “Xiuquan é indicado para esta tarefa”; e seguidamente, conduziu Xiuquan para fora e pediu-lhe que olhasse para baixo, dizendo, “Observa as gentes desta terra! Imensurável é a perversidade nos seus corações.” Xiuquan olhou e viu tal perversidade e vício que os seus olhos não suportaram a visão, nem a sua boca encontrou palavras para expressar tais ações.⁶⁶

⁶⁶ *Idem*, pp. 9–11. “At first when his eyes were closed, he saw a dragon, a tiger and a cock entering his room, and soon after he observed a great number of men, playing upon musical instruments, approaching with a beautiful sedan chair, in which they invited him to be seated, and then carried him away. Siu-tshuen felt greatly astonished at the honour and distinction bestowed upon him, and knew not what to think thereof. They soon arrived at a beautiful and luminous palace, where on both sides were assembled a multitude of fine men and women, who saluted him with expressions of great joy. As he left the sedan, an old woman took him down to a river and said, - “Thou dirty man, why hast thou kept company with yonder people, and defiled thyself? I must now wash you clean.” After the washing was performed, Siu-tshuen, in company with a great number of old virtuous and venerable men, among whom he remarked many of the ancient sages, entered a large building where they opened his body with a knife, took out his heart and other parts, and put in their place others new and of a red colour. Instantly when this was done, the wound closed, and he could see no trace of the incision which had been made. Upon the walls surrounding this place, Siu-tshuen remarked a number of Tablets with inscriptions exhorting to virtue, which he one by one examined. Afterwards they entered another large hall the beauty and splendour of which were beyond description. A man, venerable in years, with golden beard and dressed in a black robe, was sitting in an imposing attitude upon the highest place. As soon as he observed Siu-tshuen, he began to shed tears and said, - “All human beings in the whole world are produced and sustained by me; they eat my food and wear my clothing, but not a single one among them has a heart to remember and venerate me; what is however still worse than that, they take my gifts, and therewith worship demons; they purposely rebel against me, and arouse my anger. Do thou not imitate them.” Thereupon he gave Siu-tshuen a sword, commanding him to exterminate the demons, but to spare his brothers and sisters; a seal by which he would overcome the evil spirits, and also a yellow fruit to eat, which Siu-tshuen found sweet to the taste. When he had received the ensigns of royalty from the hand of the old man, he instantly commenced to exhort those collected in the hall to return to their duties toward the venerable old man upon the high seat. Some replied to his exhortations, saying, “We have indeed forgotten our duties to the venerable.” Others said, “Why should we venerate him? Let us only be merry, and drink together with our friends.” Siu-tshuen then, because of the hardness of their hearts, continued his admonitions with tears. The old man said to him, “Take courage and do the work; I will assist thee in every difficulty.” Shortly after this he turned to the assemblage of the old and virtuous saying, “Siu-tshuen is competent to this charge”; and thereupon he led Siu-tshuen out, told him to look down from above, and said, “Behold the people upon this earth! Hundredfold is the perverseness of their hearts.” Siu-

Hamberg continua, descrevendo as provações de Hong:

*A doença e as visões de Xiuquan prolongaram-se por quarenta dias, e nessas visões este encontrava-se frequentemente com um homem de meia idade, a quem chamava de irmão mais velho, que lhe dava instruções sobre como agir, o acompanhava nas suas expedições até às regiões mais longínquas em busca de espíritos malignos e o ajudava a matá-los e aniquilá-los.*⁶⁷

Finalmente desperto do seu transe, Xiuquan proclamou ao seu pai: “O venerável pai que está nos Céus ordenou que todos os homens viessem a mim, que todos os tesouros viessem a mim”.⁶⁸

As mudanças verificadas em Hong após o período de doença foram enormes. Tornou-se cordial mas de duro olhar, aberto e liberal mas calculista.⁶⁹ O seu aspeto físico também mudou: a sua postura tornou-se altiva e o seu passo firme e seguro.⁷⁰ A princípio, a sua preocupação pareceu ser a confirmação do estatuto conferido a si próprio pelas suas visões. Compôs poemas enaltecendo o seu próprio estatuto de “filho segundo de Deus”, autodenominando-se soberano de toda a China e mudando o seu nome para Xiuquan (秀全 *xiùquán*): *xiù* 秀 do seu nome original e *quán* 全, cujo caracter é composto por “pessoa” (人 *rén*) e “rei” (王 *wáng*).⁷¹ Acima de tudo, a sua atitude mudou para uma crença inabalável na sua missão divina. É precisamente esta convicção contagiante que vai levar tanta gente a lutar até à morte por ele.⁷²

Durante os anos seguintes, Hong retomou o seu trabalho de professor na sua aldeia, eventualmente esquecendo a sua doença e as suas visões. A sua amargura perante o sistema de exames imperiais atenuou-se, tanto que, em 1843, os tentou pela quarta vez.⁷³ Porém, o consequente falhanço enfureceu-o de tal forma que, durante a viagem de regresso, compôs um poema maldizendo os examinadores e proclamando a sua decisão

tshuen looked and saw such a degree of depravity and vice, that his eyes could not endure the sight nor his mouth express their deeds.” TdA.

⁶⁷ *Idem*, p. 11. “The sickness and visions of Siu-tshuen continued about forty days, and in these visions he often met with a man of middle age, whom he called his elder brother, who instructed him how to act, accompanied him upon his wanderings to the uttermost regions in search of evil spirits, and assisted him in slaying and exterminating them.” TdA.

⁶⁸ JEN, 1973, p. 17. “The venerable old man above has commanded that all man shall turn to me, and all treasures shall flow to me.” TdA.

⁶⁹ Cf. HAMBERG, 1854, p. 14

⁷⁰ *Idem, Ibidem*

⁷¹ Cf. JEN, 1973, p. 19; SPENCE, 1996, p. 49

⁷² Cf. JEN, 1973, p. 19

⁷³ *Idem, Ibidem*

de liderar uma revolução contra os manchus.⁷⁴ Ninguém na altura acreditaria que isto seria o início do Movimento Taiping.⁷⁵

No verão de 1843, Hong recebeu uma visita do seu primo Li Jingfang (李敬芳 *lǐ jìngfāng*), que reparou e pediu emprestados os panfletos obtidos do missionário Stevens em Cantão. Após lê-los, Li comentou com Hong o seu fascínio por uma doutrina tão diferente da dos clássicos chineses.⁷⁶ Hong leu os panfletos mais uma vez, descobrindo subitamente que neles residia a chave das suas visões. Começou a identificar o venerável ancião com Deus e o homem de meia-idade com Jesus Cristo.⁷⁷ As visões que tivera há seis anos atrás regressaram subitamente, desta vez com novo significado conferido pela correspondência com os eventos dos panfletos.

O batismo seguiu-se rapidamente. Após longas discussões acerca do conteúdo dos panfletos, Hong e Li decidiram batizar-se. Assim, tendo rezado a Deus com a solene promessa de não adorar ídolos, não praticar o Mal mas respeitar os Dez Mandamentos, batizaram-se mutuamente.⁷⁸

A importância dos panfletos na formação da crença religiosa de Hong e mesmo na formação das bases ideológicas do movimento Taiping não pode ser subestimada.⁷⁹ Com efeito, estes panfletos foram, pelo menos no início, a única fonte ideológica disponível a Hong.⁸⁰ De modo igualmente significativo para ele, o valor dos mesmos panfletos residia no facto de estes provarem que as suas visões e a sua nomeação por Deus como soberano da China não eram simples invenção sua. Por palavras suas:

*“Estes livros,” disse ele, “foram certamente trazidos a mim pelos Céus, para confirmar a verdade das minhas experiências passadas; se eu os tivesse recebido sem ter passado pela doença, não me teria atrevido a acreditar neles, assim me opondo aos costumes de todo o mundo; se eu tivesse apenas estado doente e não tivesse recebido os livros, não teria qualquer evidência da verdade das minhas visões, que poderiam ser consideradas produto de uma imaginação febril”.*⁸¹

⁷⁴ A afirmação é de Jen. Kuhn afirma que é improvável que Hong nutrisse, já nesta altura, sentimentos anti-manchu e defende que o poema foi escrito numa altura posterior. Cf. JEN, 1973, p. 19; KUHN, 1995, p. 268

⁷⁵ Cf. JEN, 1973, pp. 19–20

⁷⁶ Cf. HAMBERG, 1854, p. 19

⁷⁷ Cf. KUHN, 1995, p. 269

⁷⁸ Cf. JEN, 1973, p. 20

⁷⁹ Cf. KUHN, 1995, p. 267

⁸⁰ Cf. JEN, 1973, pp. 20–21

⁸¹ HAMBERG, 1854, p. 21. *“These books,” said he, “are certainly sent purposely by heaven to me, to confirm the truth of my former experiences; if I had received the books without having gone through the sickness, I should not have dared to believe in them, and on my own account to oppose the customs of the whole world; if I had merely been sick but not also received the books I should have had no further evidence as to the truth of my visions, which might also have been considered as mere productions of a diseased imagination.”* TdA.

A sua crença inabalável na autoridade dos panfletos, mais tarde transformada em crença comum entre os soldados Taiping, é ilustrada noutra declaração da época:

*Recebi o comando imediato da parte de Deus e na sua presença; a vontade dos Céus está em mim. Ainda que no futuro me possa deparar com calamidades, dificuldades e sofrimento, estou determinado a agir. Desobedecendo a vontade celestial, apenas provocaria a ira de Deus; e não são estes livros a base de todas as verdadeiras doutrinas contidas em outros livros?*⁸²

Os panfletos transmitiam, de facto, algumas doutrinas básicas do cristianismo. Porém, o seu autor Liang Fa não era teólogo⁸³ e o seu objetivo não era uma exposição global e detalhada da teologia cristã. O grande objetivo dos panfletos era a denúncia dos males decorrentes da idolatria e da superstição.⁸⁴ O Deus apresentado não era o Pai do Novo Testamento, mas sim o Deus bélico e vingativo do Velho Testamento.⁸⁵ Assim, Hong teve que depender da sua própria ingenuidade para interpretar as passagens bíblicas incluídas nos panfletos, passagens essas que eram, aliás, retiradas de uma tradução obscura e por vezes ininteligível da Bíblia.⁸⁶ Coube a Hong completar as passagens mais difíceis com a sua própria imaginação. Não surpreende, portanto, que críticos posteriores não considerem a ideologia Taiping como sendo “cristã”.⁸⁷ Em resumo, os dois grandes preceitos que Hong retirou dos panfletos – a existência de um Deus único e a igualdade do Homem perante Deus – tornaram-se leis do Movimento Taiping.

Os panfletos e o batismo deram a Hong um novo sentido de direção. Ele e o seu primo destruíram todos os ídolos em casa deste último, assim como as tábuas de Confúcio (孔子 *kǒngzǐ*) da escola.⁸⁸ Hong regressou à sua aldeia e converteu Feng Yunshan (冯云山 *féng yúnshān*) e Hong Ren'gan (洪仁玕 *hóng rén'gān*), seus primos, também reprovados em exames imperiais.⁸⁹ O primeiro iria tornar-se a personagem chave da primeira fase da revolução, e o segundo o primeiro ministro do governo Taiping.

⁸² *Idem*, p. 22 “I have received the immediate command from God in his presence; the will of Heaven rests with me. Although thereby I should meet with calamity, difficulties, and suffering, yet I am resolved to act. By disobeying the heavenly command, I would only arouse the anger of God; and are not these books the foundation of all the true doctrines contained in other books?” TdA.

⁸³ Cf. KUHN, 1995, p. 267

⁸⁴ Cf. JEN, 1973, p. 21

⁸⁵ Cf. FAIRBANK, 1986, p. 74

⁸⁶ Cf. KUHN, 1995, p. 267

⁸⁷ Cf. JEN, 1973, p. 22

⁸⁸ Cf. BOARDMAN, 1952, p. 13

⁸⁹ Cf. JEN, 1973, p. 23

A destruição dos ícones confucionistas causou, previsivelmente, a consternação dos habitantes da aldeia. Na primavera de 1844, os primos Hong e Feng Yunshan decidiram deixar as suas casas na esperança de reunir seguidores.⁹⁰ O jovem Hong Ren'gan foi impedido de partir pela sua família. Já Hong Xiuquan e Feng Yunshan viajaram até à vizinha província de Guangxi, em busca de um lugar propício para estabelecerem a sua base de operações.⁹¹ Rapidamente obtiveram algum sucesso, tendo convertido vários Hakka à sua ideologia. No entanto, não querendo abusar da hospitalidade dos locais (alguns possuíam mesmo linhagem comum com Hong), resolveu regressar a casa passados alguns meses.⁹²

Os anos seguintes (1845-1847), passados em Guangdong, apesar de pouco significativos no que diz respeito à organização do futuro movimento Taiping, foram decisivos na formação ideológica de Hong. Nesta altura, Hong compôs várias odes e ensaios que elaboram um pouco as suas teorias religiosas e sociopolíticas, nomeadamente a ideia de “Irmandade” (todos os Homens são irmãos perante Deus) e o dever que cada um possui de retificar o seu caráter.⁹³ Estes princípios vão ao encontro da necessidade de harmonização da doutrina cristã com a ética tradicional confucionista, preocupação que também ocupou os cristãos protestantes chineses dos finais da dinastia Qing.⁹⁴

Mais significativa foi a visita de Hong, acompanhado do primo Hong Ren'gan, a Cantão. Tal visita ocorreu a convite do missionário Issacar Jacox Roberts⁹⁵, que acolheu os primos e os convidou a melhor conhecer a Bíblia e a doutrina cristã. Confrontado com a avidez e fervor revelados por Hong, Roberts considerou batizá-lo. Porém, a inveja de dois assistentes do missionário e a frágil situação financeira de Hong levou Roberts a pensar se este não se tratava apenas de mais um parasita atraído à missão religiosa em busca de sustento.⁹⁶ No final de tudo, o missionário acabou por rejeitar Hong. Porém, esta rejeição não serviu para desanimar o aspirante. Muito pelo contrário. Através de Roberts, Hong teve finalmente oportunidade de ler a Bíblia na sua totalidade, testemunhar

⁹⁰ *Idem*, p. 24

⁹¹ *Idem, Ibidem*

⁹² *Idem*, p. 25; KUHN, 1995, p. 270

⁹³ Jen nota que Hong procura desta forma relacionar a educação moral tradicional chinesa com o sistema ético cristão. Cf. JEN, 1973, p. 26

⁹⁴ Cf. CHAN, 2011, p.188. Os aspetos de mais difícil conciliação entre as duas doutrinas era a piedade filial e o culto dos antepassados, este último considerado idolatria tanto pelos protestantes chineses como por Hong Xiuquan. No entanto, a constante preocupação de Hong em não desobedecer às ordens de seu “pai” (Deus) e “irmão mais velho” (Jesus) revelam que este não colocou de lado este aspeto basilar da tradição confucionista. Nda.

⁹⁵ Acerca de Roberts e da sua obra na China, ver WYLIE, 1867, pp. 95-97

⁹⁶ Cf. JEN, 1973, pp. 28-29

eucaristias e aceder a panfletos e literatura das mais variadas missões cristãs. Tal conhecimento seria imprescindível para a sua posterior produção literária.⁹⁷

Entretanto, a missão evangélica de Feng Yunshan em Guangxi tinha tido êxito considerável. Aquando do regresso de Hong a esta província, em meados de 1847, Feng havia-se estabelecido numa pequena aldeia no sopé da montanha Zijing (紫荆山 *zǐjīng shān*), no distrito de Guiping (桂平 *guìpíng*).⁹⁸ A organização, que começou a autodenominar-se *Sociedade dos Adoradores de Deus* (拜上帝会 *bàishàngdì huì*), contava já com cerca de três mil membros espalhados por várias aldeias da região.⁹⁹ No entanto, muitos não o faziam por se sentirem atraídos pela sua doutrina, mas sim porque buscavam proteção contra a opressão e exploração por parte das comunidades locais, com as quais, como vimos, mantinham relações tensas, quando não hostis.¹⁰⁰

Durante o período entre 1847 e 1849, o aumento dos impostos, a generalização da carestia e a insegurança provocada pelo crescente banditismo haviam levado inúmeras pessoas a associarem-se à *Sociedade dos Adoradores de Deus*. A maioria pertencia à minoria Hakka, mas muitos pertenciam também a sociedades secretas, que possuíam desejos de rebelião contra os Qing.¹⁰¹ Estes últimos eram obrigados a abandonar os seus usos e costumes e a adotar a estrita disciplina Taiping, coisa que poucos se mostraram dispostos a fazer. Um notável exemplo disso mesmo é o caso do pirata Luo Dagang (罗大刚 *luó dàgāng*), que desempenhou um papel crucial na organização da marinha de guerra Taiping.¹⁰²

Consequentemente, e antecipando uma inevitável refrega com as forças imperiais, os *Adoradores de Deus* começaram a organizar-se cada vez mais nos moldes de um exército com tendências anti-manchu.¹⁰³ Os seus membros e respetivas famílias abandonaram as suas casas, venderam os seus bens e, com o dinheiro assim reunido, criaram um erário comum.¹⁰⁴

A princípio, ocupados como estavam com os desígnios imperialistas britânicos e franceses, as forças imperiais não consideraram uma organização como a dos *Adoradores de Deus* uma ameaça ao sistema vigente. De facto, mau grado notícias de várias

⁹⁷ *Idem*, p. 29

⁹⁸ Cf. BOARDMAN, 1952, p. 14

⁹⁹ Cf. JEN, 1973, p. 32

¹⁰⁰ Cf. HAMBERG, 1854, pp. 48–49; JOHNSON, 2006, p. 21

¹⁰¹ Cf. BOARDMAN, 1952, p. 15

¹⁰² Cf. HAMBERG, 1854, p. 55

¹⁰³ Cf. JOHNSON, 2006, p. 21

¹⁰⁴ Cf. HAMBERG, 1854, pp. 52–53

expedições iconoclastas perpetradas pela Sociedade, o governo Qing nunca tentou reprimir o crescimento do movimento até este se ter tornado grande de mais para ser controlado facilmente.¹⁰⁵ Quando, em finais de 1850, forças imperiais atacaram finalmente uma congregação de *Adoradores de Deus* na aldeia de Jintian (金田村 *jīntiáncūn*)¹⁰⁶, o movimento envolvia já cerca de 20.000 pessoas e era suficientemente forte para se defender.¹⁰⁷ A agressão não só não suprimiu a congregação como a convenceu de que as forças Qing jamais os deixariam praticar a sua religião em paz. Estava assim justificada a tendência anti-manchu do movimento.

Nos primeiros dias de janeiro de 1851, após o ataque imperialista, Hong declarou o movimento como sendo o início de um novo império, o *Taiping Tianguo* (太平天国 *tàipíng tiānguó*, ou *Reino da Eterna e Celestial Paz*), colocando-se à sua cabeça como *Rei Celestial* (天王 *tiānwáng*).

Os Taiping, agora mobilizados como uma força militar, avançaram através dos campos, acumulando uma série de vitórias sobre forças imperiais desmoralizadas e desorganizadas. A 25 de setembro de 1851, a grande mas mal defendida cidade de Yong'an (永安 *yǒng'ān*) é a primeira a ser ocupada pelos rebeldes.¹⁰⁸ É aqui que muitas das normas sociais e políticas dos Taiping começam a ser aplicadas, nomeadamente a reorganização do exército e a segregação dos sexos.¹⁰⁹ Também nesta etapa, Hong apelou a todo o povo chinês para que se revoltasse contra os opressores estrangeiros (os manchus, não os Britânicos) em nome do orgulho nacional.¹¹⁰ A nível de liderança, o comando político foi sistematizado e unificado: Hong tornou Yang Xiuqing (杨秀清 *yáng xiùqīng*) o *Rei do Oriente* (东王 *dōng wáng*) com funções de primeiro ministro, Xiao Chaogui (萧朝贵 *xiāo cháoguì*) o *Rei do Ocidente* (西王 *xī wáng*), Feng Yunshan o *Rei do Sul* (南王 *nán wáng*), Wei Changhui (韦昌辉 *wéi chānghuī*) o *Rei do Norte* (北王 *běi wáng*) e Shi Dakai (石达开 *shí dákāi*) o *Rei Auxiliar* (翼王 *yì wáng*).¹¹¹ Embora visto como o fundador de uma dinastia derivada de vontade divina, Hong não arrogou para si um estatuto de divindade, que estaria reservado a Deus e a Jesus.¹¹² Entre todos os “Reis”, a posição de

¹⁰⁵ Cf. BOARDMAN, 1952, pp. 14–15; JOHNSON, 2006, p. 21

¹⁰⁶ Cf. JOHNSON, 2006, p. 21

¹⁰⁷ Cf. KUHN, 1995, p. 273

¹⁰⁸ Cf. GRAY, 1990, p. 64; TENG, 1971, p. 74

¹⁰⁹ Cf. TENG, 1971, pp. 75, 76

¹¹⁰ Cf. KUHN, 1995, p. 276

¹¹¹ Cf. HAMBERG, 1854, p. 57

¹¹² Cf. KUHN, 1995, pp. 275–276

Hong era a de um *primus inter pares* cujo poder, como iremos ver, rapidamente foi suplantado por líderes mais ambiciosos como Yang Xiuqing.¹¹³

Entretanto, as forças imperiais apertaram o cerco a Yong'an em janeiro de 1852.¹¹⁴ Cerca de 40.000 Taiping viram-se forçados a abandonar a cidade sob fogo, conseguindo furar as linhas manchus com pesadas baixas. Após uma tentativa falhada de tomar Guilin (桂林 *guílín*) em maio de 1852¹¹⁵, as forças Taiping avançaram ao longo do rio Xiang (湘江 *xiāng jiāng*) até atingirem o rio Yangtzé (长江 *cháng jiāng*), seguindo depois o rio para oriente.¹¹⁶ Foi nesta etapa que os Taiping se depararam com o seu primeiro grande obstáculo: um dos aristocratas rurais da província de Hunan, Jiang Zhongyuan (江忠源 *jiāng zhōngyuán*), havia organizado uma milícia para pacificar as rebeliões que grassavam na província.¹¹⁷ Esta milícia encontrou os Taiping no vau de Suoyi (蓑衣 *suōyī*) no dia 10 de junho de 1852 e a refrega não correu bem para os últimos: um quinto do exército Taiping foi destruído. Feng Yunshan perdeu também aqui a sua vida.¹¹⁸

Nesta fase, mais concretamente após a conquista falhada de Guilin, a construção de uma marinha de combate tornou-se primordial, tanto em termos militares como logísticos.¹¹⁹ De facto, não foi apenas o fator geográfico, mas também a própria organização dos Taiping, que exigiu a formação de uma frota naval.¹²⁰ Devemos ter em mente que a movimentação de um exército exige meios logísticos que permitam a movimentação de víveres, munições e outros mantimentos. A esta dificuldade acrescia o facto de os Taiping, que em finais de 1852 rondavam os 500.000 indivíduos¹²¹, se deslocarem juntamente com as suas famílias, o que se traduzia num número elevadíssimo de não combatentes. Colocando as munições, mantimentos, idosos e crianças nos barcos, os Taiping conseguiram manter a vantagem da velocidade (visto que se deslocavam a favor da corrente) e proteger os seus recursos sem perda significativa de combatentes.¹²²

Tendo por objetivo último a deposição da dinastia reinante¹²³, os Taiping rapidamente se aperceberam da urgência de estabelecerem uma base de operações. A tática de “bate e foge” empregue até este momento não se coadunava com este objetivo.

¹¹³ *Idem*, p. 275

¹¹⁴ Cf. TENG, 1971, p. 78

¹¹⁵ Cf. GRAY, 1990, p. 64

¹¹⁶ *Idem, Ibidem*

¹¹⁷ *Idem, Ibidem*

¹¹⁸ Cf. BOARDMAN, 1952, p. 19; GRAY, 1990, p. 64

¹¹⁹ Cf. SPENCE, 1996, p. 155

¹²⁰ Cf. LAAL, 1952, p. 304

¹²¹ Cf. KUHN, 1995, p. 275

¹²² Cf. LAAL, 1952, p. 305

¹²³ Cf. KUHN, 1995, p. 276

Urgia, portanto, fixar raízes e dar corpo à sociedade visionada por Hong. A primeira tentativa neste sentido ocorreu em Changsha (长沙 *chángshā*), na província de Hunan, mas não só não teve sucesso como resultou na morte do *Rei do Ocidente* Xiao Chaogui.¹²⁴ Restavam, pois, duas alternativas: marchar para norte e avançar sobre Pequim, ou guinar para este e controlar o delta do rio Yangtzé. Para bem ou para o mal, a decisão final recaiu na última opção, e as forças Taiping abriram caminho até à cidade de Nanquim (南京 *nánjīng*).¹²⁵



Figura 3. O avanço das forças Taiping: de Jintian a Nanquim (1850-1853)¹²⁶

Nanquim era um importante centro administrativo, comercial e cultural no coração da próspera região de Jiangnan (江南 *jiāngnán*), sendo uma excelente localização para capital.¹²⁷ Após a sua conquista no dia 19 de março de 1853, os Taiping detiveram

¹²⁴ Cf. BOARDMAN, 1952, p. 19; GRAY, 1990, p. 64

¹²⁵ Cf. GRAY, 1990, pp. 64-65

¹²⁶ Retirado de J. SPENCE, 1990, p. 173

¹²⁷ Nanquim já possuía histórica como capital dinástica. Zhu Yuanzhang (朱元璋 *zhū yuánzhāng*, r.1386-1398), o fundador da anterior dinastia Ming havia fixado aí a sua capital, que foi posteriormente movida para Pequim (na altura Beiping 北平 *běipíng*) pelo seu filho Zhu Di (朱棣 *zhū dì*, r.1403-1424). NdA.

temporariamente a sua marcha. Foi instaurada a *Capital Celestial* (天京 *tiānjīng*) do *Reino da Eterna e Celestial Paz*, uma cidade que seria reorganizada de acordo com os princípios estipulados pelo seu fundador.¹²⁸ Aqui, a visão de Hong Xiuquan ganharia forma.

¹²⁸ Cf. HAMBERG, 1854, p. 57

1.3. Consolidação e expansão

Em Nanquim, a população manchu que rondava 30 a 40 mil pessoas, incluindo mulheres e crianças, foi chacinada de modo a demonstrar que os “demónios” podiam ser removidos da face da Terra.¹²⁹ O *Reino Celestial* (天国 *tiānguó*) foi governado a partir daqui por mais 11 anos (1853 – 1864), tendo Hong como seu líder nominal. Porém, na prática, a sua autoridade encontrava-se já abaixo da de Yang Xiuqing, que possuiria a capacidade de falar com a voz do Espírito Santo e, portanto, cujas ordens emanavam diretamente de Deus.¹³⁰ Este facto está na origem do que é considerado um dos maiores erros táticos da Rebelião Taiping.

Com efeito, é normalmente admitido que, caso o exército Taiping se tivesse dirigido diretamente para Pequim ao invés de Nanquim, a dinastia manchu teria poucas hipóteses de sobrevivência.¹³¹ A intenção inicial de Hong terá sido precisamente esta, mas este terá sido demovido por Yang Xiuqing e um certo construtor de navios, Tang Zhengcai (唐正才 *táng zhèngcái*), que disponibilizou a sua frota para a conquista de Nanquim.¹³² Desta forma, quando a decisão de atacar Pequim foi finalmente tomada, a força militar principal foi mantida em Nanquim ou aplicada na conquista do rio Yangtzé, enquanto apenas uma parte foi destacada para a expedição ao norte. Considera-se que, caso os Taiping tivessem nesta fase lançado toda a sua força militar contra Pequim, a dinastia manchu não teria, ainda assim, resistido. Por sua vez, se se tivessem concentrado na conquista do Yangtzé e aproveitado a recente captura de Xangai por uma sociedade secreta, os *Espadas Curtas* (小刀会 *xiǎodāohuì*), os Taiping poderiam ter criado um poderoso reino sulista que serviria de contraponto à dinastia Qing. Porém, Hong tentou uma solução de compromisso, perdendo no fim uma coisa e a outra.¹³³

A expedição ao norte iniciou-se em maio de 1853, sob o comando de Lin Fengxiang (李凤祥 *lǐ fèngxiáng*) e Li Kaifang (李开芳 *lǐ kāifāng*). A sua força militar é alvo de larga especulação, com propostas que vão de alguns milhares até 100.000 homens.¹³⁴ Em todo o caso, é consensual que o exército destacado não constituía a totalidade das forças Taiping. Meadows sublinha que se tratava de um exército de

¹²⁹ Cf. ELLEMAN, 2001, p. 41; SPENCE, 1990, p. 174

¹³⁰ Cf. SPENCE, 1990, p. 174

¹³¹ Cf. ELLEMAN, 2001, pp. 40–41; GRAY, 1990, p. 65; TENG, 1971, pp. 125–126

¹³² Cf. GRAY, 1990, pp. 64–65

¹³³ *Idem*, p. 65

¹³⁴ Cf. ELLEMAN, 2001, p. 42; GRAY, 1990, p. 65; TENG, 1971, p. 128

soldados de terceira e quarta categoria.¹³⁵ De qualquer forma, o exército que marchou na direção da província de Anhui não só fracassou em tomar partido das rebeliões locais como nem se deu ao trabalho de manter uma linha de comunicação com a *Capital Celestial*.¹³⁶ O facto de terem tomado um caminho mais longo em direção à província de Henan (河南 *hénán*) ao invés de diretamente através de Shandong (山东 *shāngdōng*) e de carecerem de embarcações que lhes permitisse atravessar o Rio Amarelo deu tempo ao governo manchu de juntar tropas suficientes para fazer frente à ameaça. Pequim convocou forças provenientes de todas as províncias do norte, incluindo cavalaria proveniente da Mongólia (蒙古族 *měnggǔ*), e atingiu o exército Taiping quando apenas 30.000 a 40.000 soldados haviam atravessado o rio.¹³⁷ Apesar de tudo, os Taiping conseguem retirar e chegar aos arredores de Tianjin (天津 *tiānjīn*), perigosamente perto da capital. Porém, sem cavalaria e não habituados ao rigor do inverno no norte da China, tornaram-se num alvo fácil para o contra-ataque manchu.¹³⁸ Reforços vindos de Nanquim não foram suficientes para salvar a empresa e teve início uma longa e difícil retirada para sul por parte dos Taiping, que durou até maio de 1855 com a captura final do general Lin Fengxiang.¹³⁹

Entretanto, tinha lugar uma outra expedição, esta para consolidar o controlo do rio Yangtzé e penetrar na fértil província de Sichuan.¹⁴⁰ O objetivo era assegurar as vias de comunicação fluvial até Nanquim e ter acesso aos terrenos agrícolas do vale do grande rio.¹⁴¹ Neste palco de guerra em particular, o adversário principal seria o famoso mas controverso Zeng Guofan (曾国藩 *zēng guófān*).¹⁴² Antes do envolvimento deste, os Taiping viram a sua vida facilitada: foi restabelecido o controlo de alguns portos do Yangtzé, nomeadamente Anqing (安庆 *ānqìng*). Nanchang (南昌 *nánchāng*), por sua vez, não cairia tão facilmente: após um prolongado cerco de 90 dias (24 de junho a 24 de setembro de 1853), os Taiping foram obrigados a levantar campo e retirar.¹⁴³ Jiujiang (九江 *jiǔjiāng*, 29 de setembro), Hankou (汉口 *hànkǒu*) e Hanyang (汉阳 *hànyáng*) (ambas

¹³⁵ Cf. MEADOWS, 1953, p. 178

¹³⁶ Cf. TENG, 1971, p. 129

¹³⁷ Cf. ELLEMAN, 2001, p. 42

¹³⁸ Cf. BOARDMAN, 1952, p. 21

¹³⁹ Cf. ELLEMAN, 2001, p. 43; TENG, 1971, p. 134

¹⁴⁰ Cf. GRAY, 1990, p. 65

¹⁴¹ Cf. KUHN, 1995, p. 291

¹⁴² Cf. TENG, 1971, p. 134

¹⁴³ Cf. ELLEMAN, 2001, p. 43

a 20 de outubro) e Wuchang (武昌 *wǔchāng*) (26 de junho de 1854) caíram sucessivamente.¹⁴⁴

Entra, porém, em cena Zeng Guofan. Um organizador meticoloso e exemplar, Zeng estabeleceu centros de treino militar, equipou as suas milícias com armamento moderno e formou uma frota para uso futuro ao longo do rio Yangtzé.¹⁴⁵ Na verdade, Zeng mostrou-se um adepto praticante do conceito de “guerra total”. Embarcou numa guerra psicológica com os Taiping, lançando uma campanha de propaganda anti-Taiping equivalente à que estes praticavam contra os Qing.¹⁴⁶ Na sua “Proclamação contra os bandidos do Sul”, Zeng chamava a atenção para as atrocidades e massacres cometidos pelos Taiping nas regiões por onde passavam, encarando os revoltosos não apenas como inimigos da dinastia manchu, mas também como inimigos da civilização chinesa devido à sua rejeição dos valores e ritos confucionistas.¹⁴⁷

Começando em fevereiro de 1854, Zeng Guofan e o seu Exército de Hunan (湘军 *xiāngjūn*) arrancaram uma série de vitórias aos Taiping, conseguindo quase erradicá-los de Hunan e Hubei.¹⁴⁸ No entanto, o seu sucesso foi travado pela chegada à linha da frente de Shi Dakai. Um general extremamente capaz, Shi logrou recuperar as três cidades de Wuhan (Hankou, Hanyang e Wuchang) em abril de 1855 e estabelecer aí a sua base de operações. Em 1856, praticamente todas as praças nas margens do Yangtzé desde Wuchang até Nanquim caíram nas mãos dos Taiping.¹⁴⁹ Por esta altura, a expedição fluvial Taiping tinha sido um sucesso.¹⁵⁰

Porém, esta breve vitória foi contrabalançada por problemas internos, traduzidos numa série de massacres que constitui uma das principais causas para a falência do projeto Taiping. Com efeito, a sobrevivência do movimento exigia que rivalidades e dissensos entre a liderança (os diversos Reis) fossem moderados por um sentimento de irmandade sob uma causa comum.¹⁵¹ No entanto, tal não aconteceu e a desavença adveio da ambição do *Rei do Oriente*, Yang Xiuqing.

Eufórico com a destruição, na primavera de 1856, de dois acampamentos imperiais que ameaçavam Nanquim e aproveitando-se da ausência de Wei Changhui e Shi Dakai, Yang Xiuqing achou-se suficientemente poderoso para tentar usurpar o poder

¹⁴⁴ *Idem, Ibidem*

¹⁴⁵ Cf. ELLEMAN, 2001, p. 44; TENG, 1971, pp. 135–136

¹⁴⁶ Cf. TENG, 1971, p. 136

¹⁴⁷ *Idem, Ibidem*

¹⁴⁸ *Idem*, p. 138

¹⁴⁹ *Idem, Ibidem*

¹⁵⁰ Cf. KUHN, 1995, p. 291

¹⁵¹ *Idem*, p. 294

de Hong Xiuquan.¹⁵² Em resposta, Hong chamou de regresso Wei e Shi e planeou, em conjunto com estes, o assassinato de Yang. O plano não tardou a entrar em ação: na noite de 2 de setembro de 1856, não apenas Yang mas também muitos dos seus apoiantes foram assassinados, um massacre que vitimou cerca de 20.000 pessoas, incluindo mulheres e crianças.¹⁵³ A dimensão da matança incomodou até o próprio Hong, que castigou Wei por excesso de zelo. Amargurado, Wei Changhui perseguiu Shi Dakai, que o culpava do massacre de tanta gente inocente e que se viu forçado a fugir de Nanquim. Shi Dakai foi obrigado a recorrer a Hong para o proteger de Wei. Hong fez mais que isso: em novembro de 1856, a cabeça de Wei foi acompanhada por mais 200 dos seus seguidores.¹⁵⁴



Figura 4. Hong Xiuquan, o Rei Celestial (n. 1814-1864)¹⁵⁵

Os efeitos desta tragédia foram devastadores para o *Reino Celestial*. Por um lado, foi criado um vazio de poder com a morte de dois dos principais dirigentes do movimento, Yang Xiuqing e Wei Changhui. Por outro, ao assassinato destas duas figuras seguiu-se a de centenas de burocratas e altos-funcionários que haviam tomado o partido de um ou de outro.¹⁵⁶ O massacre entre “irmãos cristãos” foi igualmente um rude golpe ao moral e fervor ideológico dos Taiping, que jamais recuperaram o seu vigor original.¹⁵⁷

¹⁵² Cf. GRAY, 1990, p. 66

¹⁵³ *Idem, Ibidem*; TENG, 1971, p. 140

¹⁵⁴ Cf. TENG, 1971, p. 141

¹⁵⁵ Retirado de <https://www.britannica.com/event/Taiping-Rebellion>. Acedido a 30 de maio de 2018.

¹⁵⁶ *Idem*, p. 143

¹⁵⁷ *Idem, Ibidem*

1.4. Declínio e Queda

Após as chacinas internas de 1856, o *Reino Celestial* entrou em declínio. O povo começou a ansiar pela chegada de um líder que os reconduzisse à glória passada. Dos seis líderes originais, apenas restavam Hong Xiuquan e Shi Dakai. Desacreditado pelos recentes massacres e pela sua incapacidade de manter o poder, Hong não se afigurava como um líder fiável. Não se estranha, portanto, que Shi Dakai se tenha tornado o novo favorito. Porém, este favoritismo não passou despercebido e Shi viu-se obrigado a abandonar Nanquim em maio de 1857, sob acusações de planejar um golpe de estado.¹⁵⁸ Levando consigo um exército de cerca de 200.000 homens, Shi partiu à conquista das províncias de Sichuan e Yunnan (云南 *yúnnán*), tendo sido por fim capturado e executado por forças manchus em agosto de 1863.¹⁵⁹

Após esta série de intrigas e golpes palacianos, o *Reino Celestial* ressentiu-se com a retirada do brilhante Shi Dakai e a crescente influência dos irmãos de Hong, que substituíram os Reis originais.¹⁶⁰ Entretanto, novos focos de resistência aos Taiping surgiam continuamente. Apesar de alguns sucessos militares obtidos por Li Xiucheng (李秀成 *lǐ xiùchéng*), elevado ao comando após o fratricídio de 1856 e um dos melhores generais do *Reino Celestial*, o controlo do curso do rio Yangtzé foi sendo perdido para a frota de Zeng Guofan.¹⁶¹ A base fluvial de Anqing passou também a estar ameaçada. Este período de declínio militar, que se estendeu de finais de 1856 até meados de 1858, culminou com a perda de Jiujiang e o restabelecimento de acampamentos militares imperiais na periferia de Nanquim.¹⁶²

Em abril de 1859, chegaria a Nanquim uma personagem que marcaria os últimos anos do *Reino Celestial*, assim como a imagem do movimento Taiping que ficaria para a posteridade.¹⁶³ Trata-se de Hong Ren'gan, o primo de Hong Xiuquan que fizera parte do grupo de convertidos dos primeiros tempos do movimento. Como vimos anteriormente, quando Hong e Feng Yunshan se deslocaram para Guangxi, Hong Ren'gan ficara para trás por ser demasiado jovem. Havendo, entretanto, estudado em Hong Kong, Hong Ren'gan tornara-se um catequista cristão com ligações próximas a missionários

¹⁵⁸ Cf. ELLEMAN, 2001, p. 52; GRAY, 1990, p. 67

¹⁵⁹ Cf. ELLEMAN, 2001, p. 52

¹⁶⁰ Cf. BOARDMAN, 1952, p. 22

¹⁶¹ Cf. GRAY, 1990, pp. 70–71

¹⁶² Cf. KUHN, 1995, p. 295

¹⁶³ O relato do Reverendo Theodore Hamberg é constituído por uma série de entrevistas feitas a Hong Ren'gan, continuando a ser uma das principais fontes para o estudo das origens da Rebelião Taiping. Cf. HAMBERG, 1854. NdA.

protestantes e munido de uma educação ocidental.¹⁶⁴ Hong Xiuquan recebeu-o calorosamente, concedendo-lhe o título de Gan Wang (干王 *gān wáng*), ou *Rei Protetor*, assim como a autoridade de primeiro-ministro.¹⁶⁵

De modo a restaurar o *Reino Celestial*, Hong Ren'gan estabeleceu três objetivos:¹⁶⁶ purificar a doutrina religiosa Taiping, lançar um programa de reformas “ocidentalizantes” e estabelecer uma aliança com as potências ocidentais. Em primeiro lugar, e armado de um conhecimento mais completo do cristianismo do que o que Hong Xiuquan possuía, Hong Ren'gan procurou corrigir os erros mais flagrantes do primo, sem com isto pôr em causa o seu papel de *Rei Celestial*. Seguidamente, procurou fomentar a modernização do regime através da construção de vias de comunicação, do apelo à opinião pública, do estabelecimento de bancos e companhias seguradoras, do combate à corrupção e da criação de instituições de caridade. Tratava-se, no fundo, de substituir o puritanismo austero vigente com uma “visão prática de desenvolvimento sob a forma democrática”.¹⁶⁷

A concretização destas reformas requeria o contacto direto com as potências ocidentais. Consequentemente, o *Reino Celestial* projetou as suas forças para este, na direção de Xangai, tentando não descuidar as possessões a oeste, sempre sob pressão constante.¹⁶⁸ A posse das cidades do delta do rio Yangtzé proporcionaria também o potencial acesso a embarcações ocidentais, que poderiam depois ser utilizadas em combates no médio curso do grande rio.¹⁶⁹

Hangzhou (杭州 *hángzhōu*) caiu a 19 de março de 1860, frente a um exército relativamente reduzido, mas brilhantemente dirigido por Li Xiucheng.¹⁷⁰ Esta conquista serviu principalmente de isco para atrair a atenção das forças manchus que procuravam novamente rodear Nanquim. O subterfúgio resultou na perfeição: enquanto Li Xiucheng regressava a Nanquim, as forças imperiais dirigiram-se apressadamente para Hangzhou, deixando o seu acampamento desprotegido e aberto a uma ofensiva Taiping.¹⁷¹

Esta vitória, orquestrada por Hong Ren'gan, permitiu ao *Reino Celestial* recuperar algum espaço de manobra e iniciar uma expedição para tomar Changzhou (常州 *chángzhōu*, maio de 1860), Suzhou (苏州 *sūzhōu*, junho de 1860) e, em último lugar,

¹⁶⁴ Cf. GRAY, 1990, p. 71; KUHN, 1995, p. 296

¹⁶⁵ Cf. BOARDMAN, 1952, p. 22

¹⁶⁶ *Idem, Ibidem*; GRAY, 1990, p. 71

¹⁶⁷ GRAY, 1990, p. 71. “...vision of practical development under democratic forms.” TdA.

¹⁶⁸ Cf. ELLEMAN, 2001, p. 52; GRAY, 1990, pp. 71–72

¹⁶⁹ Cf. KUHN, 1995, p. 297

¹⁷⁰ Cf. ELLEMAN, 2001, p. 52; GRAY, 1990, p. 72

¹⁷¹ Cf. ELLEMAN, 2001, p. 53; GRAY, 1990, p. 72

Xangai.¹⁷² No entanto, se a conquista das duas primeiras cidades teve sucesso, a aproximação àquela última introduziu mais uma peça no jogo. Uma peça que, ainda que tardia, será decisiva para o resultado final.

Com efeito, “a atitude das potências estrangeiras tornou-se, pela primeira vez, uma variável decisiva na situação”.¹⁷³ Aquilo que anteriormente era para as potências ocidentais apenas uma questão teórica (neutralidade ou intervenção), tornava-se agora a questão do dia. É certo que, no âmbito ideológico, o cristianismo Taiping podia esperar a simpatia do Ocidente. No entanto, preces não enchem cofres e, a menos que os revoltosos conseguissem assegurar condições vantajosas ao comércio, as potências ocidentais não teriam interesse na alternativa Taiping.

Com efeito, como será visto adiante no capítulo segundo, foram os interesses económicos ocidentais que mais pesaram na decisão de apoiar a dinastia manchu. O Tratado de Tianjin, confirmado em 1857, abriu finalmente Wuhan e as margens do Yangtzé aos britânicos, e a instabilidade causada pelos Taiping impedia precisamente o usufruto dessas regalias.¹⁷⁴ No entanto, a primeira quebra de neutralidade por parte de forças ocidentais não constituiu, por si só, uma mudança de postura.¹⁷⁵ Quando, em julho de 1860, Li Xiucheng se aproximou de Xangai e se deparou com resistência ocidental, esta era motivada não tanto pela hostilidade aos Taiping mas sobretudo pelo receio de que Xangai caísse novamente em mãos alheias, como tinha acontecido em 1853 com os *Espadas Curtas*.¹⁷⁶

Esta postura indecisa por parte das potências ocidentais levou a uma trégua de um ano, durante a qual os Taiping, especialmente Hong Ren’gan, procuraram granjear as boas graças dos estrangeiros.¹⁷⁷ No entanto, como se verá mais tarde, tal não iria acontecer e, terminado o período combinado, Li Xiucheng avançou novamente sobre Xangai. Desta vez, o comandante Taiping encontrou uma defesa organizada, na pessoa do mercenário norte-americano Ward e no seu “Exército Invicto” constituído por tropas britânicas e francesas.¹⁷⁸ Estas travaram uma série de combates com Li de forma a estabelecer um perímetro defensivo de 30 milhas em torno de Xangai.¹⁷⁹

¹⁷² Cf. BOARDMAN, 1952, p. 23

¹⁷³ GRAY, 1990, p. 72. “...the attitude of the foreign powers became for the first time a factor in the situation”. TdA.

¹⁷⁴ Cf. GRAY, 1990, p. 73

¹⁷⁵ *Idem, Ibidem*

¹⁷⁶ *Idem, Ibidem*

¹⁷⁷ Cf. KUHN, 1995, p. 303

¹⁷⁸ GRAY, 1990, p. 75. “Ever-Victorious Army”. TdA.

¹⁷⁹ Cf. BOARDMAN, 1952, p. 24

No início dos anos 1860, as forças Taiping já se encontravam demasiado dispersas. As recém-conquistadas Hangzhou e Suzhou depressa se encontraram sob o ataque do discípulo de Zeng Guofan, Li Hongzhang (李鴻章 *lǐ hóngzhāng*). A perda de Anqing em setembro de 1861 e a instabilidade da liderança Taiping, onde reinava a ambição e a inveja, serviram de pano de fundo à extinção do movimento.¹⁸⁰ Zeng Guoquan (曾国荃 *zēng guóquán*), irmão de Zeng Guofan, encontrou pouca resistência no seu avanço para Nanquim, que foi novamente cercada. Li Xiucheng, regressado a Nanquim, terá procurado convencer o *Rei Celestial* a abandonar a cidade, mas este último terá recusado.¹⁸¹ Hong cometeu suicídio em julho de 1864, e a *Capital Celestial* caiu com ele.

Chegado o fim em julho de 1864, Zeng Guoquan terá comunicado ao seu irmão Zeng Guofan:

*Por três dias, do dia dezassete ao dia dezanove, mais de 100,000 ferozes bandidos – os mesmos que haviam devastado Liangkwan [Guangdong e Guangxi], Lianghu [Hubei e Hunan] e Kiangpeh por muitos anos – foram chacinados (...) Encontro-me neste momento a enviar soldados para combater o fogo, enterrar os cadáveres dos bandidos e cuidar dos refugiados. Estarei ocupado durante algum tempo com os trabalhos de reconstrução. Muitos pensamentos me vêm à cabeça e, quando olho para trás, só consigo sentir tristeza. O exército destacado para o cerco e conquista de Nanquim tem lutado por mais de dois anos. Mais de 10,000 de entre eles pereceram de todo o género de doenças, e mais de 8,000 morreram em combate. Graças à autoridade e prestígio de Sua Majestade, fomos capazes de, por fim, alcançar o objetivo a que nos havíamos proposto.*¹⁸²

Assim terminava a mais longa e devastadora guerra civil do século XIX. Em Nanquim, uma centena de milhar de Taipings pereceu, preferindo a morte á rendição. Nenhum sobreviveu. A sua religião desapareceu com eles.¹⁸³ No entanto, o legado Taiping continuou vivo e inspirou gerações vindouras de líderes nacionalistas e

¹⁸⁰ Cf. KUHN, 1995, pp. 307–308

¹⁸¹ Cf. GRAY, 1990, p. 75

¹⁸² TSENG, Kuo-ch'üan, *The Capture of Nanking in DUN*, 1969, pp. 137–138. “For three days, from the seventeenth to the nineteenth, more than 100,000 ferocious bandits – the same bandits who had ravaged Liangkang [Kwangtung and Kiangsi] Lianghu [Hupeh and Hunan] and Kiangpeh for many years – were slaughtered (...) At this moment I am sending soldiers to fight the fire, bury the bandits’ dead bodies, and take care of the refugees. I shall be busy with the reconstruction work for some time. Many thoughts come to my mind, and as I look back, I cannot but feel a sense of sadness. The army assigned to the siege and capture of Nanking has been fighting for more than two years. More than 10,000 of its rank and file have died of diseases of one kind or another, and more than 8,000 have perished in combat. Thanks to His Majesty’s authority and prestige, we have been able, finally, to achieve the goal we set out to achieve.” TdA.

¹⁸³ Cf. GRAY, 1990, p. 76

socialistas na sua luta pelo ideal igualitário. De que forma a ideologia e o programa social igualitários (se é que o foram) dos Taiping inspirou figuras marcantes da China pós-imperial são questões que serão abordadas nos capítulos seguintes.



Figura 5. Extensão máxima do Reino Celestial¹⁸⁴

Considerando o fervor ideológico e o rápido progresso inicial da Rebelião Taiping, assim como a fragilidade e impotência da dinastia imperial, podemos colocar uma última pergunta: porque não teve a Rebelião Taiping sucesso?

Uma das razões, quiçá a mais significativa, prende-se com a falência da sua liderança coletiva.¹⁸⁵ Hong terá investido de autoridade régia membros da congregação original, que governavam sob a sua supervisão. Porém, alguns dos mais talentosos

¹⁸⁴ Retirado de SPENCE, 1996, p. 217

¹⁸⁵ Cf. SPENCE, 1990, p. 175

membros, como Feng Yunshan, haviam sido mortos e outros como Shi Dakai e Yang Xiuqing perderam progressivamente a fé em Hong ou usurparam o seu poder. Como vimos, Yang foi inclusive assassinado em 1856, num golpe palaciano ordenado por Hong.

Por sua vez, Hong revelou-se um líder pouco capaz e sem visão política.¹⁸⁶ Após a conquista de Nanquim, não aproveitou a oportunidade de continuar o avanço para Pequim e retirou-se para o seu palácio, passando os dias a perscrutar cada página da Bíblia por passagens que fizessem referência a si próprio e à sua missão. Em seu redor entrincheiraram-se os seus familiares e parentes, gente corrupta e sem talento, mas que assumiu o controlo do *Reino Celestial*.¹⁸⁷

De igual modo, os Taiping não conseguiram tomar partido do generalizado sentimento anti-manchu. Caso o tivessem feito e mantido Tianjing como uma metrópole aberta sob o domínio de Hong, a rebelião poderia ter estabelecido com sucesso uma base política numa das regiões mais férteis da China.¹⁸⁸ Porém, os Taiping, a maioria deles Hakka, acabaram por ser encarados como sendo tão ou mais estrangeiros que os manchus, com o seu dialeto incompreensível, cabelos longos e roupas estranhas. Este facto, aliado à rígida e espartana conduta social e moral que impunham, tornou-os objeto de ódio e originou inúmeras deserções em favor dos Qing.

A falta de coordenação com outras rebeliões contemporâneas, como a dos Nian no norte, ou mesmo com as sociedades secretas, constitui outra oportunidade perdida e outra prova do isolamento dos Taiping.¹⁸⁹ Flagelada simultaneamente por conflitos internos e pelas potências ocidentais, a dinastia Qing muito dificilmente teria resistido a uma ação concertada dos Taiping com outros grupos rebeldes. Porém, o extremismo e asceticismo destes tornou impossível qualquer aliança militar com movimentos suportados por pressupostos confucionistas tradicionais. Apesar de terem existido pontuais momentos de cooperação, não foi estabelecida nenhuma aliança de longo prazo.¹⁹⁰

Os Taiping também não tentaram ganhar a simpatia das potências ocidentais, mau grado o apoio inicial de missionários estrangeiros.¹⁹¹ Como se verá adiante, o Ocidente pretendia utilizar os Taiping como uma arma de arremesso contra a intransigência manchu e esfregava as mãos de antecipação pelos ganhos com uma China fragmentada e

¹⁸⁶ *Idem*, p. 176

¹⁸⁷ *Cf.* LI, 1956, p. 79

¹⁸⁸ *Cf.* SPENCE, 1990, p. 176

¹⁸⁹ *Idem, Ibidem*

¹⁹⁰ *Cf.* KUHN, 1995, p. 317

¹⁹¹ *Cf.* SPENCE, 1990, p. 177

enfraquecida. No entanto, o ódio dos Taiping pelo comércio de ópio e a sua ameaça a Xangai depressa alienaram as potências ocidentais, que temiam perder as vantagens obtidas pelos tratados firmados com os Qing. Missões diplomáticas enviadas a Nanquim em 1853 e 1854 por ingleses, franceses e americanos demonstraram a estes países que os Taiping não só não estavam dispostos a conceder benefícios comerciais como encaravam os ocidentais com a mesma prepotência que os manchus antes da Guerra do Ópio.¹⁹² A oportunidade desperdiçada nesta altura jamais voltaria a surgir e conduziria as potências ocidentais a uma postura de neutralidade, ainda que temporária.

Fairbank realça, com algum sarcasmo, que a inépcia dos líderes Taiping se devia à sua baixa formação literária.¹⁹³ Armados apenas de ambição, os Taiping cometeram erro atrás de erro, ignorando os ocidentais em Xangai, enviando exércitos reduzidos e mal preparados para norte e oeste e, basicamente, lidando com problemas conforme eles iam surgindo, sem qualquer planeamento ou coordenação. No entanto, convém realçar que, pelo menos no que toca à liderança do movimento, os seus membros não eram de todo iletrados: Feng Yunshan havia sido professor na sua aldeia, Yang Xiuqing um funcionário governamental, Wei Changhui um membro de um clã abastado da minoria Zhuang (壮族 *zhàngzú*) e Shi Dakai havia participado (e falhado) nos exames imperiais.¹⁹⁴ Tal grupo era, quando muito, eclético na sua constituição.

Finalmente, a rejeição dos valores e instituições tradicionais por parte da ideologia Taiping tornou difícil a sua penetração nas comunidades rurais para além das muralhas das cidades ocupadas.¹⁹⁵ O seu cariz igualitário e iconoclasta chocava diretamente com os princípios confucionistas da aristocracia fundiária, a única que poderia ter servido de suporte político ao *Reino Celestial*. A incapacidade de criarem uma “contra-elite” que suportasse o governo e a administração votou o empreendimento ao fracasso a longo prazo.¹⁹⁶

¹⁹² Cf. BOARDMAN, 1952, p. 20

¹⁹³ Cf. FAIRBANK, 1986, p. 77

¹⁹⁴ LI, Hsiu-ch'eng, *The Beginnings of the Rebellion in DUN*, 1969, p. 119.

¹⁹⁵ Cf. KUHN, 1995, p. 317

¹⁹⁶ Cf. SPECTOR, 1964, p. xxxviii

Capítulo 2 – De ameaça a inspiração: o processo de reabilitação da Rebelião Taiping

Tanto na China como fora desta, tanto no passado como no tempo presente, a Rebelião Taiping nunca foi referida em termos neutros. O facto histórico traz sempre consigo implicações e interpretações políticas e ideológicas, começando mesmo pela forma como este é referido. Tal é ainda mais evidente na China onde, como veremos adiante, registos históricos são lidos como metáforas políticas e o avanço e postura da historiografia seguem as mudanças de linha política da época.¹⁹⁷

Com este capítulo pretende-se analisar as reações e posições de diversos atores em relação à Rebelião Taiping. No caso do último a ser abordado, Sun Yat-sen, veremos ainda qual o impacto que esta teve na sua ideologia revolucionária. Este exercício ajudar-nos-á a perceber a pluralidade de opiniões em relação ao acontecimento e servirá para mostrar o processo de reabilitação de que este foi alvo, que será consagrado pela historiografia comunista conforme será mostrado no capítulo terceiro.

2.1. Zeng Guofan e as elites fundiárias

Ao longo do capítulo anterior, chamou-se diversas vezes a atenção para o cunho étnico da rebelião. A propaganda Taiping demonizava literalmente a dinastia reinante e associava os manchus aos demónios que Hong combatera nas suas visões. Não havia distinção entre uns e outros, tanto que, nas suas proclamações e documentos, os Taiping faziam uso do prefixo *yao* (妖 *yāo*, demónio) para se referir aos manchus.¹⁹⁸

O ataque movido pela ideologia Taiping contra a ordem tradicional confucionista obrigou o sistema vigente a defender-se. Como também já vimos, os Qing e os seus aliados procederam igualmente a uma campanha de desumanização deliberada do seu inimigo. Zeng Guofan, fundador do *Exército de Hunan* e uma das personagens mais bem estudadas da história da China, tornou-se a face da defesa do sistema vigente contra a ameaça. Dirigindo-se à aristocracia fundiária como guardiões da ordem social, Zeng apelou à defesa dos valores confucionistas, ao invés de exortar à salvação da dinastia manchu.¹⁹⁹ Ao fazê-lo, descreveu os Taiping como inimigos da civilização confucionista:

¹⁹⁷ Cf. WELLER, 1987, p. 731. Este ponto será desenvolvido na secção 3.3. da presente dissertação.

¹⁹⁸ Cf. MEYER-FONG, 2013, p. 5

¹⁹⁹ Acerca do papel das elites letradas na manutenção da ordem social confucionista, Cf. SPECTOR, 1964, pp. xxi–xxix. NdA.

*Como pode isto ser uma mudança que só diz respeito à nossa dinastia Qing? Não, é uma mudança radical que implica toda a nossa tradição moral desde a sua génese, e que faz os nossos Confúcio e Mêncio chorar no submundo. Como pode alguém que saiba ler e escrever ficar calmamente sentado, com as mãos enfiadas nos bolsos, sem pensar em fazer algo quanto a isto?*²⁰⁰

Este apelo reflete não só a posição de Zeng como ainda um fenómeno mais profundo. Trata-se do ressurgimento, devido à corrupção do governo central e à incapacidade do exército, de uma atitude mais intervencionista, guiada pelos valores morais e éticos do confucionismo.²⁰¹ Este facto contribuiu mais do que qualquer outro para a supressão da Rebelião Taiping, assim como de todas as demais sublevações do século XIX na China.²⁰²

A catástrofe interna evidenciada pela rebelião generalizada constituiu um rude despertar da aristocracia fundiária para os problemas que afetavam a administração doméstica. Este novo espírito ativista evidenciou-se principalmente na província de Hunan, precisamente uma das regiões mais afetadas pelo movimento Taiping. Esta província da China central caracterizava-se pelo seu conservadorismo e aderência aos princípios éticos do confucionismo, que tinham como bastião a academia Yuelu (岳麓书院 *yuèlǔ shūyuàn*, atual Universidade de Hunan 湖南大学 *húnán dàxué*) na capital provincial de Changsha.²⁰³ Homens como Zuo Zongtang (左宗棠 *zuǒ zōngtáng*), Hu Linyi (胡林翼 *hú lǐnyī*) e Zeng Guofan provinham desta região. Como foi visto anteriormente, a face da resistência à rebelião por parte das elites será precisamente este último.

Ativista mas profundamente conservador, o carácter de Zeng era especialmente adequado a uma altura em queurgia travar a rebelião e a decadência moral.²⁰⁴ Por sua vez, outros seus colegas, como Zuo Zongtang, mostraram-se mais abertos à tecnologia ocidental e, por conseguinte, em sintonia com a nova era em que o país se encontrava.²⁰⁵ Desta forma, “o mesmo movimento que defendeu a ordem tradicional contra as rebeliões

²⁰⁰ *Idem*, p. xxxix. “How could that be a change that concerns only our Ch’ing dynasty? No, it is a serious change that concerns our entire moral tradition from its very beginnings, and makes our Confucius and our Mencius weep in the netherworld. How can anyone who can read and write remain quietly seated, hands in sleeves, without thinking of doing something about it?” TdA.

²⁰¹ Cf. KUHN, 1995, p. 281

²⁰² Cf. ROWE, 2009, p. 193

²⁰³ *Idem*, p. 195

²⁰⁴ Cf. KUHN, 1995, p. 283

²⁰⁵ *Idem*, *Ibidem*

de meados do século acabou por contribuir, de certa maneira, para as fases iniciais da entrada da China na modernidade.”²⁰⁶

A elite fundiária procurou defender os seus interesses através da formação de associações de defesa locais (團 *tuán*). Este tipo de organização rapidamente se apoderou das autoridades fiscal e policial, permanecendo, no entanto, dentro da órbita governamental.²⁰⁷ Este fenómeno de surgimento, num período de crise, de centros de poder militar e político que assumem algumas das funções do governo central mas que permanecem debaixo do controlo deste é denominado de *regionalismo*.²⁰⁸ A emergência destes focos de poder local constitui um dos fenómenos mais importantes da história imperial chinesa e criará uma nova geração de líderes de etnia Han que ofuscarão a decadente burocracia manchu. Porém, estes nunca desafiaram a autoridade da própria dinastia, limitando-se a ocupar um vazio de poder causado pela debilidade desta.²⁰⁹ Visto que existia uma coincidência de interesses entre as elites fundiárias e a burocracia governamental, os poderes das associações de defesa foram aceites e legitimados por esta última, evitando-se assim a anarquia.²¹⁰ Aqui iremos focar-nos no exemplo de Zeng Guofan, cujo *Exército de Hunan* serviu de modelo para outros exércitos locais, para demonstrar como este sistema evoluiu e funcionou na prática.²¹¹

Em primeiro lugar, vejamos um exemplo relativamente prematuro da eficiência deste tipo de organização no combate à rebelião, protagonizado por Jiang Zhongyuan. Vimos anteriormente que, a 10 de junho de 1852, durante a sua travessia pela província de Guangxi, as forças Taiping depararam-se com a milícia armada e organizada por Jiang no vau de Suoyi, tendo aí sofrido um revés quase fatal que, inclusive, vitimou Feng Yunshan. Tendo-se apercebido da impossibilidade de derrotar a rebelião com as poucas forças Qing existentes, Jiang convocara uma milícia que sacrificava quantidade em nome da qualidade. Movidos tanto por lealdade como pela promessa de recompensa, Jiang e a sua milícia foram mandatados pelo comissariado imperial para suprimir os Taiping.²¹²

Quando, em julho de 1852, Zeng Guofan, regressou à sua terra natal por ocasião do falecimento de sua mãe, encontrou alguns tímidos mecanismos de defesa local em fase de organização.²¹³ No entanto, Zeng estava consciente da insuficiência de tais forças para

²⁰⁶ *Idem*, pp. 283–284. “Thus the very movement that was to champion the traditional order during the mid-century rebellions was also to contribute in some measure to the early phases of China’s modern transformation.” TdA.

²⁰⁷ *Idem*, p. 284

²⁰⁸ Cf. SPECTOR, 1964, p. xxi

²⁰⁹ *Idem*, *Ibidem*

²¹⁰ Cf. KUHN, 1995, p. 284

²¹¹ Cf. SPECTOR, 1964, p. xxxix

²¹² Cf. KUHN, 1995, p. 284

²¹³ *Idem*, pp. 285–286

fazer frente aos Taiping e, tendo recebido da corte imperial o cargo de *Comissário para a Defesa Local* (团练大臣 *tuánliàn dàchén*), procurou utilizar os recursos disponíveis para criar um exército profissional, ao qual mais tarde se juntou também o supramencionado Jiang Zhongyuan. Como organizador brilhante que era, Zeng procedeu com cautela: o seu *Exército de Hunan* (湘军 *xiāng jūn*) abordou os Taiping somente no verão de 1853.²¹⁴



Figura 6. Retrato de Zeng Guofan²¹⁵

A ascensão de líderes como Zeng e Jiang, à cabeça dos seus respectivos exércitos, demonstra a emergência de organizações eficientes e potencialmente subversivas para a dinastia reinante.²¹⁶ No entanto, estas conseguiram, ainda assim, conviver com a ordem vigente. É interessante procurar saber porque assim foi.

²¹⁴ Cf. KUHN, 1995, p. 283

²¹⁵ Coleção *Portraits of Generals and Officials of the Qing Dynasty, 1862-1874*, Museu do Palácio Nacional, Taiwan. Retirado de http://theme.npm.edu.tw/exh103/books_archives/en/ch02-2.html. Acedido a 13 de junho de 2018.

²¹⁶ Convém referir que a emergência de senhores da guerra nas regiões periféricas do império constituiu um dos principais fatores para a queda de algumas das mais poderosas dinastias da História da China, como a Han Oriental (25-220) e a Tang (618-906). NdA.

Para começar, convém referir que o modelo de exército de Zeng possuía uma clara hierarquia de comando, na qual cada patente possuía estreitas relações pessoais com os seus colegas e superiores.²¹⁷ Este modo de liderança, que nos traz à memória o sistema feudal europeu, fazia uso de relacionamentos pré-existentes entre membros da elite provincial, muitos dos quais haviam estudado juntos e, muitas vezes, partilhavam uma mesma linhagem.²¹⁸ Tal sistema de relações interpessoais, com um oficial da confiança da corte como Zeng à cabeça, conferia ao *Exército de Hunan* uma coesão e disciplina que o colocava acima das próprias tropas Qing em termos de lealdade.

Como suporte ideológico desta organização alicerçada em relações interpessoais, o exército incluía uma acentuada doutrinação confucionista, em linha com a ideologia do próprio Zeng. A prevalência de tal ideologia era reforçada pelo facto de, pelo menos inicialmente, os altos quadros do exército serem ocupados por oficiais detentores de graus académicos. Posteriormente, com a expansão do *Exército de Hunan* e da respetiva hierarquia, novos regimentos foram colocados sob as ordens de oficiais da confiança de Zeng, alguns dos quais de origem humilde. Este fenómeno teve importantes consequências futuras, na medida em que deste corpo de oficiais irão emergir muitos burocratas que terão papel preponderante na administração político-militar do império.²¹⁹

Outra característica distintiva do *Exército de Hunan* era o alto salário auferido pelos seus membros, situado bem acima do que era pago ao exército Qing.²²⁰ Apesar de benéfico para o moral dos combatentes, este facto colocava um problema óbvio: como assegurar condições financeiras para suportar tal exército? A solução para este problema está na origem da apropriação, por parte dos poderes regionais, da autoridade tributária inicialmente monopolizada pelo governo central.

Uma primeira fonte de receitas, assim como um recurso comum a qualquer monarquia com problemas financeiros, é a venda de títulos e privilégios. Pequim não estava isenta de tais práticas. Aliás, a utilidade da venda de títulos não se limitava à angariação de verbas. Com efeito, uma forma de o governo central manter as elites sob controlo era precisamente manter e alimentar uma rivalidade entre a facção académica e “regular” e esta facção “irregular”, possuidora de títulos comprados.²²¹ Para este efeito, certificados de graus académicos eram enviados regularmente para os governos

²¹⁷ Cf. KUHN, 1995, p. 287

²¹⁸ Cf. ROWE, 2009, p. 196

²¹⁹ Cf. KUHN, 1995, p. 288

²²⁰ *Idem, Ibidem*

²²¹ Cf. CHANG, 1971, p. 87

provinciais. No caso de Hunan, o governador da província fez chegar a Zeng Guofan alguns destes certificados no inverno de 1853, tendo estes servido de principal fonte de receitas numa primeira fase.²²² Porém, tal rapidamente deixou de ser suficiente.

Eis que surge uma nova fonte de receitas, na forma de um novo imposto. Tratava-se do chamado *lijin* (厘金 *lijīn*), instituído pela primeira vez em finais de 1853 no delta do Yantzé para suportar as tropas imperiais aí estacionadas.²²³ O *lijin* consistia num imposto cobrado ao mercador pelo transporte e venda de bens e teve tanto sucesso que rapidamente foi adotado por todo o império.²²⁴ No entanto, apesar de os valores deverem ser reportados a Pequim, as necessidades de defesa local implicaram que grande parte das receitas ficavam nas mãos dos governantes locais e fora do controlo do governo central. Zeng aproveitou-se desta situação. Em 1856, fez um acordo com o governador da província para que grande parte do imposto fosse utilizada para suportar o *Exército de Hunan*. Quando, em 1860, Zeng obteve o comando das províncias de Jiangxi (江西 *jiāngxī*) e Jiangnan, procedeu à criação de um gabinete fora do controlo das autoridades provinciais, desviando assim fundos provinciais para financiar o seu exército. Apesar de questionável, a conduta justificava-se como sendo “a única maneira de levar a cabo com sucesso a guerra civil.”²²⁵

Desta forma, podemos ver como as necessidades causadas pela onda de rebeliões provocou sérias e duradouras mutações na estrutura da administração política e financeira local. Tal não significa que o sistema militar Qing havia sido suplantado e perdido toda a importância. Com efeito, pelo menos até 1860, os acampamentos militares imperiais erguidos na periferia de Nanquim mantiveram a pressão na *Capital Celestial*, enquanto o *Exército de Hunan* permanecia confinado às províncias do Médio Yangtzé. Porém, estas mudanças na administração local constituíram os primeiros passos na direção da descentralização do poder central, permitido também a ascensão de elites não-manchus a cargos de peso na burocracia imperial.

²²² Cf. KUHN, 1995, p. 289

²²³ Cf. HSÜ, 1970, p. 516; *Idem, Ibidem*

²²⁴ Cf. SPECTOR, 1964, p. 15

²²⁵ KUHN, 1995, p. 290. “...the only way the civil war could successfully be prosecuted.” TdA.

2.2. As Potências Ocidentais

Na teoria, tratando-se de um movimento de inspiração cristã que, sob o comando de Hong Ren'gan, tencionava adotar instituições ocidentais, os Taiping deveriam ter gozado de grande simpatia e apoio por parte das potências estrangeiras. Na prática, tal não aconteceu, e a postura do Ocidente relativamente aos revoltosos sofreu uma reviravolta em inícios dos anos 1860. Que fatores contribuíram para esta mudança? Que opinião tinham as potências ocidentais acerca do *Reino Celestial*? Que formas tomou o apoio ocidental à dinastia Qing? Estas são algumas das questões que poderão ter surgido aquando da leitura do anterior capítulo e que serão abordadas de seguida.

Inicialmente, quando a Rebelião Taiping estava ainda confinada à província de Guangxi, os representantes estrangeiros na China estavam em posição de “espetadores interessados que não conseguiam ver grande parte do jogo.”²²⁶ Se, na teoria, o movimento angariou opiniões positivas por parte das potências ocidentais devido às suas nuances cristãs, na prática as comunidades estrangeiras presentes nos portos abertos ao comércio pouco conheciam do carácter da rebelião até à tomada de Nanquim em 1853.²²⁷

Notícias relativas aos acontecimentos espalharam-se por todo o mundo a partir de Xangai. Neste porto aberto, o jornal anglófono *North China Herald*²²⁸ publicou uma série de documentos oficiais Taiping, traduzidos por W. H. Medhurst, assim como relatos de embarcações ocidentais que visitavam Nanquim.²²⁹ No entanto, se em 1853 o tom dominante nas publicações é de admiração e curiosidade, este gradualmente muda à medida que os estrangeiros se apercebem que os Taiping não seriam de trato mais fácil que os manchus.²³⁰

O facto de haver germinado na China um movimento iconoclasta de características cristãs fascinou os missionários. Inicialmente, missionários protestantes maravilhavam-se com a religião dos rebeldes, assim como com a sua condenação da escravatura, prostituição, infanticídio, consumo de ópio e de outras práticas vistas como imorais.²³¹ Porém, estes louvores não provinham do contacto direto e de informação de primeira mão, mas sim de rumores acerca do zelo dos revoltosos e das suas intenções.²³²

²²⁶ GREGORY, 1969, p. 11. “...interested spectators who were not seeing much of the game.” TdA.

²²⁷ Cf. BOARDMAN, 1952, p. 3; EPSTEIN, 1956, p. 16

²²⁸ Publicado em Xangai, este periódico incluía traduções regulares de documentos e notícias chinesas e é considerado uma das melhores fontes para o estudo da presença estrangeira na China dos anos 1850 a 1941. NdA.

²²⁹ Cf. BOARDMAN, 1952, p. 3; Um elenco exaustivo de todos os documentos Taiping traduzidos e publicados no *North China Herald* pode ser encontrado em TENG, 1962, pp. 6–35. NdA.

²³⁰ Cf. BOARDMAN, 1952, p. 122; SPENCE, 1996, pp. 197–198

²³¹ Cf. BOARDMAN, 1952, p. 4; TENG, 1971, p. 174

²³² Cf. TENG, 1971, p. 175

Ainda assim, a opinião acerca dos Taiping entre os missionários permaneceu favorável até meados de 1854.²³³

Os mesmos missionários gradualmente perceberam que os Taiping não eram “genuinamente cristãos”.²³⁴ Issacar Roberts, o missionário que havia contribuído para a formação religiosa de Hong Xiuquan, foi convidado a visitar Nanquim, onde permaneceu por quinze meses em 1861 e 1862. Os seus comentários revelam uma opinião positiva acerca do quotidiano no *Reino Celestial*, mas negativa no que toca ao cristianismo Taiping:

O lado positivo consiste maioritariamente em proibições, tais como, proibição de idolatria, prostituição, jogo e qualquer imoralidade pública na cidade (...)

Mas no que toca ao aspeto religioso desta revolução, juntamente com outros males de carácter político e civil, estamos perante um quadro muito negro (...)

*Quanto às opiniões religiosas do Tien Wang [Rei Celestial], acredito que ele seja doido, especialmente em matéria religiosa. (...) Chama ao seu filho o jovem salvador do mundo e a si próprio o verdadeiro irmão de Jesus Cristo.*²³⁵

Como se pode ver, a ordem e disciplina do *Reino Celestial* mereciam os louvores dos missionários estrangeiros. Porém, muitos aspetos da teologia Taiping foram encarados como blasfemos pelos missionários, como por exemplo a subordinação do Novo Testamento às mais recentes comunicações de Deus com Hong Xiuquan.²³⁶ Apesar de tudo, os missionários tiveram esperanças de que, no final, a doutrina Taiping pudesse ser corrigida.²³⁷ Assim sendo, a sua opinião manteve-se geralmente positiva.

²³³ *Idem*, p. 176

²³⁴ *Idem*, p. 174

²³⁵ MACNAIR, *Modern Chinese History, Selected Readings*, pp. 350-51 in LI, 1956, p. 81. “*The bright side consists chiefly in negatives, such as, no idolatry, no prostitution, no gambling, nor any kind of public immorality allowed in the city... But when we come to the religious aspect of this revolution, together with other evils both political and civil, we have a very dark side...*

As to the religious opinions of Tien Wang, I believe he is crazy, especially in religious matters... He calls his son the young saviour of the world, and himself the real brother of Jesus Christ...”. Parêntesis meus. TdA.

²³⁶ Cf. BOARDMAN, 1952, p. 117

²³⁷ A visita de Issacar Roberts a Nanquim tinha precisamente como objetivo purificar o cristianismo Taiping. Cf. SPENCE, 1996, p. 287

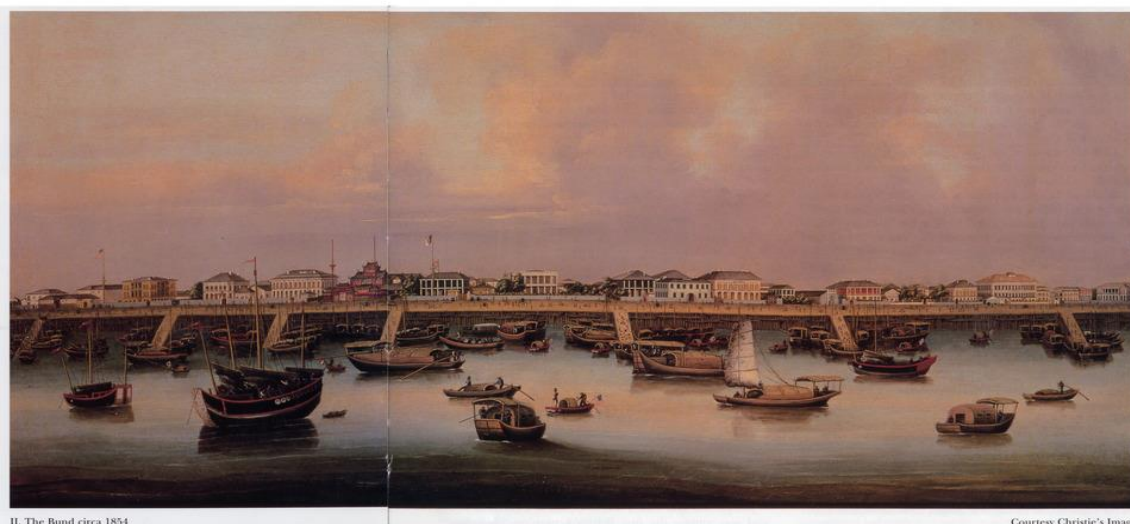


Figura 7. Xangai em meados do século XIX (pintura a guache, datada de 1854, autoria de Matthew Woodbury)²³⁸

No que toca aos agentes diplomáticos e políticos, alguns pensaram inicialmente em usar os Taiping como uma forma de fragilizar o domínio dos Qing sobre a China. Outros queriam simplesmente ver uma China vergada pela guerra civil, já não um país unificado, mas uma amálgama de entidades políticas oferecendo imensas possibilidades de exploração e domínio. A *North American Review*, em julho de 1854, escreveu acerca de Hong Xiuquan:

Talvez sem disso ter noção, ele mostrar-nos-á onde introduzir a cunha, onde suportar a alavanca; e não passarão muitos anos até que vejamos a influência Europeia, outrora tão impotente perante a exclusividade das altas muralhas do palácio de Pequim, ser exercida com esplendorosa força nas cortes de um punhado de reinos, insignificantes em comparação com o grande agregado de que antes faziam parte.²³⁹

Porém, os Taiping não se mostraram dispostos a ser usados. Para começar, estes proibiam e condenavam terminantemente o consumo de ópio.²⁴⁰ Depois, com os conflitos internos e reveses militares sucedidos a partir de 1860, os Taiping começaram a revelar alguma incapacidade em ganhar o apoio do povo chinês e em criar uma elite intelectual

²³⁸ Retirado de http://www.virtualshanghai.net/Asset/Preview/dbImage_ID-17614_No-1.jpeg. Acedido a 30 de maio de 2018.

²³⁹ In EPSTEIN, 1956, p. 16. “Unwittingly to himself perhaps, he will teach us where to introduce the wedge, where to rest the lever; and it will not be many years ere we find European influence, hitherto so powerless in the high exclusive walls of the palace of Peking, operating with wonderful force at the courts of a score of kingdoms, petty in comparison with the great aggregate of which they once formed a part.” TdA.

²⁴⁰ Cf. KUHN, 1995, p. 303

que sustentasse um governo eficiente, o que punha em causa a sua viabilidade a longo prazo e os tornava nada mais que um obstáculo ao livre comércio.²⁴¹ Desapontado com o que viu durante uma visita a Nanquim em 1861, o delegado britânico em Pequim, Frederick Bruce escreveu:

*Não espero que nada de bom advenha do movimento rebelde. Não fazem mais que queimar, matar e destruir. O comércio e a indústria são proibidos. Os seus impostos agrários são três vezes mais pesados que os dos Imperialistas. Devo dizer que não vejo neles nenhum fator de estabilidade, nem nada que mereça a nossa simpatia.*²⁴²

O dilema britânico de intervenção ou neutralidade foi finalmente resolvido, exprimindo-se na segunda Guerra do Ópio (1856 – 60). A apreensão, por parte das autoridades chinesas, de um junco chinês que hasteava a bandeira inglesa serviu de pretexto a uma declaração de guerra britânica contra a China. A França apressou-se a apoiar Inglaterra e, em maio de 1858, forças anglo-francesas apoderaram-se dos fortes de Dagu (大沽 *dàgū*) e ameaçaram Tianjin.²⁴³ A refrega terminou com o chamado Tratado de Tianjin (1858), posteriormente complementado pela convenção de Pequim (1860).²⁴⁴ Assinados estes, a principal preocupação dos britânicos passou a ser menos a procura de mais concessões por parte da China, e mais a implementação e usufruto das concessões já obtidas.

Neste contexto, o Tratado de Tianjin era demasiado valioso para ser deitado fora. No caso de os Taiping triunfarem sobre os Qing, tais tratados tornar-se-iam inválidos e as potências ocidentais ver-se-iam forçadas a renegociar com o novo regime, desta vez em pé de igualdade. Ainda respeitante aos tratados, os manchus não os haviam assinado para nada: a maioria das concessões feitas às potências ocidentais entrariam em vigor apenas após a pacificação da rebelião. Por exemplo, o tratado com a França concedia a abertura de Nanquim ao comércio estrangeiro apenas após a sua recuperação.²⁴⁵ Lembremos que a *Capital Celestial* se situava, precisamente, em Nanquim.

²⁴¹ *Idem*, p. 301

²⁴² MACNAIR, *Modern Chinese History, Selected Readings*, p.348 in LI, 1956, p. 81. “I have no hope of any good ever coming of the rebel movement. They do nothing but burn, murder and destroy. Trade and industry are prohibited. Their land-taxes are three times heavier than those of the Imperialists. I must say, I cannot see any elements of stability about them, nor anything which can claim our sympathy.” TdA.

²⁴³ Cf. SPENCE, 1990, pp. 179–180

²⁴⁴ Cf. GREGORY, 1969, p. 67

²⁴⁵ Cf. EPSTEIN, 1956, pp. 18–19

Por estas razões, estavam reunidas as condições para uma mudança de política britânica e o tom das potências estrangeiras mudou, embora com alguma hesitação, nos finais de 1860.²⁴⁶ Os Taiping deixaram de ser encarados como reformistas e praticantes de uma religião comum, passando a ser denunciados como anarquistas e blasfemos por se atreverem a hastear bandeiras cristãs. Gradualmente, o governo manchu passou de reacionário, incorrigível e herege, a força estabilizadora, defensora do livre comércio e da legalidade.²⁴⁷ Para tal contribuiu também um golpe palaciano ocorrido em novembro de 1861 e do qual resultou uma postura mais tolerante às exigências britânicas constantes do Tratado de Tianjin.²⁴⁸

Este apoio ideológico traduziu-se, como esperado, em apoio militar. O envolvimento das potências ocidentais nas campanhas anti-Taiping tomou diversas formas. No plano da intervenção direta, um corpo internacional de voluntários, alguns deles chineses, foi reunido sob um aventureiro americano, Frederick Townsend Ward, que lutou sob o estandarte manchu.²⁴⁹ Já a nível técnico, a espingarda *Enfield*, nunca antes usada na Europa, foi distribuída em quantidade pelas tropas manchus. Se é verdade que os contingentes de mercenários desempenharam um papel importante na liberação de algumas regiões²⁵⁰, a generalização do uso de armamento moderno, com toda a indústria de munições que a acompanha, constituiu uma centelha de modernização na indústria bélica chinesa.²⁵¹

A importância da intervenção militar ocidental é difícil de ser avaliada. Podemos, à semelhança de Boardman, afirmar que, se porventura os Taiping não tivessem ameaçado Xangai e tivessem assegurando a neutralidade das potências europeias, estes poderiam ter dominando todo o território da província de Jiangsu a sul do delta do rio Yangtzé. Tal poderia ter prolongado a rebelião mas, tendo em consideração a resistência das elites fundiárias e as limitações logísticas e fragmentações internas no seio da liderança Taiping, é improvável que tivesse evitado o resultado final.²⁵²

A produção historiográfica anglófona refere-se sempre ao evento como “Rebelião Taiping”, tomando o partido da dinastia Qing com a qual as potências ocidentais acabaram por alinhar. Porém, a postura de grande parte da historiografia ocidental do período em questão é maioritariamente favorável aos revoltosos. São dignos de menção

²⁴⁶ Cf. GREGORY, 1969, pp. 67–68

²⁴⁷ Cf. EPSTEIN, 1956, p. 19

²⁴⁸ Cf. KUHN, 1995, p. 303

²⁴⁹ *Idem*, p. 304

²⁵⁰ Como foi o caso do Exército Invicto na província de Jiangsu. NdA.

²⁵¹ Cf. KUHN, 1995, p. 304

²⁵² Cf. BOARDMAN, 1952, p. 25

os relatos de E. G. Fishbourne²⁵³, capitão do navio *Hermes* que efetuou uma viagem de reconhecimento a Nanquim pouco depois da sua conquista em 1853, assim como o do Reverendo sueco Theodore Hamberg, este último responsável por uma das fontes mais detalhadas acerca da rebelião, escrita em língua inglesa.²⁵⁴ Também não pode deixar de ser mencionada a obra de T. T. Meadows, *The Chinese and their Rebellions*.²⁵⁵ Como intérprete do cônsul britânico na China e fazendo parte da expedição do *Hermes*, Meadows teve contacto direto com os rebeldes, inclusive com Wei Changhui e Shi Dakai, e teceu comentários interessantíssimos acerca da história e cultura chinesas, assim como da sublevação que via ocorrer com os seus próprios olhos.²⁵⁶

Por fim, é também digno de menção Augustus F. Lindley. Lindley serviu o líder Taiping Li Xiucheng e compôs uma narrativa das suas experiências, a *Ti-ping tien-kwoh*.²⁵⁷ Apesar de naturalmente tendencioso, os seus registos das atividades dos Taiping são considerados fiáveis pelos historiadores.

²⁵³ Cf. TENG, 1962, p. 115

²⁵⁴ Apesar de consistir maioritariamente em informação de segunda mão obtida através de entrevistas a Hong Ren'gan, a obra apresenta um detalhe surpreendente e continua sendo uma das fontes primárias em inglês para o estudo das origens da Rebelião Taiping. Cf. HAMBERG, 1854. NdA.

²⁵⁵ Cf. MEADOWS, 1953

²⁵⁶ Uma descrição da viagem e dos resultados da expedição do *Hermes* pode ser encontrada em SPENCE, 1996, pp. 194–199. NdA.

²⁵⁷ Cf. TENG, 1962, p. 119

2.3. Macau

O período de meados do século XIX, durante qual decorre a Rebelião Taiping, constitui, também para a História de Macau e para as relações luso-chinesas, um momento decisivo. O desfecho da Guerra do Ópio teve consequências determinantes para a prosperidade de Macau. Num plano imediato, a fundação de Hong Kong, em 1842, provocou uma perda irre recuperável de importância do estabelecimento português, que foi sendo relegada para segundo plano.²⁵⁸

Porém, como já tivemos oportunidade de ver, o evento também evidenciou a fragilidade do poder militar chinês e consagrou o triunfo do imperialismo ocidental na China. Aproveitando esta conjuntura, Portugal procurou afirmar a sua posição em Macau.²⁵⁹ O rosto desta política foi João Maria Ferreira do Amaral (Governador entre 1846 e 1849).

Apesar de a soberania portuguesa se encontrar consagrada na Constituição de 1822, o estatuto do estabelecimento português na China era, na prática, ambíguo. Com efeito, a eclosão da Guerra do Ópio evidenciou algumas contradições no estatuto jurídico do território. Em 1840, expulsos de Cantão pelo Comissário Imperial Lin Zexu, mercadores britânicos haviam-se fixado em Macau, prosseguindo com o comércio de ópio. Temendo represálias chinesas, o Governador em funções, Adrião Acácio da Silveira Pinto (Governador entre 1837 e 1843), ordenou aos britânicos que abandonassem o território.²⁶⁰ Tal atitude provocou a indignação dos ingleses. Pela ótica britânica, “os Portugueses estavam a assumir posições irreconciliáveis, nomeadamente a recusa de entrada de súbditos britânicos, alegando para tal que Macau estava dentro dos domínios da China, e por outro lado, prendendo súbditos britânicos com o argumento que Macau era um domínio de Portugal.”²⁶¹

Face a esta controvérsia, Ferreira do Amaral procurou mostrar que Macau era, efetivamente, território português. A prática costumeira de pagar ao governo chinês uma renda anual pelo território macaense foi interrompida em 1848, quando o Governador expulsou os funcionários alfandegários e, juntamente com estes, a simbólica presença mandarínica em Macau.²⁶² Porém, esta política de imposição do domínio português

²⁵⁸ Cf. GUNN, 1998, p. 85

²⁵⁹ Cf. ARESTA & OLIVEIRA, 2009, p. 98

²⁶⁰ Cf. GUNN, 1998, pp. 86–87

²⁶¹ *Idem*, p. 89

²⁶² *Idem*, p. 90

culminou com o assassinato do Governador por agentes chineses em 22 de agosto de 1849.²⁶³

Entretanto, Montalto de Jesus narra-nos um episódio curioso.²⁶⁴ Certo dia de verão de 1850, o intérprete oficial João Rodrigues Gonçalves foi abordado por um misterioso e bem vestido cavalheiro chinês que lhe fez uma proposta: seriam colocados ao dispor do Governador Pedro Alexandrino da Cunha, cavalheiro de ilustre nome e reconhecida reputação, muitos milhares de chineses rijos e bem armados, para efeitos de conquistar o Império. Compreensivelmente, o pobre intérprete pensou estar a ser alvo de um embuste ou de uma piada de mau gosto e recusou bruscamente a proposta. Pouco tempo mais tarde, a Rebelião Taiping eclodiu em Jintian. Apenas nessa altura o significado da proposta tomou forma na mente do intérprete.

A Rebelião Taiping coincide quase totalmente com o mandato do Governador Isidoro Francisco Guimarães (1851-1863). Até 1856, este foi informando o governo de Lisboa acerca dos desenvolvimentos da rebelião, assim como da forma como estes influenciavam o estabelecimento português.²⁶⁵ Por exemplo, no Ofício nº192 de 24 de janeiro de 1854 para o Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar, Guimarães confessa, relativamente ao *Reino Celestial*:

*Parece que os chefes dos rebeldes não têm ideia muito exata do que são as nações do ocidente e apesar dos princípios cristãos que afetam, mostram pelos estrangeiros o mesmo desprezo, e tratam-os [sic] com a mesma soberba que os outros chinas. (...) A empresa que empreendem estes reformadores é gigantesca. Além de mudar a dinastia de uma nação de 360 milhões de habitantes, querem mudar a religião, usos e costumes do povo! Não há comércio, o Governo toma tudo a si e tudo dirige – é um socialismo nas maiores proporções, e forçado por um jugo de ferro.*²⁶⁶

Acerca do “partido que ocupa Nankim”, a opinião de Guimarães não se distancia muito da manifesta pelos representantes britânicos. As viagens de delegações ocidentais a Nanquim²⁶⁷ haviam conduzido à conclusão de que a Rebelião Taiping, mau grado a sua

²⁶³ Cf. ARESTA & OLIVEIRA, 2009, p. 96 e 98

²⁶⁴ Cf. JESUS, 1984, pp. 361–362

²⁶⁵ Cf. DIAS, 1998, p. 96

²⁶⁶ Cf. Ofício nº192 de 24 de janeiro de 1854 de Isidoro Francisco Guimarães para o Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar in AHU (Arquivo Histórico Ultramarino), ACL (Administração Central), SEMU (Secretaria de Estado da Marinha e Ultramar), DGU (Direção Geral do Ultramar), 005 (Correspondência Macau/Timor), Caixa 20 (1852-1853).

²⁶⁷ As expedições britânicas, francesas e norte-americanas a Nanquim são narradas com incrível detalhe em SPENCE, 1996, pp. 192–209. NdA.

roupagem cristã, não tinha nada para oferecer em termos de benefícios comerciais. Guimarães afirma que:

*(...) nada há a esperar dela, e que os chefes não passam de serem uns impostores, que o seu cristianismo é um complexo de blasfêmias, e absurdos, que os seus sequazes são a aglomeração de tudo quanto havia de ocioso nas províncias por onde passaram, que são regidos por severa disciplina, e ao mesmo tempo bem pagos, e que tanto uns como outros são dominados por aquele ódio contra estrangeiros que há tantos séculos tem sido a feição característica dos chinas.*²⁶⁸

A postura do Governador revela um distanciamento em relação aos revoltosos, assim como uma predisposição para tomar o partido da dinastia reinante. Porém, na prática, contrariamente às demais potências ocidentais que, para desapontamento dos Qing, pareceram nutrir uma simpatia inicial pelos Taiping, Macau manteve uma neutralidade constante e o apoio ao movimento rebelde foi, desde o início, recusado.²⁶⁹ Nas palavras de Saldanha, a posição portuguesa foi traduzida numa “abstenção de fidelizações até à clarificação final da balança do poder”.²⁷⁰ Tal opinião era abertamente mantida pelo Governador Guimarães:

*A minha posição é muito delicada e preciso de empregar todo o cuidado em não me comprometer com partido nenhum (...) espreito atentamente os acontecimentos para assim me decidir. Creio que esta é a política que convém a uma nação pequena como aquela a que pertencemos.*²⁷¹

²⁶⁸ Cf. Ofício nº252 de 19 de agosto de 1854 de Isidoro Francisco Guimarães para o Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar in AHU, ACL, SEMU, DGU, 005, Cx. 21 (1854-1855)

²⁶⁹ *Idem*, p. 98

²⁷⁰ Cf. SALDANHA, 1996, p. 356

²⁷¹ Cf. Ofício “Confidencial E” de 24 de dezembro de 1853 de Isidoro Francisco Guimarães para o Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar in AHU, ACL, SEMU, DGU, 005, Cx. 20 (1852-1853)



Figura 8. Isidoro Francisco Guimarães, Governador de Macau entre 1851 e 1863²⁷²

A neutralidade do estabelecimento português implicou ser este visto como um porto seguro para onde podia fugir quem procurava escapar ao caos que reinava no continente. O Governador não falha em reparar que “muitos milhares de chinas têm fugido para Macau, alguns deles dos mais abastados, temendo que a cidade de Cantão seja atacada²⁷³ a todo o momento.”²⁷⁴ Deste modo, Macau viu aumentar os preços dos produtos e das rendas, mas também o caudal do comércio no Estabelecimento:

(...) bastante tem aumentado o comércio deste Estabelecimento, vindo hoje a Macau muita seda, tabaco, chá, e outros géneros que dantes se exportavam de Whampoa²⁷⁵ e Cantão.²⁷⁶

Porém, a neutralidade macaense não foi equidistante a ambos os contendores, pelo menos numa fase inicial. Logo em 21 de maio de 1853, o Governador fala-nos de uma intervenção sob a forma do frete de lorchas às forças imperiais:

²⁷² Retirado de <http://macauintigo.blogspot.pt/2009/09/gov-isidoro-francisco-de-guimaraes.html>. Acedido a 2 de abril de 2018.

²⁷³ Contrariamente ao que comumente se pensa, os rebeldes que ameaçavam Cantão não pertenciam ao movimento Taiping, mas sim a sociedades secretas que agiam de forma independente. O facto é igualmente constatado por Guimarães, que os classifica como “ladrões e piratas muitos deles filiados nas sociedades secretas, e dirigidos por homens ignóbeis, e perdidos, não tendo nada de comum com os rebeldes do norte, que apesar de todos os seus absurdos têm um sistema político e social” Cf. *Ofício n.º275 de 9 de dezembro de 1854 de Isidoro Francisco Guimarães para o Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar* in SALDANHA, 1998, p. 122. NdA.

²⁷⁴ Cf. *Ofício n.º252 de 19 de agosto de 1854 de Isidoro Francisco Guimarães para o Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar* in AHU, ACL, SEMU, DGU, 005, Cx. 21 (1854-1855)

²⁷⁵ Entende-se por Whampoa (em chinês 黃埔, *huángpǔ*) a atual ilha de Pazhou (琶洲, *pázhōu*), situada no Rio das Pérolas e agora parte da metrópole de Cantão. NdA.

²⁷⁶ In DIAS, 1998, p. 98

*Os Taotais de Shang-hai e Ningbo têm fretado, ou antes alugado algumas lorchas portuguesas e navios estrangeiros, para reforçarem as suas esquadras. Estas embarcações navegam com bandeira e guarnições todas chinas, ficando os fretadores responsáveis pelo valor no caso de se perderem, ou serem destruídas pelo inimigo.*²⁷⁷

Porém, logo em dezembro do mesmo ano, reafirma a neutralidade macaense e diz ter conseguido que “as lorchas que estavam ao serviço dos Mandarins o deixassem...”.²⁷⁸ Não se deve pensar que esta postura tenha sido derivada da necessidade de favores e simpatia perante uma dinastia imensamente fragilizada, tanto mais que esta se encontrava desiludida “pela impolítica [sic] dos Ingleses e Americanos que se mostraram tão inclinados para os rebeldes” e “consideram todos os estrangeiros do mesmo modo, envolvendo-os indistintamente nos seus ódios...”.²⁷⁹

Convém também notar que a Rebelião Taiping coincidiu temporalmente com diversas ações de supressão de pirataria no delta do Rio das Pérolas. Com efeito, a abertura dos cinco portos dos tratados²⁸⁰ ampliou o movimento marítimo ao longo da costa, sendo o delta do Rio das Pérolas um dos principais focos, facto que potenciou atos de pirataria.²⁸¹ De facto, logo em 20 de julho de 1853, Guimarães observa que “tem havido muita pirataria nas vizinhanças de Macau e há muitos anos que os piratas se não apresentavam tão fortes...”.²⁸² O Vice-Almirante Pedro Fragoso Matos relata-nos um total de 8 grandes ações navais decorridas no período durante o qual grassou a Rebelião Taiping (1850-1863).²⁸³

Apesar de o impacto da Rebelião Taiping na opinião pública macaense não ter ainda sido alvo de um estudo sério²⁸⁴, devendo motivar pesquisas futuras, podemos aproveitar para verificar a forma como as notícias do desfecho da rebelião chegaram ao Estabelecimento português, nomeadamente através do periódico *Ta-Ssi-Yang-Kuo* (大西 洋 国 *dàxīyángguó*).²⁸⁵ Neste periódico, a Rebelião Taiping é referida de maneira

²⁷⁷ Cf. Ofício nº142 de 21 de maio de 1853 de Isidoro Francisco Guimarães para o Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar in AHU, ACL, SEMU, DGU, 005, Cx. 20 (1852-1853)

²⁷⁸ Cf. Ofício “Confidencial E” de 24 de dezembro de 1853 de Isidoro Francisco Guimarães para o Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar in AHU, ACL, SEMU, DGU, 005, Cx. 20 (1852-1853)

²⁷⁹ Cf. Ofício nº371 de 12 de março de 1856 de Isidoro Francisco Guimarães para o Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar in AHU, ACL, SEMU, DGU, 005, Cx. 22 (1856-1857)

²⁸⁰ Os portos contemplados pelo Tratado de Tianjin eram Cantão, Xiamen (廈門 *xiàmén*), Fuzhou (福州 *fúzhōu*), Ningbo (宁波 *níngbō*) e Xangai. NdA.

²⁸¹ Cf. MATOS, 1985, pp. 25–26

²⁸² Cf. Ofício nº158 de 20 de julho de 1853 de Isidoro Francisco Guimarães para o Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar in AHU, ACL, SEMU, DGU, 005, Cx. 20 (1852-1853)

²⁸³ *Idem*, pp. 26–39

²⁸⁴ Cf. DIAS, 1998, p. 98

²⁸⁵ Cf. VEIGA JR, 1995

superficial e seguindo fontes de segunda mão (provenientes nomeadamente do *North China Herald*). A primeira notícia relativa à rebelião neste periódico data de 12 de maio de 1864, no nº32 da publicação:

Noticias do norte da China- As noticias do North China Herald de 3 do corrente não são satisfactorias para as forças imperialistas do comando do coronel Gordon. Um grande revez soffreram em frente de Chan-chow [Changzhou]. O coronel Gordon, tendo tomado as necessarias medidas, ordenou o assalto á cidade em 28 de abril findo, porem os que foram empregados na escalada tiveram de retirar, compellidos pela desesperada resistencia que encontraram nas forças rebeldes: as perdas imperialistas foram de 300 soldados e 27 officiaes, entre mortos e feridos. Diz-se que da parte dos soldados houve grande exitação em avançarem sobre as brechas, sendo o assalto por fim abandonado.

Gordon conserva ainda a sua posição em frente da cidade, a qual está sitiada por todos os lados, preparando-se para nova tentativa de assalto. Os rebeldes agora não ha duvida que se batem com a coragem do desespero. Elles foram expulsos de Chekeang [Zhejiang]; e unicamente possuem uma cidade em Nganwei [Anhui], e quatro em Kiangsa [Jiang xia]; se Chan-chow se render, só lhes restará Nankim, que apesar de offerecer alguma resistencia aos imperialistas, a sua queda só pode ser questão de tempo.²⁸⁶

A queda de Nanquim é relatada no número 45 de 11 de agosto de 1864 e as notícias prolongam-se até 25 do mesmo mês:

Nankim- Um jornal de Shanghae de 28 de julho anuncia que Nankin cahiu em poder dos imperialistas, sendo a noticia confirmada pelas autoridades chinezas em Shanghae. Os rebeldes perderam todas as suas fortificações, que cahiram nas mãos dos captores, bem como os palacios de Tien-wang e Chung-wang.²⁸⁷ As particularidades porem deste importante acontecimento para os imperialistas, se efectivamente são hoje senhores de Nankim, não se dizem nem mesmo parece que sejam sabidas.²⁸⁸

Nº46, quinta feira 18 de agosto de 1864: *Nankim- O North China Herald de 30 de julho (...) confirma a tomada de Nankim pelas forças imperialistas, no dia 19 de julho, depois de dous dias de renhido combate. As guarnições das fortificações que os rebeldes possuíam á roda do palacio de Tien-wang, bateram se corajosamente, por mais de duas*

²⁸⁶ *Idem*, p. 128. Parêntesis meus. NdA.

²⁸⁷ Respetivamente Hong Xiuquan (o *Rei Celestial*) e Li Xiucheng, que tinha como título *Rei Leal* (忠王 *zhōng wáng*). NdA.

²⁸⁸ Cf. VEIGA JR, 1995, p. 191

horas, porem tiveram de ceder ás consideraveis forças que as atacaram. Não ha porem noticia alguma do destino que tiveram seus dous chefes. Dizem uns que se acham presos, em poder das forças imperiaes, porem a opinião mais geral é que Tien-wang se suicidára logo que o seu palacio foi tomado, e que Chung-wang se pôde evadir levando consigo alguns milhares de soldados escolhidos.²⁸⁹

Nº47, quinta feira 25 de agosto de 1864: Nankim- Os jornaes de Shanghae, confirmando a noticia da tomada de Nankim, contam os massacres que os imperialistas fizeram aos prisioneiros e asseveram ter sido decapitado no dia 2 de agosto Chung Wang, que até morrer teve a coragem de não reconhecer os altos oficiais que o tinham prisioneiro, nem a dinastia reinante na China. Parece que Chung Wang tentara escapar-se, mas que o mau cavallo em que fugia fez com que fosse capturado. Relativamente a Tien Wang, confirma-se a noticia de se ter suicidado, e do mesmo terem feito as suas mulheres.

*O filho de Tien-wang é que se diz agora ter escapado aos imperialistas.*²⁹⁰

Porém, uma edição posterior vem desmentir a morte de Li Xiucheng, que afinal teria conseguido escapar:

Nº52, quinta feira 29 de setembro de 1864: *Chung Wong: É um dos chefes dos rebeldes da China que foi dado como capturado, quando Nankim cahiu em poder dos rebeldes, diz agora o Friend of China*²⁹¹ *que esta noticia foi canard [sic] dos imperialistas, e que este famoso caudilho que então se achava em Hoochow, hoje está á frente d'um grande exército na província de Kiang-si [Jiangxi].*²⁹²

A rebelião é aludida em números posteriores, embora com cada vez menos frequência.

A reduzida atenção prestada pelo periódico *Ta-Ssi-Yang-Kuo* à Rebelião Taiping não implica necessariamente que o estabelecimento português tenha atribuído pouca importância ao acontecimento. Como vimos no início do presente subcapítulo, a rebelião mereceu a atenção dos círculos oficiais macaenses, não lhe tendo de todo sido indiferentes.

²⁸⁹ *Idem*, p. 197

²⁹⁰ *Idem*, p. 191

²⁹¹ *The Friend of China and Hong Kong Gazette*, um periódico anglófono ilustre pela sua condenação aberta ao tráfico de ópio.

NdA.

²⁹² *Idem*, p. 215. Parêntesis meus. NdA.

No entanto, a análise das notícias acima faz-nos ver que as novidades chegavam ao público macaense de forma gradual e por vezes contraditória, por via de periódicos anglófonos sediados em Xangai. Uma análise mais aprofundada de outras publicações periódicas da época, assim como da linguagem utilizada na sua redação, poderá trazer à luz uma imagem muito mais nítida da Rebelião Taiping na opinião pública macaense.

2.4. Karl Marx

É fácil esquecer que o início da Rebelião Taiping é quase contemporâneo da tempestade revolucionária e democrática que abalou a Europa em 1848. Tal não passou despercebido na altura. O missionário Gutzlaff, regressado à Alemanha em 1849, anunciou que as ideias socialistas da classe trabalhadora europeia, na altura aparecendo pela primeira vez como força política independente, se assemelhavam muito com as propagadas pelos movimentos populares na China.²⁹³

Tal facto captou a atenção de Karl Marx e Friedrich Engels, que observaram atentamente o progresso da Rebelião Taiping e da política externa britânica.²⁹⁴ Marx havia-se fixado em Londres desde 1849, após ter escrito o *Manifesto Comunista* em 1848 e sido expulso da Alemanha e de França pelas suas ideias radicais. Em 1853, ano da conquista de Nanquim pelos Taiping, o fervor revolucionário na Europa havia já diminuído.²⁹⁵ Marx olhava agora para Oriente na esperança de que a mudança revolucionária pudesse aí criar raízes.

Tomando conhecimento da Rebelião Taiping na China, Marx teceu comentários sobre o assunto, publicados assiduamente no periódico norte-americano *New York Daily Tribune*, entre 1848 e 1862. Apesar de não poder prever que formato de governação resultaria do triunfo do movimento Taiping, Marx não hesitou em associar a eclosão da rebelião à agressividade da exploração e “diplomacia de canhão” britânicas, assim como à saída descontrolada de prata para pagar o ópio e os produtos de algodão importados.²⁹⁶ A Grã-Bretanha havia rompido com o isolacionismo chinês, arrasado a indústria doméstica, abalado a autoridade manchu e iria, com certeza, provocar a queda da dinastia, tal como uma “múmia que, tendo sido cuidadosamente preservada num caixão hermeticamente selado, é exposta a céu aberto.”²⁹⁷ Marx julgava ter boas razões para esperar que uma revolução na China possuísse um efeito de contágio na Europa e especialmente em Inglaterra, já que esta estava tão dependente das receitas resultantes do comércio de têxteis e ópio na China que, caso estes fossem postos em causa, as indústrias

²⁹³ Cf. EPSTEIN, 1956, p. 13; RIAZANOV, 1926, p. 2

²⁹⁴ Cf. SPENCE, 1990, p. 182

²⁹⁵ Cf. RIAZANOV, 1926, p. 3

²⁹⁶ Cf. MARX, n.d., pp. 343–344; SPENCE, 1990, p. 182

²⁹⁷ TORR, Dona (ed.), *Marx on China, 1853-1860: Articles from the “New York Daily Tribune”* (1951), pp.1-4 in SPENCE, 1990, p. 182. “...mummy carefully preserved in an hermetically sealed coffin, whenever it is brought into contact with the open air.”TdA.

domésticas não resistiriam ao choque.²⁹⁸ A presente revolução na China seria seguida de perto por outras na Europa.

Porém, no final da década de 1850, os eventos na China não tinham ainda tido o impacto esperado na economia e sociedade europeias. O ritmo de expansão da influência do capitalismo britânico havia sido subestimado.²⁹⁹ Ainda assim, Marx focou a sua atenção no mais recente avanço do imperialismo inglês na China, corporizado na Segunda Guerra do Ópio e pelos tratados de Tianjin e Pequim. Face aos abusos perpetrados pelas tropas ocidentais aquando do seu avanço sobre Pequim, em outubro de 1860, Marx perguntou-se se “as nações civilizadas do mundo aprovariam este modo de invasão de um país pacífico, sem prévia declaração de guerra, por uma alegada infração ao ilusório código de etiqueta diplomática.”³⁰⁰ As restantes “nações civilizadas” não só aprovaram como alinharam no avanço militar britânico com destino a Pequim.

Marx não pôde deixar de sentir uma grande injustiça em tudo isto. No entanto, continuou as suas advertências: o mercado chinês não aguentaria as crescentes importações de ópio e de produtos manufaturados, sendo que a extensão do seu mercado seria incapaz de acompanhar a extensão das manufaturas britânicas.³⁰¹ Também chamou a atenção para o facto de que quem mais tinha a ganhar com a exploração ocidental da China era a Rússia, adversário britânico na Guerra da Crimeia (1853 - 1856) e que estava a projetar perigosamente a sua influência na direção da Manchúria e da península coreana, através da construção de caminhos de ferro.

Tendo como base a filosofia histórica de Hegel, Marx dividiu a História Universal em quatro fases, de acordo com os “modos de produção”: asiático, antigo, feudal e burguês moderno.³⁰² Qualquer pessoa com rudimentos de história pode constatar que a sequência “antigo – feudal - burguês moderno” é fundamentada pela evolução da História Europeia: partindo dos impérios escravagistas da Grécia e Roma antigas, passando pela época feudo-medieval que teve em França o seu paradigma e culminando na sociedade burguesa que emergiu das Descobertas e do desenvolvimento do comércio. O modo “asiático”, porém, é geográfico e não cronológico. Isto porque Hegel considerava que a evolução histórica, entendida como a consciência da liberdade humana, se deslocara de oriente para ocidente. Esta começava na China, onde apenas o soberano era livre, e

²⁹⁸ Cf. MARX, n.d., pp. 343, 345

²⁹⁹ Cf. RIAZANOV, 1926, p. 4

³⁰⁰ TORR, Dona (ed.), *Marx on China, 1853-1860: Articles from the "New York Daily Tribune"* (1951), p.17 in SPENCE, 1990, p. 183. “...the civilized nations of the world will approve this mode of invading a peaceful country, without previous declaration of war, for an alleged infringement of the fanciful code of diplomatic etiquette.” TdA.

³⁰¹ Cf. SPENCE, 1990, p. 183

³⁰² *Idem, Ibidem*

terminava na Europa, onde todos possuem a consciência de que são livres.³⁰³ Marx, à semelhança de Hegel, concebia a China como uma civilização que havia permanecido imutável e fora da cadeia de desenvolvimento da História Universal, uma cadeia que o último considerava como avançando em linha reta e ascendente.³⁰⁴

Porém, Marx diverge de Hegel num ponto importante. Na opinião de Marx, a marcha imperialista das potências ocidentais havia atirado a China para o centro da corrente da História Universal. Em 1859, este escreveu que “nenhuma ordem social perece antes que todas as suas forças produtivas se tenham desenvolvido; e novas e mais avançadas relações de produção nunca surgem antes que as condições materiais para a sua existência tenham amadurecido no seio da velha sociedade.”³⁰⁵ Ou seja, a evolução da ordem social estava dependente das condições materiais de vida e não do progresso mental como defendia Hegel.³⁰⁶ Assim, segundo Marx, os ocidentais tinham o poder de plantar na China a semente de tais “novas e mais avançadas formas de produção”. Enfraquecidas a ordem tradicional chinesa e o seu modo de produção, assente na agricultura em pequena escala e na indústria doméstica, tal semente germinaria um dia na forma de uma grande revolução proletária. Até porque, segundo ele, a política de isolamento chinesa derivava do medo sentido pela dinastia Qing de que os estrangeiros pudessem favorecer e exacerbar o descontentamento já existente para com o sistema vigente.³⁰⁷ Neste ponto, a História veio provar que Marx estava certo.

Confrontado com os massacres causados pela Rebelião Taiping e desiludido com a sua evolução, Marx torna-se menos otimista nos anos 1860. Acusa os Taiping, inclusive, de “constituir maior tormento para as massas que para os velhos monarcas”³⁰⁸, visto que não traziam consigo mais do que destruição, sem qualquer sinal de regeneração. A semente do socialismo levaria mais tempo a germinar, na China assim como no resto do mundo. Contudo, os escritos de Marx durante os estágios iniciais da ingerência do capitalismo estrangeiro na China foram, segundo Epstein, a primeira manifestação da sólida amizade entre os elementos mais avançados das classes trabalhadoras europeias e os povos oprimidos do Oriente “adormecido”, amizade essa que culminaria no socialismo

³⁰³ Cf. MESKILL, 1965, p. ix

³⁰⁴ *Idem, Ibidem*

³⁰⁵ MARX, Karl, prefácio a *The Critique of Political Economy* (1859) in SPENCE, 1990, pp. 183–184. “No social order ever perishes before all the productive forces for which there is room in it have developed; and new, higher relations of production never appear before the material conditions of their existence have matured in the womb of the old society itself.” TdA.

³⁰⁶ Cf. MESKILL, 1965, p. ix

³⁰⁷ Cf. MARX, n.d., pp. 348–349

³⁰⁸ Press, 7 de julho de 1862 in RIAZANOV, 1926, p. 4. “They represent a still greater torment for the masses of the people than for the old rulers”. TdA.

como facto à escala mundial. Marx e Engels escreveram, na *Neue Rhenische Revue* de 31 de janeiro de 1850:

A relação do socialismo chinês com o europeu poderá ser a mesma que aquela estabelecida entre a filosofia chinesa e a Hegeliana. Porém, devemos ainda assim rejubilar por o mais antigo e estável império do mundo, sob o jugo dos produtos de algodão da burguesia britânica, se encontrar à beira da agitação social que, em qualquer caso, terá resultados extremamente importantes para a civilização. Quando os nossos reacionários europeus, na fuga para a Ásia que os aguarda num futuro próximo, chegarem à Grande Muralha da China, às portas que conduzem ao reduto do arqui-conservadorismo, quem sabe se não encontrarão aí a inscrição:

REPÚBLICA CHINESA
LIBERDADE, IGUALDADE, FRATERNIDADE³⁰⁹

³⁰⁹ In EPSTEIN, 1956, p. 13. “The socialism of China may have the same relationship to that of Europe as that of Chinese philosophy to the Hegelian. It is nonetheless to be rejoiced at that the most ancient and stable empire in the world, acted upon by cotton goods of the English bourgeois, is on the eve of a social upset which, in any case, must have extremely important results for civilization. When our European reactionaries, in the flight to Asia that awaits them in the near future, come at length to the Great Wall of China, to the gates which lead to the stronghold of anti-conservatism, who knows if they will not find there the inscription: REPUBLIQUE CHINOISE LIBERTE, EGALITE, FRATERNITE”. TdA.

2.5. Sun Yat-sen

Ironia da História: em 1866, os últimos sobreviventes do exército Taiping são aniquilados na província de Guangdong. A 12 de novembro do mesmo ano, nasce precisamente na mesma província aquele que será considerado o Pai da Revolução Chinesa e que receberá a alcunha de “Segundo Hong Xiuquan”.³¹⁰ Enquanto revolucionário e cantonês, Sun Yat-sen considerou-se um Hong Xiuquan dos tempos modernos, tendo elogiado o movimento como sendo a primeira revolução nacionalista chinesa.³¹¹

Não é o objetivo deste subcapítulo traçar uma biografia de Sun Yat-sen.³¹² Interessa-nos aqui, somente, o seu percurso conducente à formação de uma consciência revolucionária e nacionalista, tendo como pano de fundo os derradeiros anos da China Imperial. Tal servirá para percebermos o lugar da Rebelião Taiping, mais propriamente do seu fundador, na consciência revolucionária de Sun Yat-sen.³¹³

Tendo sobrevivido ao abalo criado pela onda de rebeliões da segunda metade do século XIX, a administração Qing demonstrou uma resiliência surpreendente. Porém, mau grado a supressão dos Taiping, persistiam ainda muitas das causas que haviam estado na sua génese. O despovoamento provocado pela mortandade da guerra civil apenas resolveu temporariamente a questão da insuficiência de terra. O Baixo Yangtzé, centro económico da China, estava devastado por anos de guerra. A ambição das potências ocidentais, às quais se somavam agora também a Rússia e o Japão, era cada vez maior. Em 1894-95, esta última potência infligiria à China uma das mais humilhantes derrotas militares da sua história. O movimento de “auto-fortalecimento” (自强运动 *zìqiáng yùndòng*) de finais do século falhou na sua tentativa de permitir uma tímida e limitada modernização, mantendo intacta a conservadora base confucionista. O fantasma de outra sublevação pairava sobre a dinastia.³¹⁴

Entre os populares, a memória da Rebelião Taiping permaneceu na consciência coletiva, mas não do modo pretendido pela dinastia Qing. Os exércitos rebeldes cobriram-se de uma aura romântica que encontrou uma audiência ávida entre os opositores da

³¹⁰ Cf. HSÜ, 1970, p. 540; JEN, 1973, pp. 544–545

³¹¹ Cf. MEYER-FONG, 2013, p. 12

³¹² O leitor interessado na vida e percurso revolucionário de Sun Yat-sen poderá consultar SCHIFFRIN, 1980; SHARMAN, 1968. NdA.

³¹³ Curiosamente, a mesma problemática é proposta em WONG, 1986, pp. 296–298. NdA.

³¹⁴ Cf. SCHIFFRIN, 1980, p. 22

dinastia. Foi neste ambiente que cresceu Sun Wen (孙文 *sūn wén*), melhor conhecido como Sun Yat-sen (孙逸仙 *sūn yìxiān*) ou Sun Zhongshan (孙中山 *sūn zhōngshān*).

Como já foi mencionado anteriormente, as origens de Hong e Sun revelam paralelismos interessantes. Para começar, ambos são originários da província de Guangdong, a região da China com mais elevada exposição a ideologias e doutrinas ocidentais. Concretamente, Sun é natural de Xiangshan (香山 *xiāngshān*), a 37 quilómetros de Macau.³¹⁵ Devido à sua proximidade de Macau, Cantão e Hong Kong, a região havia, no passado, produzido intérpretes, comerciantes e estudiosos formados em universidades estrangeiras.³¹⁶ O próprio pai de Sun havia trabalhado em Macau antes de se fixar em Xiangshan.³¹⁷ Em retrospectiva, podemos observar como este se trata de um berço apropriado para alguém cuja vida e ambição estarão tão intimamente ligadas ao Ocidente.³¹⁸

A sua ascendência cantonesa implicou também que Sun houvesse contactado, desde a nascença, com o tradicional sentimento anti-manchu predominante no sul da China. O ideal “destronar os Qing, restaurar os Ming” (反清复明 *fānqīng fùmíng*) perdurava através das sociedades secretas. Sun Yat-sen, apesar de se identificar apenas com a primeira metade da máxima e reconhecer a necessidade de uma alternativa ao modelo imperial dinástico, insere a sua atividade no mesmo movimento de luta contra o domínio manchu.³¹⁹

Alguns autores afirmam que Sun, à semelhança de Hong Xiuquan, era também de origem Hakka.³²⁰ No entanto, tal origem, se verdadeira, seria necessariamente remota, visto que tanto a sua mãe como a sua irmã haviam sido sujeitas à tortura de verem os seus pés enfaixados, costume que era rejeitado pelos Hakka.³²¹

Talvez mais significativo seja o facto de tanto Hong como Sun terem adotado uma postura avessa à ordem vigente após contacto com o cristianismo e o Ocidente. No caso de Sun, este contacto foi bem mais próximo e duradouro. Sun Mei (孙眉 *sūn méi*), um irmão mais velho de Sun Yat-sen, havia emigrado para o Havai para trabalhar nas emergentes plantações de açúcar e este último, na altura com 12 anos, acompanhou-o no

³¹⁵ A região possui agora o nome de Zhongshan (中山 *zhōngshān*), em honra do seu nativo mais famoso. NdA.

³¹⁶ Cf. SCHIFFRIN, 1980, pp. 10–12

³¹⁷ Cf. SHARMAN, 1968, p. 7

³¹⁸ Cf. SCHIFFRIN, 1980, p. 7

³¹⁹ Cf. HSÜ, 1970, p. 539

³²⁰ Cf. JEN, 1973, p. 11, n.2

³²¹ Cf. SHARMAN, 1968, p. 4

regresso à ilha. No Havai, Sun estudou no *Iolani College*, cristão. Tal constituiu o primeiro contacto de Sun tanto com a língua inglesa como com o cristianismo.

Regressado à sua terra natal três anos depois, a irritação de Sun com o atraso chinês era evidente, apesar de ser muitas vezes exagerado pelos biógrafos.³²² Ainda assim, desta sua disposição resultou um episódio caricato e deveras relevante para o nosso estudo. Sun travou conhecimento com um rapaz, de nome Lu Haodong (陆皓东 *lù làodōng*), que havia vivido com o pai em Xangai e se havia convertido ao cristianismo. Os dois jovens partilhavam simpatia pela religião cristã, assim como uma atitude crítica relativamente à tradição e superstição chinesas. Foi também através deste jovem que Sun ficou a conhecer melhor a ideologia e os factos da Rebelião Taiping, acerca da qual passou a nutrir grande interesse.

A história da Rebelião Taiping não era novidade para o jovem Sun. Antes da sua partida para o Havai, este teria tomado conhecimento da rebelião através de histórias contadas por veteranos do movimento, fugidos para Guangdong após a sua extinção.³²³ Este foi o início da sua admiração por Hong Xiuquan, um homem letrado que havia sido influenciado por missionários cristãos e tomado para si próprio uma missão revolucionária. Que um movimento com o objetivo inicial de destruir ídolos se tenha tornado num baluarte anti-manchu capaz de introduzir reformas sociais profundas fascinava os dois rapazes. A impressão causada pelo movimento foi tal que, certo dia, tal como Hong Xiuquan e Feng Yunshan, ambos os rapazes entraram no templo da aldeia e vandalizaram as estátuas dos deuses preservadas no interior.³²⁴ Horrorizados pela perspectiva de retribuição divina, os vizinhos expulsaram o jovem Sun da aldeia, assim como os vizinhos de Hong e Feng haviam feito.

Sun continuou a sua formação em escolas católicas em Hong Kong. Aí travou conhecimento com um jovem missionário, Charles R. Hager, a quem demonstrou vontade de ser batizado. O ato teve lugar em 1884. É significativo o facto de Sun ter tomado esta decisão contra a vontade de seu pai e inclusive do seu irmão que, apesar de viver no Havai, se mostrou impermeável à doutrina cristã.

Sun prosseguiu os seus estudos em medicina, primeiro em Cantão e depois em Hong Kong, tendo chegado a exercer durante algum tempo em Macau.³²⁵ Porém, as

³²² *Idem*, p. 16

³²³ Cf. SCHIFFRIN, 1980, p. 22; WONG, 1986, p. 296. Schiffrin menciona que o mentor de Sun havia sido um veterano Taiping, mas não é claro a quem se refere. NdA.

³²⁴ Cf. BESSA, 1999, pp. 16–17

³²⁵ *Idem*, p. 18; HSÜ, 1970, p. 541

derrotas chinesas nas guerras Franco-chinesa (1884-85) e Sino-japonesa (1894-95) convenceram-no da urgente necessidade de uma revolução e as ligações que criou com emigrantes chineses, convertidos cristãos e sociedades secretas deram-lhe os meios para a conceber.

A ideia de envolver as sociedades secretas parece ter sido inspirada por um amigo de Sun, que dizia possuir um estatuto elevado no seio das Tríades. De facto, estas ainda não haviam esquecido o papel que haviam desempenhado ao tornar a Rebelião Taiping um movimento anti-Qing. A estratégia revolucionária de Sun Yat-sen passou muito pela e cooperação com estas organizações, tanto através do apelo ao seu sentimento anti-manchu como através criação de várias outras. Em 1894, criou em Honolulu a *Sociedade para a Prosperidade da China* (興中會 *xīngzhōnghuì*), com o objetivo de “expulsar os Tártaros, restaurar a China e criar um governo representativo.”³²⁶ A sociedade exigia a todos os seus iniciados a profissão de um juramento sobre a Bíblia. Fica, portanto, consagrado o último ponto de convergência entre Hong Xiuquan e Sun Yat-sen: a adoção de uma ideologia que combina o cristianismo com o nacionalismo anti-manchu.

Em 1895 foi estabelecida um núcleo daquela Sociedade em Hong Kong, de onde partiu uma tentativa de revolução falhada em Cantão que custou a vida a Lu Haodong e obrigou Sun a fugir para o Japão. Este viajou depois para os Estados Unidos e depois para Londres, onde chegou a ser capturado por agentes chineses.³²⁷ Felizmente, a mediatização do caso levou à sua libertação. É importante notar que Sun atribuiu a feliz resolução desta peripécia à intervenção divina, convencendo-se de que o seu futuro revolucionário lhe havia sido concedido por Deus.³²⁸ Este facto constitui o paralelismo mais significativo entre Hong Xiuquan e Sun Yat-sen. Transpondo o zelo religioso para o mundo da política, este último proclamou-se como o homem destinado a salvar o seu povo dos opressores manchus.³²⁹ Outra prova desta convicção é a entrada que escreveu para si próprio no *Chinese Biographical Dictionary*, na qual se mostrou ao mundo como sendo o homem destinado a salvar a China, assim como Hong havia feito há meio século atrás.³³⁰

No estrangeiro, Sun esforçou-se por angariar fundos e despertar os emigrantes chineses para a situação desesperada na sua terra natal. Porém, os apoios angariados mostraram-se, por vezes, pouco fiáveis. Em 1900, aproveitando a vulnerabilidade

³²⁶ Cf. BESSA, 1999, p. 19

³²⁷ Cf. HSÜ, 1970, pp. 544–545. O sensacional rapto de que Sun foi alvo em Londres e a sua influência na criação da sua imagem internacional é desenvolvido em WONG, 1986. NdA.

³²⁸ Cf. WILBUR, 1976, p. 16

³²⁹ Cf. WONG, 1986, p. 298

³³⁰ *Idem*, p. 296

dinástica causada pela Rebelião dos Boxers (义和团运动 *yìhétuán yùndòng*), Sun planeia mais uma revolução com a ajuda do governo japonês. Tudo isto para, no último momento, a mudança de legislatura no Japão comprometer o apoio nipónico. A suposta revolução morreu à nascença.³³¹

Nos seus discursos proferidos no estrangeiro, Sun equacionava a queda da dinastia manchu como a única solução para a decadência chinesa.³³² Tal queda era, aliás, inevitável. Num panfleto escrito em 1904 e intitulado *A Verdadeira Solução para a Questão Chinesa* (“The True Solution of the Chinese Question”), Sun argumenta:

*A Dinastia Manchu pode ser comparada a uma casa prestes a ruir; toda a estrutura está completamente apodrecida até aos alicerces. Será possível alguém impedir a casa de ruir apenas suportando as paredes pelo lado de fora com umas quantas vigas? Tememos que este ato de suporte acelere o seu desmoronamento. A vida de uma dinastia na China, como nos demonstra a história, assemelha-se bastante à de um indivíduo; tem o seu nascimento, crescimento, maturidade, declínio e morte. O presente governo Tártaro tem vindo a decair desde o início do século passado e aproxima-se rapidamente da morte.*³³³

Qual seria a alternativa proposta e de que maneira a podemos relacionar com a Rebelião Taiping?

Havendo testemunhado as tendências de reforma social nos países por onde passava e movido pelo desejo de poupar a China às manifestações e instabilidade que daí advinham, Sun desenvolveu a ideia de uma revolução social que servisse de complemento à revolução nacionalista e democrática.³³⁴ Deste desejo advieram os seus famosos *Três Princípios Populares* (三民主义 *sānmínzhǔyì*), anunciados pela primeira vez num discurso em Bruxelas em 1905. São eles Nacionalismo (民主 *mínzhǔ*), Democracia (民权 *mínquán*) e Comunismo (民生 *mínshēng*). Estes três princípios constituíram a filosofia revolucionária que está na base da formação da *Liga Unida* (同盟会 *tóngméng huì*), criada

³³¹ Cf. HSÜ, 1970, pp. 547–548

³³² Cf. SHARMAN, 1968, p. 87

³³³ SUN Yat-sen, *The True Solution of the Chinese Question*, p.5 in SHARMAN, 1968, pp. 88–89. “The Manchu Dynasty may be likened to a collapsing house; the whole structure is thoroughly rotten to its very foundation. Is it possible for any one to prevent the house from falling just by supporting the walls collaterally outside with a few beams? We fear that this very act of supporting it might hasten its tumbling. The dynastic life in China, as shown from history, is much the same as an individual; it has its birth, growth, maturity, declining and dying. The present Tartar rule has begun to decline since the beginning of the last century and is dying fast now...”. TdA.

³³⁴ Cf. HSÜ, 1970, p. 545

no Japão em setembro de 1905.³³⁵ Com o sucesso da Revolução de 10 outubro de 1911, Sun regressa à China e é eleito presidente provisório da recém-formada República da China.³³⁶

Sun acreditava que o projeto social de Hong Xiuquan havia falhado porque este compreendera os conceitos de nacionalismo e de monarquia, mas não os de soberania popular e democracia. Para colmatar estas falhas ideológicas, tornava-se essencial cumprir conjuntamente os dois primeiros Princípios Populares.³³⁷



Figura 9. Sun Yat-sen e esposa Song Qingling (宋庆龄 *sòng qìnglíng*)³³⁸

Apesar de a nomenclatura dos *Três Princípios Básicos* ter permanecido (e permanecer ainda) imutável, nunca veio à luz uma versão definitiva da filosofia política de Sun Yat-sen.³³⁹ Quando, já enquanto líder do Partido Nacionalista (国民党

³³⁵ Cf. BESSA, 1999, p. 21; *Idem*, p. 551

³³⁶ Cf. HSÜ, 1970, p. 557

³³⁷ *Idem*, p. 308

³³⁸ Fotografia a preto e branco datada de 1919-1922. Coleção John Thompson, University of Bristol. Retirado de <https://www.hpcbristol.net/visual/th-n02>. Acedido a 14 de junho de 2018.

³³⁹ Cf. SCHIFFRIN, 1980, pp. 252–253

guómíndǎng) e nos seus últimos anos de vida, Sun discorreu longamente acerca deles, a sua conceção havia sido influenciada por fatores externos, sendo o maior dos quais a Revolução Bolchevique na Rússia.³⁴⁰ Mau grado este facto, se observarmos os Princípios à luz dos fatores internos e externos que levaram à sua criação, conseguimos vislumbrar algumas constantes às quais Sun se manteve fiel durante todo o seu percurso revolucionário. Pelo menos dois dos Princípios, o Princípio do Nacionalismo e o Princípio do Socialismo, deixam entrever alguma inspiração da Rebelião Taiping, mas também deixam espaço para algumas dissemelhanças.

O primeiro princípio, *Nacionalismo*, advogava a igualdade entre as raças. Tal implicava, antes de mais nada, a erradicação do domínio manchu sobre o povo chinês. Este ideal, como já vimos, estava presente na mente de Sun desde a sua infância e deriva em grande parte do seu contacto com histórias da Rebelião Taiping. Porém, após 1911, o mesmo Princípio passou a significar oposição ao imperialismo estrangeiro e ao estabelecimento de “esferas de influência” em território chinês, considerado outra forma de dominação.³⁴¹ Este último aspeto, talvez por uma questão de prioridades, nunca havia sido alvo de oposição direta por parte do *Reino Celestial*. Hong Ren’gan, inclusive, mostrou-se disposto a cooperar com as potências ocidentais com vista a facilitar a modernização e derrubar a dinastia Qing. Por sua vez, Sun alertou para o facto de as potências continuarem a explorar a China, algumas das quais eram já verificáveis aquando da Rebelião Taiping, designadamente o controlo de tarifas aduaneiras que impediam a indústria doméstica chinesa de se proteger.³⁴² Sun acusava a dinastia manchu de ter destruído o nacionalismo chinês, preservado agora apenas nas classes mais baixas através das sociedades secretas.³⁴³

O terceiro Princípio, muitas vezes traduzido como comunismo, é o mais abstrato dos três mas também o que mais bebe da fonte Taiping. Se Sun Yat-sen era ou não apologista do comunismo é uma problemática largamente debatida. No entanto, é inegável que Sun associava o *Reino Celestial* à prática do comunismo. Em 1924, este afirmara que “A prática do Comunismo não começou na Rússia. Há umas dezenas de anos atrás, Hong Xiuquan já o havia praticado no Reino Taiping.”³⁴⁴ Para ilustrar este

³⁴⁰ Cf. WILBUR, 1976, pp. 197–207

³⁴¹ Cf. SHARMAN, 1968, pp. 286–287; *Idem*, pp. 198–199

³⁴² Cf. WILBUR, 1976, p. 200

³⁴³ *Idem*, pp. 200–201

³⁴⁴ *Tsung-li ch’üan-chi*, vol.2, p.390 in TENG, 1962, p. 151, n.1. “The practice of Communism did not begin in Russia. Several scores of years ago Hung Hsiu-ch’üan had already practiced it in the Taiping Kingdom.” TdA.

princípio, Sun louvava o *Reino Celestial* por ter tentado obter igualdade económica, permitindo que todos tivessem roupa e comida:

*Após ocupar as províncias de Hubei, Jiangxi, Anhui e Zhejiang, o governo Taiping tomou controlo da terra baldia como resultado da guerra constante. Por isso, mesmo após tantos anos de luta, o governo não precisou de empréstimos estrangeiros e o povo tinha bastante para comer e vestir.*³⁴⁵

Este terceiro princípio de Sun possuía como objetivo final que todos estivessem “bem alimentados e bem vestidos”. Na prática, tal era alcançável pela ausência de exploração do rico pelo pobre, principalmente no que diz respeito à tenência e trabalho da terra, assim como pelo controlo estatal da indústria têxtil e proteção da produção doméstica.³⁴⁶

Com efeito, apesar de implantado de forma imperfeita, o *Sistema de Distribuição de Terras do Reino Celestial* (天朝田亩制度 *tiāncháo tiánmǔ zhìdù*), que será analisado posteriormente com mais detalhe, corporiza esta primeira preocupação. A noção cristã de irmandade dos Homens perante Deus terá influenciado, com certeza, a tendência igualitária de Sun, assim como influenciou os criadores da lei agrária do *Reino Celestial*.³⁴⁷

Em conclusão, se o facto de o próprio Sun Yat-sen se considerar o “segundo Hong Xiuquan” não é suficientemente revelador do impacto da Rebelião Taiping no seu percurso revolucionário, um olhar sobre a sua infância e filosofia política bastarão para nos convencer disso mesmo. Se a isso somarmos a sua convicção de ter recebido um mandato divino para salvar a sua pátria do domínio manchu, estamos perante uma das mais importantes consequências da Rebelião Taiping para a História da China. Enfim, esta é uma matéria que mereceria um estudo mais aprofundado.

³⁴⁵ Discurso proferido em 2 de dezembro de 1923, *Tsung-li ch'üan-chi*, vol.2, p.346 in TENG, 1962, p. 151, n.1. “After occupying the provinces of Hupeh, Kiangsi, Anhwei, and Chekiang, the Taiping government took over the administration of the land which was unreclaimed as a result of the constant warfare. Hence, even after fighting for so many years, the government did not require any foreign loans, and the people had plenty to eat and wear.” TdA.

³⁴⁶ Cf. SHARMAN, 1968, pp. 277–278

³⁴⁷ Cf. JEN, 1973, p. 143

Capítulo 3 – O Lugar da Rebelião Taiping na China Comunista

A complexidade da Rebelião Taiping serviu de inspiração e motivação a uma vastíssima literatura internacional sobre o tema, que incidiu sobre os mais variados aspetos da mesma: uns discorrendo acerca da novidade e especificidades da ideologia Taiping³⁴⁸, outros encarando-a tão só como mais uma manifestação de religião popular chinesa³⁴⁹, outros ainda vendo-a como uma expressão da personalidade apocalítica de Hong Xiuquan.³⁵⁰ Porém, uma das mais interessantes e controversas interpretações do acontecimento trata-se da protagonizada pela historiografia comunista da China contemporânea, que encara os Taiping como proto-revolucionários nacionalistas, ou mesmo como os “primeiros maoistas”. O capítulo final da presente dissertação pretende, na senda do desafio lançado por Sunquist³⁵¹, indagar acerca do papel da Rebelião Taiping como predecessora do Maoísmo, descobrindo pontos de contacto entre o projeto social Taiping e o de Mao Zedong (毛泽东 *máo zédōng*), assim como fazer uma resenha do estado da arte na historiografia comunista contemporânea.

3.1. O Projeto Social Taiping

Antes de mais, urge abordar um aspeto deveras importante que foi omitido (embora deliberadamente) em capítulos anteriores. Trata-se do programa social desenvolvido pelo *Reino Celestial* após a sua fixação em Nanquim em meados de 1853. Este aspeto é considerado um dos mais progressivos do movimento, constituindo uma quebra radical com a tradição chinesa. Como já vimos, os princípios defendidos pelos Taiping serviram de estímulo e modelo para Sun Yat-sen, mas também o serão para Mao Zedong e os comunistas.³⁵²

³⁴⁸ SHIH, Vincent, *The Taiping Ideology* (1967) apud SUNQUIST, 2005, p. 901

³⁴⁹ Cf. WAGNER, 1982

³⁵⁰ Cf. SPENCE, 1996

³⁵¹ Cf. SUNQUIST, 2005, p. 901

³⁵² Cf. FRANKE, 1967, p. 176

3.1.1. O que foi mantido

Os Taipings retiraram da doutrina cristã o princípio da igualdade do Homem aos olhos de Deus, sem distinção de género ou estatuto social. Tal princípio está na base de grande parte das medidas consideradas “revolucionárias” para a época. No entanto, o *Reino Celestial* foi também beber bastante à fonte da tradição chinesa. No final de contas, o seu fundador, Hong Xiuquan, era bem versado nos clássicos chineses, embora não tenha tido sucesso nos exames imperiais.

A influência da tradição chinesa pode ser sentida logo na génese do movimento, quando este estava ainda circunscrito ao redor da montanha Zijing, em Guangxi. A organização militar e administrativa adotada pela *Sociedade dos Adoradores de Deus*, incluindo a constituição das unidades militares e a nomenclatura dos oficiais, é decalcada quase completamente dos *Ritos de Zhou* (周礼 *zhōulǐ*), um clássico dos séculos IV ou III a.C. que descrevia a organização estatal da dinastia Zhou (周朝 *zhōucháo*, c. 1050-221 a.C.).³⁵³

Outra sobrevivência interessante da tradição chinesa no seio do *Reino Celestial* é a manutenção e realização dos exames imperiais. Estando na origem da “psicose” e visões de Hong Xiuquan, seria de esperar que estes fossem abolidos ou, no mínimo, sofressem reformas em larga escala, o que de facto aconteceu. A matéria sobre a qual incidia a prova era agora retirada de poemas e publicações Taipings, naturalmente selecionados pelo próprio Hong. Numa fase inicial, os exames imperiais estavam abertos a todos os candidatos, não se colocando o pré-requisito do exame provincial (precisamente aquele que Hong não tinha conseguido passar) e o grau de *juren* (举人 *jǔrén*).³⁵⁴ Porém, devido ao enorme número de candidatos, esta isenção teve que ser posteriormente abandonada, sendo adotado o modelo imperial dos Qing.³⁵⁵

A par dos exames imperiais dirigidos por Hong, os restantes líderes podiam organizar também exames imperiais em nome próprio, sendo o estatuto dos graduados equivalente ao dos graduados no exame do *Rei Celestial*. Trata-se de mais um exemplo da divisão e partilha de poderes entre a classe dirigente.

Outra diferença flagrante consiste na forma de tratamento dos examinados. No caso do *Reino Celestial*, estes viam a sua deslocação à capital paga e eram tratados com

³⁵³ Cf. JEN, 1973, pp. 139–140; SPENCE, 1996, pp. 127–128

³⁵⁴ Cf. KUHN, 1995, p. 292

³⁵⁵ Cf. JEN, 1973, pp. 151–152

grande dignidade, tendo direito a refeições e sendo atendidos por um assistente que satisfazia as suas necessidades diárias. Porém, apesar dos incentivos à participação, poucos letrados participaram nos exames, o que, a longo prazo, resultou na incapacidade dos Taipings em criar as suas próprias elites letradas. Neste contexto, os exames civis não possuíram um papel muito determinante para o *Reino Celestial*.³⁵⁶

Outra consequência da organização social derivada dos *Ritos de Zhou* é a inexistência de distinção entre cargos civis e cargos militares. O comandante que supervisiona o soldado em tempo de guerra é o mesmo que supervisiona o camponês em tempo de paz.³⁵⁷ A unidade demográfica mais elevada denominava-se, precisamente, *exército* (軍 *jūn*) e incorporava 13,156 famílias lideradas por um general (军帅 *jūnshuài*).³⁵⁸ Cada *exército* deveria possuir dois elementos (um diretor e um encarregado) encarregues de cada uma das seguintes funções: distribuição de terra, execução da lei, dinheiro e comida, rendimento assim como despesa.³⁵⁹

A nomenclatura das unidades de administração local seguia também o modelo Qing de *províncias* (省 *shěng*) e *distritos* (县 *xiàn*). De igual modo, os oficiais destacados para o governo destas unidades territoriais não diferiam muito em funções dos que governavam sob a dinastia Qing.³⁶⁰ Abaixo dessas divisões, poucos eram os burocratas especificamente destacados pelo governo Taipings. Tal tinha como consequência que, muitas vezes, os burocratas encarregues de aldeias e unidades territoriais menores eram precisamente os mesmos que as tinham dominado sob o regime anterior e cuja postura para com os Taipings era desinteressada, senão mesmo hostil.

3.1.2. Propriedade e lei agrária

Anteriormente, tivemos a oportunidade de referir o *Sistema de Distribuição de Terras do Reino Celestial*.³⁶¹ Apesar de alguns aspetos do mesmo terem sido efetivamente implantados, o radical sistema de administração fundiária nunca viu aplicação prática. Assim sendo, quando falamos do pioneirismo da lei agrária Taipings, devemos prestar mais atenção aos princípios orientadores da mesma e menos à sua aplicação e resultados práticos.

³⁵⁶ Cf. KUHN, 1995, p. 292

³⁵⁷ T'ai-p'ing T'ien-kuo, *A Law of the Regime in* DUN, 1969, p. 126

³⁵⁸ Cf. JEN, 1973, p. 141

³⁵⁹ T'ai-p'ing T'ien-kuo, *A Law of the Regime in* DUN, 1969, p. 126

³⁶⁰ Cf. KUHN, 1995, p. 292

³⁶¹ Cf. ponto 2.5 da presente dissertação. NdA.

Toda a terra do *Reino Celestial* era dividida em nove categorias, de acordo com a sua qualidade e produtividade. A quantidade de terra atribuída a cada família era proporcional ao número de membros desta e as mulheres recebiam exatamente a mesma quantidade que os homens. Cada família receberia terra de fraca e boa qualidade em partes iguais. Exemplificando, numa família de seis pessoas, três receberiam terra de boa qualidade e os restantes três terra de menor qualidade. Porém, menores de 16 anos receberiam metade da quantidade de terra que os adultos.³⁶²

Um dos princípios basilares da lei agrária Taiping era que “toda a terra da China deve ser trabalhada por todos os Chineses (...). Tal é feito para que todos na China possam disfrutar das bênçãos de Deus Pai, Senhor do Universo. A terra é partilhada; assim como a comida, roupa e dinheiro. O princípio da igualdade é para ser seguido por todo o país; ninguém, de agora em diante, deverá sofrer de fome ou frio.”³⁶³ A passagem transcrita é a mais usada para evidenciar as tendências igualitárias e socialistas do movimento. No entanto, não existem registos que confirmem se este sistema alguma vez foi implantado de forma funcional em alguma parte do *Reino Celestial*.³⁶⁴ É improvável que tal tenha acontecido, uma vez que a instituição de um sistema tão radical pressupunha uma estabilidade e segurança de que o *Reino Celestial* nunca dispôs. Aliás, tal sistema pressupunha também a abolição dos impostos, já que era suposto cada família retirar apenas o necessário à sua subsistência e armazenar o resto no fundo comunitário.³⁶⁵ No entanto, embora mais baixos que os praticados pela dinastia Qing, os impostos subsistiram, o que atesta o fracasso da implantação da reforma agrária.³⁶⁶

³⁶² T'ai-p'ing T'ien-kuo, *A Law of the Regime in DUN*, 1969, pp. 126–128

³⁶³ *Idem*, p.128. “All the land in China is to be tilled by all the people in China (...) This is done so that everyone in China can enjoy the blessings of God the Father, the Supreme Lord. Land is shared; so are food, clothing, and money. The principle of egalitarianism is to be followed throughout the country; no man, from now on, is to suffer from hunger or cold.” TdA.

³⁶⁴ Cf. FRANKE, 1967, p. 176

³⁶⁵ T'ai-p'ing T'ien-kuo, *A Law of the Regime in DUN*, 1969, p. 128

³⁶⁶ Cf. JEN, 1973, p. 145



Figura 10. Bandeira da Rebelião Taiping³⁶⁷

Como já vimos anteriormente e se pode verificar na passagem citada acima, a justificação para esta organização igualitária provém de Deus. A legislação Taiping que vem sendo citada relembra que:

*Todos somos membros de uma família, encabeçada por Deus Pai, Senhor do Universo. Ninguém deverá possuir propriedade privada, porque tudo na terra pertence ao Senhor do Universo. Apenas quando tudo pertencer ao Senhor do Universo irão os povos do mundo receber todos os bens de que precisam e ninguém sofrerá de frio ou de fome.*³⁶⁸

Outro facto derivado da citação acima é o cuidado da administração Taiping em prevenir a fome e garantir a disponibilidade de comida em toda a área sob o seu governo, mesmo durante maus anos agrícolas. Caso uma região do *Reino Celestial* sofresse de carestia, as regiões com excesso de produção eram obrigadas a coloca-lo à disposição dos necessitados.³⁶⁹

³⁶⁷ Bandeira capturada durante a reconquista de Ningbo pelas forças ocidentais em 1862. Sob a bandeira podemos observar o carácter 陳 *chén* a vermelho, presumidamente uma referência ao líder Taiping Chen Yucheng (陈玉成 *chén yùchéng*). Exposta no National Maritime Museum, Greenwich, London. Retirado de <http://collections.rmg.co.uk/collections/objects/552.html>, acedido a 13 de junho de 2018.

³⁶⁸ *Idem, Ibidem.* “We are all members of one family, headed by God the Father, the Supreme Lord. No one should have private property of his own because everything on earth belongs to the Supreme Lord. Only when the Supreme Lord owns everything will all people on earth receive the amount of goods they need and will no man suffer from cold or hunger.” TdA.

³⁶⁹ *Idem, Ibidem*

Em suma, o caráter pioneiro e igualitário da reforma fundiária Taiping tornava a sua implantação praticamente impossível num clima de instabilidade e guerra. A pretendida abolição de impostos chocava frontalmente com a continuação do esforço de guerra contra a corrupta dinastia manchu. Por outro lado, o curto tempo de vida do *Reino Celestial* também não permitiu a passagem do antigo regime para o novo modelo igualitário. Porém, “enquanto esquema utópico corporizando desvios significativos à tradição Chinesa, o sistema fundiário Taiping esclarece de modo singular os ideais sociais e económicos básicos dos revolucionários.”³⁷⁰

3.1.3. As mulheres

Um dos grandes beneficiários do movimento Taiping terá sido, precisamente, o sexo feminino. É verdade que no seio do extrato principal da rebelião, os Hakka, a mulher possuía um papel importante no trabalho da terra.³⁷¹ No entanto, não podemos esquecer que a rebelião emergiu de uma sociedade patriarcal, na qual a mulher estava sujeita ao homem (fosse o pai, o marido ou mesmo o filho) em todos os aspetos.³⁷² Assim sendo, os esforços movidos pelo projeto Taiping no sentido da emancipação da mulher são frequentemente incluídos entre os aspetos inovadores da Rebelião. Tais esforços derivam, como se pode depreender, do princípio de igualdade dos sexos perante Deus. Este criou todos os homens e mulheres como irmãos e o plano social Taiping procurava corporizar essa ideia.³⁷³

Com efeito, as medidas conducentes à afirmação do papel da mulher vão além da proibição da prostituição, do adultério e do enfaixamento dos pés. Num plano formal, foram criados para as mulheres títulos nobiliárquicos paralelos aos disponíveis para os homens. Tal constituiu a primeira oportunidade deste tipo na história da China.³⁷⁴ Existem também referências a exames imperiais para mulheres. No entanto, se tivermos em consideração a elevadíssima taxa de iliteracia entre o sexo feminino, torna-se difícil imaginar que o teor dos exames fosse semelhante ao dos exames imperiais para o sexo

³⁷⁰ JEN, 1973, p. 143. “...as a utopian scheme embodying significant departures from Chinese tradition, the Taiping land system illuminates in a singular way the basic social and economic ideals of the revolutionaries.” TdA.

³⁷¹ Como vimos anteriormente, as mulheres Hakka trabalhavam os campos ao lado dos homens e não possuíam o costume de enfaixar os pés. Cf. p.6 da presente dissertação. NdA.

³⁷² Uma boa síntese do lugar da mulher na tradição chinesa pode ser encontrada em JOHNSON, 2006, pp. 5–12. NdA.

³⁷³ Cf. JEN, 1973, p. 150

³⁷⁴ *Idem*, pp. 150–151

masculino. O mais provável seria tratarem-se de exames vocacionados para o serviço no Palácio Imperial.³⁷⁵

Com efeito, o complexo palaciano de Hong, no coração de Nanquim, constituía um mundo totalmente à parte. Contrariamente ao costume chinês, os Taiping não empregavam eunucos, o que implicava que o palácio do *Rei Celestial* era governado exclusivamente por mulheres. Aproximadamente duas mil mulheres trabalhavam no Palácio Imperial, entre ministras, burocratas, serventes e familiares de Hong Xiuquan.³⁷⁶ A todas, sem exceção, era exigida uma aparência irrepreensível e um zelo constante no desempenho das suas funções, sob pena de castigo corporal. Acima de tudo, as mulheres do palácio estavam terminantemente proibidas de sair e ter contacto com o mundo exterior. O que nos conduz a uma das maiores contradições do programa social do *Reino Celestial*: a segregação dos sexos.

Com efeito, esta tendência pode ser verificada ainda no período anterior a 1850, quando, durante os serviços religiosos da *Sociedade dos Adoradores de Deus*, homens e mulheres eram separados por filas.³⁷⁷ O princípio de que homens e mulheres deveriam possuir acampamentos separados foi consagrado em inícios de 1850, no auge da militarização da Sociedade. Quem fosse apanhado a visitar o marido ou a mulher no acampamento oposto era condenado a nada menos que a morte. Curiosamente, o mesmo período assistiu à formação de um exército feminino e à ascensão de algumas mulheres a cargos oficiais.³⁷⁸ Podemos constatar que a emancipação da mulher conviveu com a intensificação da segregação dos sexos, uma vez que esta passou a ter que se autogovernar.

Após a conquista de Nanquim em 1853, a cidade foi dividida em quarteirões para homens e mulheres. Tal implicou que cada género teve de tornar-se autossuficiente. Homens partilhavam a responsabilidade de tecer uniformes para os soldados, enquanto mulheres cavavam valas para a defesa de Nanquim. Até as lojas eram separadas por sexo, homens e mulheres apenas se cruzavam casualmente na rua.³⁷⁹

Algum tempo depois, em inícios de 1855, o sistema tornou-se um pouco mais tolerante, admitindo-se o contacto entre cônjuges, mantendo-se embora as punições severas relativas ao adultério e à poligamia. No entanto, estes aspetos da disciplina espartana Taiping contrastaram com a situação privilegiada dos estratos superiores do

³⁷⁵ *Idem*, pp. 152–153

³⁷⁶ Spence presenteia-nos com uma vívida e algo cómica imagem do dia a dia das mulheres no palácio de Hong, assim como das regras a que estas estavam sujeitas. Cf. SPENCE, 1996, pp. 250–254. NdA.

³⁷⁷ Cf. SPENCE, 1996, p. 76

³⁷⁸ *Idem*, pp. 120–121

³⁷⁹ Cf. JOHNSON, 2006, p. 28; SPENCE, 1996, p. 185

Reino Celestial. Com efeito, a estes era permitido ter mais do que uma mulher. Aos Reis do Oriente e do Norte era permitido ter 11 mulheres, e os irmãos de Hong podiam ter 6. Relatos apontam para o facto de Hong Xiuquan ter tido cerca de 88 mulheres.³⁸⁰ Porém, o que a nossos olhos parece ser uma contradição pode muito bem ter parecido legítimo aos olhos dos súbditos do *Reino Celestial*, uma vez que a tradição chinesa sempre aceitou a prática de concubinato como símbolo de *status* (alguns imperadores tiveram milhares de concubinas).³⁸¹ O *Reino Celestial* não terá sido diferente neste aspeto.

3.1.4. O calendário e o domingo

Uma das primeiras e mais ambiciosas políticas levadas a cabo pelos Taiping foi a reforma e adoção de um calendário solar, em oposição ao calendário lunar em vigor na China. Criado por Feng Yunshan aquando da captura de Yong'an em setembro de 1951, o calendário Taiping encontra-se bem mais próximo do calendário gregoriano ocidental. O novo calendário Taiping encontrava-se dividido em anos de 366 dias, divididos em 12 meses e semanas de 7 dias.³⁸² Porém, a consequência mais significativa da mudança de calendário é a rejeição dos elementos de superstição chinesa que consideram certos dias mais auspiciosos que outros. Para os Taiping, cada dia era providenciado por Deus e, por conseguinte, bom. Outro aspeto significativo era o respeito pelo que designavam como *Sabbath*, o Domingo, no calendário Taiping. Todos os domingos, cada oficial encarregue de 25 famílias (司馬 *sīmǎ*) tinha a obrigação de reunir todos os seus subordinados e executar o serviço religioso na igreja local (estava prevista a construção de uma por cada 25 famílias).³⁸³

3.1.5. Políticas de Hong Ren'gan (1859-1864)

A chegada de Hong Ren'gan a Nanquim em abril de 1859 marcou o virar de mais uma página na história da Rebelião Taiping.³⁸⁴ O primo de Hong Xiuquan foi imediatamente visto como a solução ideal para preencher o vazio de poder que havia sido criado com os massacres de Yang Xiuqing e Wei Changhui em 1856. Portanto, não é de

³⁸⁰ Cf. JEN, 1973, p. 137

³⁸¹ *Idem*, pp. 137-138

³⁸² *Idem*, p. 80

³⁸³ Cf. BOARDMAN, 1952, p. 78

³⁸⁴ Cf. KUHN, 1995, p. 296

estranhar que, logo três dias após a sua chegada a Nanquim, Hong Ren'gan tenha sido dignificado com o título de *Rei Protetor* e os cargos de primeiro-ministro e comandante supremo do exército Taiping.³⁸⁵

Hong Ren'gan não havia participado na revolta de Jintian nem nas campanhas militares que se lhe seguiram e que culminaram na conquista de Nanquim. Nos anos decorridos até 1859, havia estudado em Hong Kong e contactado com mais missionários cristãos que qualquer outro líder Taiping. Estudou a doutrina cristã com o Reverendo Theodore Hamberg e trabalhou na Missão de Londres em Hong Kong. O extenso programa de reforma apresentado por ele em 1859, a *Nova Proposta para Auxiliar na Administração*³⁸⁶ reflete o seu contacto com instituições e ideias ocidentais.³⁸⁷ Podemos, à semelhança de Jen, dividir as suas propostas em três categorias: políticas, económicas e sociais.³⁸⁸

No âmbito político, Hong Ren'gan concentrou-se na centralização e democratização da autoridade política, assim como no combate aos grupos de pressão e à corrupção. A democratização do regime seria feita nomeadamente através da publicação de periódicos e a instituição de “caixas de sugestões” de modo a auscultar a opinião pública. As propostas também continham medidas de cariz humanitário, nomeadamente a criação de instituições que promovessem ações educacionais ou de caridade.

No âmbito económico, foi dado especial enfoque aos meios de comunicação. Numerosas propostas dizem respeito à promoção de infraestruturas, como estradas, caminhos de ferro e embarcações a vapor. De igual modo, também foi incentivada a abertura de bancos e seguradoras, à semelhança das que já existiam em Xangai e Hong Kong.³⁸⁹ Outro aspeto curioso foi o incentivo à criação de patentes de modo a encorajar o avanço científico.

No âmbito social, foi reforçado o combate à idolatria, aos vícios e a práticas consideradas condenáveis. Estas englobavam não só o consumo de álcool, ópio ou os jogos de azar, mas também visavam hábitos como unhas longas nos homens, pés enfaixados nas mulheres e cerimónias extravagantes (por exemplo em funerais ou aniversários). Aqui volta a surgir o cariz humanitário das propostas de Hong Ren'gan:

³⁸⁵ Cf. JEN, 1973, p. 357

³⁸⁶ TENG & FAIRBANK, 1954, p. 57. “*A New Work for Aid in the Administration*”. TdA.

³⁸⁷ *Idem*, pp. 56–57

³⁸⁸ Cf. JEN, 1973, pp. 359–362

³⁸⁹ HONG Ren'gan, *Tzu-cheng hsin-p'ien*, p. 57-59 in TENG & FAIRBANK, 1954, pp. 57–58

os templos “idólatras” seriam convertidos em igrejas ou hospitais e seria prestada especial atenção à educação e proteção das crianças.³⁹⁰

Um último aspeto que merece ser mencionado é a reforma das práticas de escrita. Em rigor, esta não foi iniciada por Hong Ren’gan. Com efeito, a generalização do uso de pontos finais e vírgulas já havia sido levada a cabo entre os Taiping nos primórdios do movimento. Porém, as reformas de Hong Ren’gan deixam antever uma tendência que ganhará força na China apenas meio século mais tarde, através da utilização cada vez mais generalizada do vernáculo na literatura.³⁹¹

O programa de reformas de Hong Ren’gan não é desprovido de ingenuidade. As principais fontes das suas ideias foram as suas conversas com colegas e missionários ocidentais em Xangai e Hong Kong, assim como a observação do funcionamento da economia e das instituições nesses dois portos.³⁹² Daí a tentativa de conciliar a rígida disciplina da sociedade Taiping com um programa de fomento industrial e económico em moldes ocidentais.

Grande parte das reformas propostas por Hong Ren’gan não chegaram a ser postas em prática. Algumas, como a publicação de periódicos na *Capital Celestial*, foram rejeitadas à partida por Hong Xiuquan, que as considerou prematuras.³⁹³ Outras, como a criação de um moderno sistema de transportes assente em tecnologia ocidental, falham no momento em que o exército Taiping avança sobre Xangai e obriga as potências ocidentais a abandonar a sua política de neutralidade. No entanto, convém reparar que nenhum dos mais reputados contemporâneos de Hong Ren’gan, Zeng Guofan, Zuo Zongtang ou Li Hongzhang, alguma vez propuseram um programa de reforma com a profundidade e ambição da *Nova Proposta para Auxiliar na Administração*. Tal facto confere a este programa de reformas um lugar de especial relevo no percurso histórico que conduziu ao triunfo do programa nacionalista de Sun Yat-sen.

³⁹⁰ Cf. JEN, 1973, pp. 360–361

³⁹¹ Trata-se do movimento que, durante a segunda década do século XX, advogava a escrita de toda a literatura, independentemente de género, não em chinês clássico (文言 *wényán*) mas sim na linguagem coloquial contemporânea (白话 *báihuà*). Este novo movimento literário teve como expoente máximo Lu Xun (鲁迅 *lǔ xùn*), que, em 1918, publicou o primeiro trabalho com relevância no domínio da literatura moderna chinesa, o *Diário de um Louco* (狂人日记 *kuáng rén rì jì*). Cf. UKAI, 2013, p. 314

³⁹² Cf. TENG & FAIRBANK, 1954, p. 57

³⁹³ Cf. SPENCE, 1996, p. 274

3.2. Mao Zedong e a Rebelião Taiping

Um importante elemento da contenda político-ideológica entre o Partido Comunista Chinês (共产党 *gòngchǎndǎng*, também designado como PCC) e o Partido Nacionalista (国民党 *guómíndǎng*) consistiu na capacidade dos líderes de ambos os partidos em situar a sua proposta de projeto político na narrativa histórica nacional. Nativo de Hunan, Mao admirou Zeng Guofan durante a sua infância, tendo mais tarde desenvolvido apreciação ideológica por Hong Xiuquan.³⁹⁴ Curiosamente, Chiang Kai-shek (蒋介石 *jiǎng jièshí*) seguiu o trajeto oposto: identificou-se primeiramente com os Taiping, posteriormente aproximando-se de Zeng Guofan.³⁹⁵ Tal não significa que o partido de Mao Zedong obteve o poder devido ao facto de este ter sido melhor estudante de história do que Chiang. Mao conseguiu, isso sim, conceber o comunismo como a consequência lógica e necessária da queda da China Imperial em 1911 e da falência da República que se lhe seguiu.³⁹⁶ A sua mensagem, derivada de uma *sinicização do marxismo*, provou ser mais poderosa do que a transmitida pelos nacionalistas por se identificar com as necessidades sociais e económicas da maioria camponesa na China.³⁹⁷

Como marco na falência da China Imperial e movimento protagonizado pelas classes carenciadas³⁹⁸, a Rebelião Taiping não pode ser deixada fora da narrativa histórica que conduziu à implantação da República Popular da China. Nas páginas seguintes, perscrutaremos a produção literária de Mao Zedong, em particular os seus *Selected Works*³⁹⁹, em busca de pontos de contacto entre as visões de Mao e de Hong Xiuquan.

Para começar, convém partirmos da visão geral, ou seja, do substrato ideológico por detrás das ações de Hong e Mao. Com efeito, tanto a ideologia da Rebelião Taiping como a da Revolução Comunista de 1949 provêm não da tradição chinesa, mas sim de fontes ocidentais.⁴⁰⁰ No entanto, tanto o cristianismo de Hong como o marxismo de Mao são versões “sinicizadas” das suas congéneres europeias. Assim como o cristianismo Taiping era considerado herético pelos missionários estrangeiros, nomeadamente pela subordinação da mencionada fé às visões de Hong, o marxismo de Mao Zedong, adaptado à realidade chinesa, também não foi bem acolhido pela liderança soviética. Ambos os

³⁹⁴ Cf. STUART, 1986, p. 794

³⁹⁵ Cf. FRANKE, 1967, pp. 174–175

³⁹⁶ Cf. LEVENSON, 1971, p. 229

³⁹⁷ Cf. SELDEN, 1979, p. 11

³⁹⁸ Cf. ROWE, 2009, p. 185

³⁹⁹ Cf. MAO, 1967

⁴⁰⁰ Cf. MEISNER, 1977, p. 3

líderes apareceram aos olhos dos chineses não como intelectuais e acadêmicos no sentido confucionista do termo, mas como portadores de novas ordens sociais baseadas em tradições intelectuais originadas no Ocidente. O discurso de Mao Zedong, a quem podemos atribuir com alguma segurança o conceito de *sinicização do marxismo*⁴⁰¹, é bastante claro neste aspeto:

*A grande vantagem do Marxismo-Leninismo reside precisamente na sua integração com a prática revolucionária específica de países diferentes. No caso do Partido Comunista Chinês, é uma questão de aprender a aplicar a teoria do Marxismo-Leninismo às circunstâncias específicas da China.*⁴⁰²

A *sinicização do marxismo* por Mao Zedong encontra paralelo na *sinicização* do cristianismo por Hong Xiuquan. Tanto um como o outro adaptaram a tradição intelectual importada do Ocidente à realidade chinesa, e foram criticados por isso. Enquanto os missionários ocidentais do século XIX expunham as blasfémias contidas na doutrina Taiping, também a versão chinesa do marxismo-leninismo foi alvo de críticas, especialmente após a morte de Estaline em 1953.⁴⁰³

No plano doméstico, a adoção de doutrinas ocidentais que pouco ou nada tinham em comum com a ordem tradicional chinesa colocou ambos os modelos em choque um com o outro e impediu a sua coexistência. Tivemos a oportunidade de descrever os atos iconoclastas de Hong Xiuquan, cujo exemplo foi posteriormente seguido por Sun Yat-sen. Este último é apenas um exemplo das marcas deixadas pela rejeição da herança tradicional chinesa por parte dos Taiping, marcas que foram seguidas por movimentos revolucionários posteriores.

Igualmente influenciados por ideias ocidentais e convencidos da incapacidade por parte do regime imperial em impor-se face ao imperialismo estrangeiro, um número crescente de membros da elite começou, a partir da década de 1890, a perder a fé na ordem social confucionista e nas instituições tradicionais.⁴⁰⁴ Apesar de provenientes da classe

⁴⁰¹ Cf. HINTON, 1973, p. 100

⁴⁰² MAO, 1967, v.2, p. 209. “*The great strength of Marxism-Leninism lies precisely in its integration with the concrete revolutionary practice of all countries. For the Chinese Communist Party, it is a matter of learning to apply the theory of Marxism-Leninism to the specific circumstances of China*” TdA.

⁴⁰³ Cf. HINTON, 1973, pp. 100–102

⁴⁰⁴ Para esta perda de fé nas instituições tradicionais contribuiu de forma determinante o fracasso das reformas tentadas pelo Imperador Guangxu (光緒 *guāngxù*, r. 1875-1908) em 1898. Este programa de reformas, conhecido como a Reforma dos Cem Dias (戊戌变法 *wùxū biànfǎ*), recebeu a oposição frontal da Imperatriz Viúva Cixi (慈禧 *cíxǐ*), tia do Imperador, que detinha o poder *de facto* na corte imperial. Este fracasso veio provar que não podiam ser esperadas reformas vindas de cima e que o conservadorismo confucionista não era mais que um estorvo à modernização da China. NdA.

social que servia de guardião à ordem tradicional, esta nova *intelligentsia* deixou de ter como preocupação principal a manutenção do *status quo*, preocupando-se mais em criar uma China forte que fosse capaz de sobreviver num ambiente internacional hostil.⁴⁰⁵ Para tal, urgia despojar a China dos elementos obsoletos que se considerava estarem na origem dos problemas da época. Estamos então perante o regresso da “iconoclastia”.

As tendências iconoclastas do novo século, exacerbadas com a queda da China Imperial, tiveram expressão significativa no *Movimento Nova Cultura* (新文化运动 *xīnwénhuà yùndòng*, 1915-1919) e no periódico *Nova Juventude* (新青年 *xīn qīngnián*, também conhecido como *La Jeneusse*) fundado por Chen Duxiu (陈独秀 *chén dúxiù*).⁴⁰⁶ Muitos intelectuais associados a este periódico defendiam uma completa transformação moral e cultural como pré-requisito para a reforma social e ação política.⁴⁰⁷ Numa edição deste periódico, datada de 1917, podemos encontrar um artigo redigido por um jovem de 23 anos chamado Mao Zedong.⁴⁰⁸

Nascido numa família rural da província de Hunan, Mao Zedong inteirou-se, mais por experiência própria que pela análise de obras marxistas, da importância da agricultura para a economia chinesa. O seu trabalho nos primeiros anos do Partido Comunista centrava-se principalmente na organização do campesinato. Não surpreende, portanto, que ainda na década de 1920 tenha surgido na sua mente a ideia de adaptar o marxismo à realidade chinesa, de onde advém o carácter eminentemente camponês que este acabou por adquirir.⁴⁰⁹ Tal aspeto ficaria patente logo em outubro de 1927, quando Mao fixa uma base de operações nas montanhas Jinggang (井冈山 *jǐnggāng shān*), na fronteira das províncias de Hunan e Jiangxi, com vista à formação de soviets de camponeses.⁴¹⁰ No entanto, foi principalmente durante o chamado “Período de Yan’an” (延安 *yán'ān*, 1936-1947), já após a odisséia de um ano que teve o nome de *Longa Marcha* (长征 *chángzhēng*, 1934-1935), que Mao Zedong se voltou mais decididamente para a teoria e para a definição do lugar do movimento revolucionário comunista no espectro da História da

⁴⁰⁵ Cf. MEISNER, 1977, p. 12

⁴⁰⁶ Chen Duxiu tornar-se-ia, juntamente com Li Dazhao (李大钊 *lǐ dàzhāo*), co-fundador do Partido Comunista Chinês. Cf. HSÜ, 1970, pp. 606–607

⁴⁰⁷ Cf. MEISNER, 1977, p. 14

⁴⁰⁸ Uma análise das publicações de Mao Zedong na revista *Nova Juventude* e da forma como estas deixam transparecer as suas convicções pode ser encontrada em STUART, 1986, pp. 789 e ss. NdA.

⁴⁰⁹ Aquando o seu triunfo final em 1949, a esmagadora maioria dos membros do partido consistia em camponeses. Cf. LIEBERTHAL, 1995, p. 39

⁴¹⁰ Cf. CABRAL, 2013, p. 259; MEISNER, 1977, p. 31

China. Foi precisamente durante este período que Mao escreveu mais de dois terços daquilo que veio a constituir os volumes I, II e III dos seus *Selected Works*.⁴¹¹

Um dos escritos de Mao mais relevantes para o nosso estudo é o *Relatório de uma investigação sobre o movimento camponês no Hunan*⁴¹², redigido em março de 1927. Ao longo do mesmo, Mao nota com agrado algumas modificações no modo de vida do campesinato da sua província natal, que crê servirem de indicador em como a chave da revolução reside nas classes camponesas e não no diminuto proletariado chinês.⁴¹³ Nas suas descrições, podemos encontrar bastantes semelhanças com a doutrina Taiping que interessa apontar.

Neste relatório, mais propriamente na secção intitulada *Derrubar a autoridade profana dos templos ancestrais e dos anciãos, a autoridade religiosa das divindades locais e a autoridade masculina dos maridos*⁴¹⁴, Mao identifica três sistemas de subjugação: o sistema estatal (autoridade profana); o sistema de clãs (autoridade familiar), incluindo os templos ancestrais; e o sistema sobrenatural (autoridade religiosa), incluindo o “Rei dos Infernos” e até mesmo o “Filho do Céu”.⁴¹⁵ No caso das mulheres, podemos somar ainda mais uma autoridade superior, aquela exercida pelo marido. Segundo Mao, estas quatro consistem nas “amarras que prendem o povo chinês, em particular os camponeses.”⁴¹⁶ Este rol de acusações, em especial as duas últimas, corporizam dois dos maiores pontos de contacto entre a ideologia Taiping e a de Mao, nomeadamente a rejeição da superstição e religião tradicionais chinesas, assim como a defesa da igualdade de sexos. Nesta secção, Mao nota com agrado a maneira como os emergentes movimentos camponeses da sua província natal provocavam a fragilização da autoridade religiosa.⁴¹⁷ Quanto à subjugação das mulheres, Mao repara que, principalmente no caso das famílias mais pobres, a mulher é obrigada a trabalhar no campo juntamente com o homem, o que tem como consequência algum grau de emancipação feminina.⁴¹⁸ Porém, para Mao, o

⁴¹¹ Cf. BURLATSKY, 1980, p. 80

⁴¹² Cf. MAO, 1967, v.1, pp. 23–57. Mao atribuía tamanha importância a este relatório que este ocupa o segundo lugar do primeiro volume, publicado antes da sua morte. NdA.

⁴¹³ Líderes comunistas como Chen Duxiu acreditavam que a revolução socialista deveria partir das classes proletárias urbanas. Mao discordava desta abordagem e o presente relatório visava realçar a necessidade de adaptação da ortodoxia marxista às “condições chinesas”. NdA.

⁴¹⁴ *Idem*, v.1, p. 44. “Overthrowing the clan authority of the ancestral temples and clan leaders, the religious authority of town and village gods, and the masculine authority of husbands.” TdA.

⁴¹⁵ Entenda-se, o Imperador. NdA.

⁴¹⁶ *Idem*, v. 1, p. 44. “...the four thick ropes binding the Chinese people, particularly the peasants.” TdA.

⁴¹⁷ *Idem*, v.1, p. 45

⁴¹⁸ *Idem*, v.1, pp. 45–46

sistema de clãs, a superstição e a desigualdade entre homens e mulheres só serão abolidos através do controlo político e económico.

No mesmo relatório, desta vez na secção *Banimentos e proibições dos camponeses*⁴¹⁹, podemos encontrar três proibições que nos remetem para a legislação do *Reino Celestial*. São elas a proibição do jogo, das apostas e do consumo de ópio, consideradas coisas que “desagradam ao povo”. Proibições que podemos também encontrar num escrito de Hong Xiuquan, datado de 1845 e intitulado *Ode à Origem da Virtude e à Salvação do Mundo*.⁴²⁰ Nesta obra, Hong anuncia que Deus Pai é o único Deus do Universo e que todos devem louvar a ele e não a outros, sob risco de idolatria. A este pecado da idolatria, Hong junta outros: “lascívia”, desobediência aos pais”, “homicídio”, “roubo”, “bruxaria”, assim como “jogo, consumo de ópio e de álcool”.⁴²¹ Estes últimos constituem pontos de contacto entre Hong Xiuquan e Mao Zedong e refletem o efeito devastador que principalmente o ópio ainda tinha no seio da sociedade chinesa.⁴²²

Pouco tempo mais tarde, a 25 de novembro de 1928, Mao redige um relatório intitulado *Esforços nas montanhas Jinggang*.⁴²³ Na secção respeitante às questões agrárias, Mao refere o critério para a distribuição de terras. Não surpreende que também aqui seja seguido o critério da igualdade: “Todos os habitantes, homens e mulheres, idosos e jovens, recebem partes iguais.”⁴²⁴ Podemos ver que aqui o igualitarismo é levado ao extremo. Contrariamente ao que consta na reforma agrária do *Reino Celestial*, onde menores de 16 anos recebiam metade da área recebida pelos seus pais, no soviete de Mao Zedong não é feita essa distinção.

Em janeiro de 1940, já no quartel-general de Yan’an e após a *Longa Marcha*, Mao redige o ensaio intitulado *Sobre a Nova Democracia*.⁴²⁵ Aqui, mais precisamente na secção *A Economia da Nova Democracia*, Mao discorre acerca do modo como deverão ser organizadas as relações económicas do novo regime. Aqui podemos ver presente o princípio de “terra para o cultivador” estabelecido por Sun Yat-sen e, como vimos acima,

⁴¹⁹ *Idem*, v. 1, p. 49. “*Peasant bans and prohibitions.*” TdA.

⁴²⁰ WANG, 1979, p. 119. “*Ode on the Origin of Virtue and the Saving of the World.*” TdA.

⁴²¹ *Idem*, p. 120

⁴²² É de realçar que os princípios referidos na *Ode à Origem da Virtude e à Salvação do Mundo* resultam de uma interessante mistura entre a ética cristã e confucionista. Mais importante ainda, dos escritos produzidos por Hong nesta altura (1845-47) não transparece qualquer intenção de rebelião contra a dinastia Qing. A altura exata em que intenções de secessão tomaram conta de Hong é um dos pontos de contenda entre os historiadores da Rebelião Taiping. Cf. WANG, 1979, p.120

⁴²³ *Idem*, v. 1, p. 73. “*The struggle in the Chingkang mountains.*” TdA.

⁴²⁴ *Idem*, v.1, p. 89. “*All the inhabitants, men and women, old and young, received equal shares.*” TdA.

⁴²⁵ *Idem*, v.2, p. 353. “*On New Democracy.*” TdA.

inspirado pelo *Reino Celestial*. Mais concretamente, Mao menciona uma política de “equalização de tenências” onde não será permitida a posse de terra por uma minoria.⁴²⁶



Figura 11. Mao Zedong dirigindo-se aos seus camaradas em 1944⁴²⁷

Finalmente terminada a Segunda Grande Guerra e expulso o flagelo nipónico, o PCC pode, a 10 de outubro de 1947, divulgar o seu projeto de lei agrária. Este projeto, onde impera, mais uma vez, o princípio de “terra para o cultivador”, possui claras semelhanças com o sistema de distribuição do *Reino Celestial* que analisamos anteriormente. Neste documento, sobressaem três princípios relevantes para o nosso estudo:⁴²⁸

1. Deverá ser concretizado o sistema agrário de “terra para o cultivador”, não sendo permitida a posse de terra por parte de templos, mosteiros e outras instituições (Artigos 1º e 3º).
2. As unidades administrativas locais estão encarregues da redistribuição da terra, que será feita de modo igualitário entre mulheres e homens, novos ou velhos, tendo em conta a sua qualidade e fertilidade (Artigos 5º e 6º).
3. As associações de camponeses gerirão e redistribuirão o excesso de produção e as alfaías agrícolas (Artigo 8º).

Os pontos acima deixam bem clara a semelhança entre o programa agrícola do PCC e o do *Reino Celestial*, promulgado quase um século antes. Aspetos pioneiros da Lei Agrária Taiping, como a divisão da terra de acordo com a sua qualidade e a expropriação das posses dos templos ancestrais foram aqui retomadas pelos comunistas.

⁴²⁶ *Idem, Ibidem*

⁴²⁷ Retirado de <https://www.britannica.com/biography/Mao-Zedong#ref360860>. Consultado a 2 de abril de 2018.

⁴²⁸ Programa Básico da Lei Agrícola Chinesa, promulgada pelo Comité Central do Partido Comunista a 10 de outubro de 1947 in SELDEN, 1979, p. 215 e ss.

Num outro domínio, há um último aspeto digno de menção. Em termos militares, é fácil ver como as táticas empregues pelos Taiping influenciaram Mao Zedong. Na fase inicial de ambos os movimentos, quando as respetivas forças militares eram ainda reduzidas, a principal estratégia consistia num constante movimento de tropas e na incapacidade de ocupar território durante longos períodos de tempo. No caso Taiping, o exército foi incapaz de manter Yong'an, assim como de tomar Guiping e Changsha, o que o obrigou a manter-se em movimento na direção de Nanquim, que caiu três anos após a eclosão do movimento. A situação em que encontramos o Exército Vermelho no início dos anos 1930 é semelhante e talvez mais desesperada. Concentrada no Soviete de Jiangxi, sob ataque constante das forças nacionalistas de Chiang Kai-shek e havendo falhado em tomar Changsha em julho de 1930 (veja-se a semelhança com o percurso do exército Taiping), Mao Zedong recomendava a adoção de táticas de guerrilha. A tal opinião era avesso o restante Comité Executivo Central do PCC que, pressionado pelo Comintern de Moscovo, advogava uma abordagem militar mais convencional e baseada na ocupação de território. Apesar de ter perdido esta primeira batalha ideológica em 1932, uma série de derrotas às mãos dos nacionalistas veio dar razão a Mao, que rapidamente recuperou a influência perdida.⁴²⁹

A estratégia militar comunista de manter a mobilidade e evitar batalhas frontais (onde as vantagens conferidas pelo armamento e equipamento superiores dos nacionalistas seriam decisivas), obrigou o Guomindang a mudar igualmente de abordagem. Tal tática consistiu em “rodear e suprimir”. Mao refere-se a ela no terceiro capítulo no seu relatório *Problemas Estratégicos na Guerra Revolucionária Chinesa*, redigido em dezembro de 1936.⁴³⁰ No quarto capítulo, *A estratégia de “Rodear e Suprimir” e as suas contra-medidas – o padrão principal da guerra civil chinesa*⁴³¹, Mao observa que o Guomindang “está constantemente em perseguição do Exército Vermelho e constantemente a tentar rodeá-lo. Este padrão de guerra não mudou em dez anos (...)”⁴³² Padrão esse que parece semelhante ao seguido pelas forças Qing para lidar com os Taiping. Com efeito, após a conquista rebelde de Yong'an e, especialmente, de Nanquim, a estratégia imperial passou por um cerco gradual às posições Taiping, asfixiando as suas linhas de abastecimento e obrigando-os a surtidas arriscadas. Tal

⁴²⁹ Cf. ELLEMAN, 2001, pp. 218–219

⁴³⁰ MAO, 1967, v.1, p. 179. “*Problems of Strategy in China's Revolutionary War*”. TdA.

⁴³¹ *Idem*, v.1, p. 200. “*Encirclement and Suppression and counter-campaigns against it – the main pattern of China's civil war.*” TdA.

⁴³² *Idem*, *Ibidem*. “*He is for ever pursuing the Red Army and for ever trying to encircle it. For ten years this pattern of warfare has not changed (...).*” TdA.

estratégia obrigava os Taiping a recorrerem ao subterfúgio e à guerrilha, de modo a anular a clara desvantagem numérica. Lembre-se o ataque relâmpago a Hangzhou, orquestrado em março de 1860 por Hong Ren'gan, que permitiu desviar as atenções dos Qing e abrir caminho para o ataque aos acampamentos imperiais que asfixiavam a *Capital Celestial*.⁴³³

Resumindo, podemos, de facto, encontrar nos escritos de Mao Zedong alguma semelhança ideológica com o *Reino Celestial*, nomeadamente no plano de distribuição de terras baseado no princípio de “terra para o cultivador”, assim como na emancipação do camponês e dissolução dos vínculos tradicionais do campesinato chinês (as autoridades ancestral, religiosa e masculina). Por outro lado, à semelhança de Hong Xiuquan, Mao Zedong revelou-se, mais que um “importador”, um “adaptador” de uma doutrina estrangeira à realidade chinesa, um “marxismo com características chinesas” baseado no campesinato.

O carácter de “revolução camponesa” atribuído aos movimentos liderados por Hong e Mao está na origem da criação de um elo de ligação entre o Maoísmo e a Rebelião Taiping, relação que será explorada intensivamente pela historiografia comunista, por razões que serão vistas de seguida.

⁴³³ Cf. ELLEMAN, 2001, pp. 52–53

3.3. A “Revolução Taiping” na Historiografia Comunista

Quando falamos de um acontecimento histórico, a nossa visão do passado muito dificilmente se consegue distanciar da ótica do vencedor, que escreve (e muitas vezes, no caso chinês, reescreve) a história do seu ponto de vista vitorioso. Seguindo esta lógica, um levantamento popular, quando bem-sucedido, é apelidado de *revolução*; quando mal sucedido, fala-se em *rebelião*.

Como tivemos a oportunidade de ver, os Taiping foram amaldiçoados pelos chineses, em especial pelas elites, até ao dealbar do século XX. No entanto, com o triunfo da Revolução de 1911 e contando com a aprovação de uma figura tão prestigiada como Sun Yat-sen, a Rebelião Taiping foi integrada na narrativa revolucionária chinesa e recebeu simpatia e respeito enquanto protótipo de uma revolução étnica e nacionalista.⁴³⁴ Aos olhos da historiografia chinesa do pós-1911, passou-se efetivamente de uma “Rebelião Taiping” para uma “Revolução Taiping”.

Após a Revolução de 1949 e a instauração da República Popular da China, uma postura favorável aos Taiping tornou-se politicamente ortodoxa na historiografia comunista. O Partido Comunista Chinês adotou o movimento Taiping como seu antecessor revolucionário e estabeleceram-se paralelismos deliberados entre os dois projetos políticos.⁴³⁵ Durante mais de cinco décadas, o conflito foi frequentemente referido como “Movimento Revolucionário Taiping”. Uma obra que, embora magistral, revela esta postura não totalmente desinteressada é precisamente a de Jen Yu-wen, *The Taiping Revolutionary Movement*, amplamente citada na presente dissertação.⁴³⁶ O tema do movimento Taiping foi alvo de extensa investigação por parte de historiadores chineses como Jen, que identificaram o “Movimento Revolucionário” como um antecedente do percurso revolucionário chinês.⁴³⁷

Acadêmicos como Luo Er’gang (罗尔纲 *luó ěrgāng*, 1901-1997), da Academia Chinesa de Ciências Sociais, o historiador comunista Fan Wenlan (范文澜 *fàn wénlán*, 1891-1969) fizeram carreira em redor de uma interpretação progressista, patriótica e “anti-feudal”⁴³⁸ da Rebelião Taiping. Tal interpretação via a Rebelião Taiping como um

⁴³⁴ Cf. TENG, 1971, pp. 1–2

⁴³⁵ Cf. WU, 1963, p. 3

⁴³⁶ Cf. JEN, 1973

⁴³⁷ Cf. FRANKE, 1967, pp. 174–175

⁴³⁸ O conceito marxista de “feudalismo” merece explicação mais alargada. Com efeito, não se deve entender aqui “feudalismo” como organização sociopolítica baseada em laços feudo-vassálicos entre monarca e elites terratenentes, como quando falamos em “França feudal”. O adjetivo “feudal”, no sentido marxista, evoca uma organização fundiária na qual a terra é propriedade de uma minoria terratenente e hereditária, que subjugava as classes mais baixas e que é, portanto, arcaica e reacionária. NdT.

movimento pela igualdade política, económica e de género; resumindo, como uma autêntica revolução.⁴³⁹ Hong Xiuquan é visto como o predecessor do movimento nacionalista e o legado “anti-feudal” dos Taiping é louvado enquanto precursor dos comunistas chineses.⁴⁴⁰ Este legado tornou-se a génese de toda a trajetória revolucionária que conduziria ao triunfo de 1949 e que ainda se desenrola nos dias de hoje. Para o efeito, os Taiping foram então descritos como um autêntico movimento camponês que emancipou a mulher, redistribuiu as terras e combateu ativamente o jugo estrangeiro (leia-se, manchu).



Figura 12. Jen Yu-wen (简又文 *jiǎn yòuwén*, 1896 - 1978), célebre historiador da Rebelião Taiping.⁴⁴¹

À historiografia comunista chinesa interessa bastante esta questão da “revolução camponesa”. De facto, trata-se do tema histórico que mais tinta fez correr na China pós-1949, o que não surpreende quando temos em consideração o papel desempenhado pelo campesinato na fundação da “Nova China”.⁴⁴² É precisamente no âmbito das “revoluções camponesas” que podemos inserir a Rebelião Taiping. O já referido Luo Er’gang escreveu em 1937 que a Rebelião Taiping podia ser classificada como “revolta camponesa” (农民起义 *nóngmín qǐyì*), entendendo-se como “camponeses” não apenas pobres agricultores como também vagabundos desempregados, mineiros e mesmo académicos empobrecidos.⁴⁴³ Se é verdade que, no campo ideológico, a Rebelião Taiping possui

⁴³⁹ Cf. SCHURMAN & SCHELL, 1967, p. 170; TENG, 1962, p. 72

⁴⁴⁰ Cf. WELLER, 1987, p. 733

⁴⁴¹ Retirado http://www.chinese-shortstories.com/Auteurs_de_a_z_Liang_Yusheng.htm. Acedido a 30 de maio de 2018.

⁴⁴² Cf. LIU, 1981, p. 295

⁴⁴³ Cf. TENG, 1971, pp. 3-4

elementos distintivos que não encontramos nas demais insurreições camponesas, como a inspiração cristã e um plano social e político bem definidos, também é um facto que a maioria do substrato social Taiping era efetivamente constituído pelos elementos indicados por Luo.

Assim, pelo menos no que diz respeito à sua dimensão social, estamos realmente perante uma “rebelião camponesa”, ou melhor, de um movimento “de grandes grupos de habitantes rurais, predominantemente originários de classes baixas ou médias, ainda que possivelmente liderados por membros de classes altas, que são mobilizados na crença de que agem nos interesses da maioria dos seus compatriotas e contra o governo e *status quo* vigentes”.⁴⁴⁴

Como rebelião camponesa que é, a Rebelião Taiping merece um lugar de destaque na historiografia comunista chinesa. Como marxistas, os historiadores comunistas chineses entendem a história social como sendo a história dos conflitos entre classes opostas.⁴⁴⁵ Assim sendo, encaram os movimentos camponeses da China Imperial como prova do longo historial de reação das classes oprimidas à repressão por parte das classes opressoras. Tal identificação com os movimentos camponeses torna-se mais importante na medida em que a China apenas muito tardiamente desenvolveu uma classe operária que servisse de base à revolução.

O próprio Mao Zedong identificava as inúmeras revoltas camponesas ao longo dos séculos como prova da maior contradição presente na sociedade feudal chinesa: a do campesinato contra a classe terratenente. Segundo ele, a história da opressão dos camponeses chineses pode ser seguida através de centenas de levantamentos, grandes e pequenos, que se estendem desde as revoltas de Xiang Yu (项羽 *xiàng yǔ*) e Liu Bang (刘邦 *liú bāng*) nos finais da dinastia Qin (秦朝 *qíncháo*, 221-206 a.C.) até “ao levantamento conhecido como Guerra do Reino Celestial Taiping durante a Dinastia Qing”.⁴⁴⁶ Todas essas revoltas camponesas constituiriam a verdadeira força motriz do desenvolvimento histórico da sociedade feudal chinesa, conduzindo à maturidade das forças de produção. Porém, como desta instabilidade não resultavam novas relações de produção, as rebeliões falhavam e a instabilidade daí resultante era aproveitada pelas elites para derrubar a dinastia vigente. A dinastia mudava, mas o sistema político e as

⁴⁴⁴ HARRISON, 1969, p. 192. “...movements of large groups of rural inhabitants predominantly of lower- and middle-class origin, though possibly with some upper-class leaders, who are mobilized in the belief that they are acting in the interests of the majority of their kind and against the existing government and status quo”. TdA.

⁴⁴⁵ *Idem*, p. 189

⁴⁴⁶ MAO, 1967, v.2, p. 308. “...down to the uprising known as the War of the Taiping Heavenly Kingdom in the Ching Dynasty.” TdA.

relações económicas permaneciam imutáveis. A liderança do Partido Comunista, segundo Mao, conduziria à fuga desse ciclo vicioso.⁴⁴⁷

Segundo a historiografia marxista, o principal fator que induziu à rebelião seria, por conseguinte, a exploração da classe camponesa pela classe terratenente. Porém, vimos no princípio que a génese da Rebelião Taiping não coincide geograficamente com as regiões da China onde o jugo senhorial era mais pesado.⁴⁴⁸ Assim sendo, a máxima que dita que “os oficiais obrigam o povo a revoltar-se” (管逼民反 *guānbī mínfǎn*) não se aplica ao caso particular da Rebelião Taiping.

Outro aspeto de difícil conciliação para os historiadores comunistas é a relação entre guerra camponesa (ou seja, guerra de classe) e guerra étnica. Se é verdade que, na ótica marxista, o antagonismo étnico é encarado como manifestação das contradições de classes e subordinado a estas, é difícil admitir que tenha sido assim no caso da Rebelião Taiping. Quando muito, estamos perante motivações paralelas. O ódio racial parece ter constituído uma motivação bem mais potente para as classes dirigentes da rebelião, que aspiravam apenas a substituir a dinastia manchu pela ordem social Taiping, enquanto os substratos mais baixos da rebelião eram movidos pela mensagem utópica e igualitária. Por sua vez, o ódio racial, quando colocado ao serviço do nacionalismo, era alvo de louvor. Daí os Taiping terem sido apelidados de “movimento patriótico.”⁴⁴⁹

Na China pós-maoista (i.e. após 1977), a historiografia em geral foi alvo de uma revitalização. A nova ênfase dada à ciência, à tecnologia e ao progresso económico desinibiu, de certa forma, o historiador, que passou a atribuir menos importância à luta de classes e mais ao facto histórico em si.⁴⁵⁰ Tal mudança de paradigma implicou que certos aspetos da ideologia Taiping comesçassem a ser questionados e certas questões outrora politicamente incómodas levantadas. Desta forma, a ordem do dia no que diz respeito às questões históricas foi mudando em concordância com a evolução política.⁴⁵¹

Por exemplo, apesar de o carácter igualitário da Rebelião Taiping e do seu programa social levantarem poucas questões no seio da historiografia comunista, o certo é que, como vimos, a sua aplicação prática deixou muito a desejar a quem aspirava à distribuição igualitária da terra. Em grande parte das áreas do *Reino Celestial*, o sistema de tenências do velho regime manteve-se intacto, apesar de os impostos terem sido

⁴⁴⁷ *Idem*, v.2, p. 309

⁴⁴⁸ Cf. ponto 1.1 da presente dissertação.

⁴⁴⁹ Cf. HARRISON, 1969, pp. 195–196

⁴⁵⁰ Cf. LIU, 1981, pp. 295–296

⁴⁵¹ Cf. WELLER, 1987, p. 736

aligeirados. Este facto levou muitos historiadores pós-maoistas a considerar a Rebelião Taiping uma revolução camponesa “incompleta”, uma vez que as contradições entre as classes terratenente e camponesa se mantiveram.⁴⁵² Tal facto lança uma sombra sobre o legado Taiping que os historiadores da época maoista procuraram ignorar e sobre a qual a historiografia pós-maoista procurou lançar luz.

A impossibilidade de os Taiping se desfazerem da “limitação do modo feudal de produção” foi precisamente apontada por alguns historiadores da época pós-maoista. Segundo estes, apesar das inovações ideológicas do movimento, Hong Xiuquan nunca se conseguiu desprender completamente do sistema tradicional confucionista no seio do qual nasceu e se formou. Dos panfletos de Liang Fa, Hong retirou os conceitos de “monoteísmo” e “irmandade universal” sem, no entanto, se ter desfeito do conceito de “monarquia.”⁴⁵³ Assim sendo, um sistema igualitário de distribuição de terras só poderia ser danoso para os terratenentes e o sistema de produção.⁴⁵⁴ Hong percebeu isto e o sistema foi abandonado em 1854 e substituído por impostos, ainda que mais ligeiros.

Outras críticas recentemente lançadas contra a Rebelião Taiping incluem o carácter utópico e pouco realista do seu programa social, assim como a forma como os intelectuais foram empregues, numa era em que a China confere grande importância aos seus intelectuais para a sua afirmação no panorama global.

A questão da religião Taiping é outra que foi relegada para segundo plano até recentemente. A historiografia Taiping da época maoista relegava o monoteísmo Taiping para segundo plano, referindo-se a ele apenas enquanto forma de unir o campesinato sob uma mesma bandeira. Por outras palavras, subordinava-se a religião à política e à luta de classes. A própria noção de que Hong Xiuquan acreditava realmente ser o escolhido de Deus e de que tal não era apenas uma fachada para levar os camponeses a se lhe juntarem só começou a ser aceite nos finais do século passado. Desta abertura ao tema adveio a conclusão de que, mais do que um mecanismo de centralização do poder nas mãos de um número reduzido de líderes que possuíam laços de sangue com o Deus único, o cristianismo Taiping foi fruto, como já vimos, das condições socioeconómicas precárias e das práticas missionárias protestantes da época.⁴⁵⁵

Em suma, o processo de reabilitação de que foi alvo a Rebelião Taiping é fruto do papel da História e do historiador na China comunista. Praticamente todos os académicos

⁴⁵² Cf. HARRISON, 1969, p. 203

⁴⁵³ Como vimos anteriormente, esta foi precisamente uma das críticas lançadas por Sun Yat-sen ao seu ídolo. NdA.

⁴⁵⁴ Cf. LIU, 1981, p. 301

⁴⁵⁵ Cf. WELLER, 1987, pp. 741–742

chineses aceitam e partilham uma versão de marxismo, no seio da qual se formaram.⁴⁵⁶ Este facto, aliado à estreita ligação entre o académico e o poder político existente desde os tempos da China Imperial, tem como resultado a frequente subordinação da produção académica à postura política vigente na época. Assim sendo, é natural que, dadas as características predominantemente agrárias da Revolução Chinesa de 1949, esta faça do programa igualitário e reformista Taiping mais um passo (ainda que largo) na caminhada para a revolução e o comunismo. Por outro lado, e mais recentemente, a abertura da China ao exterior e o declínio do idealismo maoísta potenciou uma visão mais crítica da Rebelião Taiping e o levantamento de novas questões e contradições que ainda estão por resolver e que muitas vezes derivam da lente marxista através da qual até recentemente se tem observado o acontecimento. Por este motivo, um tema que à partida se pensava esgotado possui ainda o potencial de fazer correr muita tinta.

⁴⁵⁶ *Idem*, p. 751

Conclusões

O estudo da Rebelião Taiping enquanto a maior e mais bem organizada revolta camponesa da História da China justifica-se tanto pela sua relevância histórica como pelo seu papel no discurso político da China marxista contemporânea. Ao longo da presente dissertação, tivemos a oportunidade de ver onde residem as especificidades da mesma, assim como quais os fatores do seu sucesso inicial e da sua falência última. Posto isto, importa reter algumas ideias principais.

A primeira prende-se com o próprio cariz distintivo da rebelião. Rebeliões motivadas por ideologias religiosas não eram, na altura, novidade na China (veja-se o caso dos movimentos motivados pelo milenarismo budista, como o do *Lótus Branco* durante o reinado do Imperador Qianlong). Porém, estas revoltas anteriores eram motivadas unicamente pela dificuldade dos tempos, não possuindo o substrato étnico anti-manchu que caracteriza a Rebelião Taiping.⁴⁵⁷ Acima de tudo, e ao contrário das rebeliões suas contemporâneas, a especificidade da Rebelião Taiping reside no seu ataque às instituições e ordem social confucionistas, à qual se opõe uma doutrina de inspiração cristã.

Há também que realçar o facto de, embora a doutrina Taiping possuir inspiração cristã, esta ter sido adaptada às condições socio-políticas da época e ao *mindset* chinês. Como tivemos a oportunidade de ver, Hong Xiuquan interpretou uma tradução bastante rudimentar da Bíblia à luz do imaginário confucionista no seio do qual cresceu e se formou. Por conseguinte, apesar de ter retido da doutrina cristã as noções de monoteísmo e igualdade perante Deus, reteve também outras características que associamos ao confucionismo. Podemos recordar, como exemplos, a utilização de um clássico chinês, os *Ritos de Zhou*, como modelo para a organização social Taiping, ou mesmo a exortação a uma conduta “correta”, seguindo os moldes confucionistas.⁴⁵⁸ Estes dois aspetos revelam o quanto o confucionismo se manteve presente na mente de Hong, mau grado a sua conversão ao cristianismo. Posteriormente, em resultado das tendências revolucionárias que o movimento adquiriu em Guangxi, Hong adaptou o seu entendimento da religião cristã às necessidades de mobilização do campesinato contra a dinastia manchu, advogando a destruição dos “demónios” e o estabelecimento de um

⁴⁵⁷ Cf. SCHURMAN & SCHELL, 1967, p. 169

⁴⁵⁸ Cf. WANG, 1979, p. 119

Reino Celestial na Terra.⁴⁵⁹ Desta forma, a ideologia Taiping não constituiu uma quebra significativa com o *status quo* da China Imperial, motivando reformas pioneiras (e, para alguns, revolucionárias) sem com isso ter alterado de forma substancial o modelo político dinástico.⁴⁶⁰ O papel da religião cristã enquanto motivadora de um movimento anti-dinástico e de uma revolução política têm sido alvo de novas abordagens por parte de uma nova geração de historiadores.⁴⁶¹

Mau grado a permanência do modelo de governação imperial no seio dos Taiping, a ameaça protagonizada por estes ao sistema confucionista vigente obrigou o sistema a defender-se e permitiu a emergência de uma nova elite conservadora e intervencionista, que usurpou, embora com o consentimento tácito do governo central, prerrogativas que antes estavam reservadas a este último. À cabeça deste movimento encontramos homens como Zeng Guofan e Li Hongzhang que, com maior ou menor grau de adoção de tecnologia ocidental, formaram o mecanismo de defesa mais eficiente contra a rebelião nos finais da dinastia Qing e que, terminada a guerra, viram cimentado o seu poder regional. Desta forma, por ter contribuído para a adoção de tecnologia ocidental e provocado a fragmentação do poder do governo central (o chamado *regionalismo*), os Taiping, ainda que derrotados, acabaram por provocar mudanças de fundo no sistema imperial.⁴⁶²

Os interesses económicos das potências ocidentais e os “tratados desiguais” de Tianjin e Pequim, firmados com os Qing aquando das Guerras do Ópio, levaram ao seu apoio à dinastia reinante e contribuíram de forma significativa (ainda que não definitiva) para a derrota final da Rebelião Taiping. Por sua vez, o estabelecimento português de Macau, governado na altura por Isidoro Francisco Guimarães, esforçou-se por manter a neutralidade durante todo o conflito, e inclusive viu o seu volume comercial aumentar graças aos refugiados abastados que aí procuravam abrigo.

A intervenção ocidental na China foi criticada por Karl Marx, contemporâneo dos acontecimentos. No entanto, Marx também acreditava que o imperialismo ocidental na China permitiria introduzir no imutável Império do Meio novas forças de produção. Essas mudanças de fundo atirariam a China para a corrente da História Universal, que culminaria necessariamente numa revolução socialista.

⁴⁵⁹ Cf. WAKEMAN, 1980, p. 118

⁴⁶⁰ Cf. BOARDMAN, 1952, p. 126

⁴⁶¹ Cf. WAKEMAN, 1980, pp. 118–122

⁴⁶² Cf. WAGNER, 1982, p.2

A opinião chinesa relativamente à Rebelião Taiping sofreu uma viragem com Sun Yat-sen. Sun considerou Hong Xiuquan um pioneiro da defesa da igualdade e do nacionalismo chinês, e fez uso destes aspetos na construção dos seus *Três Princípios Básicos*. Porém, criticou a ausência de democracia no *Reino Celestial*, dando resposta a essa lacuna no segundo princípio, Democracia. À semelhança de Hong, o cristianismo também imbuiu a missão de Sun de uma aura providencial, fazendo-o acreditar que era seu destino “salvar a China”.

Também à semelhança de Hong Xiuquan, Mao Zedong revela-se como um importador de uma doutrina estrangeira adaptada à realidade chinesa, concretamente o *marxismo com características chinesas*. Relativamente a este, não se deve perder de vista a noção de que, mau grado as pretensões universalistas do marxismo, este apenas teve sucesso na China na medida em que se adaptava e adequava às condições e necessidades chinesas da época. Encarando a Rebelião Taiping pela ótica marxista, Mao referiu-se a ela como um importante passo na luta das classes camponesas desfavorecidas contra os seus opressores. O seu plano político é inspirado, embora indiretamente e através dos *Três Princípios Básicos* de Sun Yat-sen, pelos Taiping. Medidas como a posse igualitária de terra, a emancipação da mulher relativamente ao homem e a rejeição iconoclasta de ídolos e superstições chinesas são pontos de contacto entre o programa social Taiping e a visão de Mao Zedong para uma “Nova China”.

Em linha com o pensamento de Mao, a historiografia comunista chinesa concebeu a Rebelião Taiping como uma revolta camponesa que corporizava as contradições entre classes na China “feudal”. Assim sendo, os historiadores falaram na “Revolução Taiping” como mais um passo no caminho revolucionário chinês conducente ao socialismo. Porém, mais recentemente, a historiografia pós-maoista tende a ser mais crítica neste aspeto, apontando o fracasso da Rebelião Taiping em quebrar com o sistema imperial confucionista. Um governo centralizado na figura de Hong não diferia muito, na prática, do que era praticado pela dinastia manchu. Por outro lado, a tão desejada reforma agrária falhou em grande escala, tendo-se mantido o sistema de tenências.

Apesar da vastíssima literatura que inspirou e continua a inspirar, fruto da sua complexidade e importância no seio da História da China, subsistem ainda alguns pontos que merecem melhor exploração e estudo e que foram referidos ao longo da dissertação. No que diz respeito ao nosso país, mau grado as fontes macaenses do período serem bem conhecidas dos historiadores e se encontrarem publicadas, um estudo sistemático que relacione a Rebelião Taiping a Macau (e, por extensão, a Portugal) está ainda por ser

feito.⁴⁶³ A presente dissertação pretende ser um primeiro, ainda que muito modesto, esforço nesse sentido.

⁴⁶³Cf. DIAS, 1998, p. 98

Fontes e Bibliografia

- Fontes manuscritas

Arquivo Histórico Ultramarino, Administração Central, Secretaria de Estado da Marinha e Ultramar, Direção Geral do Ultramar, 005 (Correspondência Macau/Timor), Caixa 20 (1852-1853)

Arquivo Histórico Ultramarino, Administração Central, Secretaria de Estado da Marinha e Ultramar, Direção Geral do Ultramar, 005 (Correspondência Macau/Timor), Caixa 21 (1854-1855)

Arquivo Histórico Ultramarino, Administração Central, Secretaria de Estado da Marinha e Ultramar, Direção Geral do Ultramar, 005 (Correspondência Macau/Timor), Caixa 22 (1856 -1857)

- Fontes impressas

Mao, T. (1967). *Selected Works of Mao Tse-tung*, 5 volumes, Beijing: Foreign Language Press.

Saldanha, A. V. de (coord.). (1998). *Colecção de Fontes Documentais para a História das Relações entre Portugal e a China, Volume II: Documentos Relativos à Neutralidade Portuguesa durante a Revolta Taiping e as novas Guerras do Ópio 1850-1860*. Macau: Fundação Macau/Universidade de Macau.

Veiga Jr, J. B. (ed.). (1995). *Ta-Ssi-Yang-Kuo: Archivos e Annaes do Extremo-Oriente Português (colligidos, coordenados e anotados por J. F. Marques Pereira)*. Macau: Direcção dos Serviços de Educação e Juventude/Fundação Macau.

- Bibliografia

Aresta, A., & Oliveira, C. V. de. (2009). *Macau: Uma História Cultural*. Lisboa: Editorial Inquérito.

Bessa, C. G. (1999). *Macau e a Implantação da República na China: Uma Carta de Sun*

- Yat-sen para o Governador José Carlos da Maia*. Macau: Fundação Macau.
- Boardman, E. P. (1952). *Christian Influence upon the Ideology of the Taiping Rebellion 1851-1864*. Madison: University of Wisconsin Press.
- Burlatsky, F. (1980). *Mao Tse-tung: An Ideological and Psychological Portrait*. Moskow: Progress Publishers.
- Cabral, L. (2013). De Qianlong a Mao Zedong. in Sun Lam (ed.), *A Herança de Confúcio: Dez Ensaio sobre a China*. Famalicão: Edições Húmus.
- Chan, C. H. (2011). *Hermeneutical Strategies of the Bible: A Case Study of Chinese Protestant Christians in Late Qing (1860-1900)*. Master Thesis. Hong Kong: The Chinese University of Hong Kong.
- Chang, C. (1971). The Chinese Gentry: Studies on their role in Nineteenth-Century Chinese Society. in J. R. Levenson (ed.), *Modern China: An Interpretive Anthology*. New York: Macmillan.
- Dias, A. G. (1998). *Sob o Signo da Transição: Macau no Século XIX*. Macau: Instituto Português do Oriente.
- Dun, J. L. (Ed.). (1969). *China in Transition: 1517 - 1911*. New York: Van Nostrand.
- Elleman, B. E. (2001). *Modern Chinese Warfare, 1795-1989*. London: Routledge.
- Epstein, I. (1956). *From Opium War to Liberation*. Beijing: New World Press.
- Fairbank, J. K. (1986). *The Great Chinese Revolution 1800-1985*. New York: Harper & Row.
- Franke, W. (1967). Das Jahrhundert der Chinesischen Revolution 1851-1949. in F. Schurmann & O. Schell (eds.), *Chinese Readings 1: Imperial China*. London: Penguin Books.
- Gray, J. (1990). *Rebellions and Revolutions: China from the 1800s to the 1980s*. New York: Oxford University Press.
- Gregory, J. S. (1969). *Great Britain and the Taipings*. Camberra: Australian National University Press.
- Gunn, G. C. (1998). *Ao Encontro de Macau: Uma Cidade-Estado portuguesa na periferia*

da China, 1557-1999. Macau: Fundação Macau.

Harrison, J. P. (1969). Chinese Communist Interpretations of the Chinese Peasant Wars. in A. Feuerwerker (ed.), *History in Communist China*. Cambridge: The M.I.T Press.

Hinton, H. C. (1973). *An Introduction to Chinese Politics*. Devon: David & Charles.

Ho, P. (1971). The Significance of the Ch'ing Period in Chinese History. in J. R. Levenson (Ed.), *Modern China: An Interpretive Anthology*. New York: Macmillan.

Hsü, I. C. Y. (1970). *The Rise of Modern China*. London: Oxford University Press.

Jen, Y. (1973). *The Taiping Revolutionary Movement*. Taipei: Rainbow Bridge Book Co.

Jesus, C. A. M. de. (1984). *Historic Macao*. Hong Kong: Oxford University Press.

Jones, S. M., & Kuhn, P. A. (1995). Dynastic decline and the roots of rebellion. in D. Twitchett & J. K. Fairbank (eds.), *The Cambridge History of China, Volume 10: Late Ch'ing, 1800-1911, Part 1*. Cambridge: Cambridge University Press.

Kuhn, P. A. (1995). The Taiping Rebellion. in D. Twitchett & J. K. Fairbank (eds.), *The Cambridge History of China, Volume 10: Late Ch'ing, 1800-1911, Part 1*. Cambridge: Cambridge University Press.

Levenson, J. R. (1971). Marxism and the Middle Kingdom. in J. H. Levenson (ed.), *Modern China: An Interpretive Anthology*. New York: Macmillan.

Li, C. (1956). *The Political History of China: 1840-1928* (trad. Ssu-yu Teng e Jeremy Ingalls). New York: Van Nostrand.

Lieberthal, K. (1995). *Governing China: From Revolution through Reform*. New York: Norton & Company.

Matos, P. F. de. (1985). *Acção Naval Portuguesa contra os Piratas no Mar da China*. Lisboa: Minerva.

Meisner, M. (1977). *Mao's China and After: A history of the People's Republic*. 3ª edição. New York: The Free Press.

Meskill, J. (1965). Introduction. in J. Meskill (ed.), *The Pattern of Chinese History: Cycles, Development, or Stagnation?* Westport: Greenwood Press.

Meyer-Fong, T. (2013). *What Remains. Coming to terms with civil war in 19th century*

- China*. Stanford: Stanford University Press.
- Michael, F. (1971). The Setting of the Rebellion. in I. Hsü (ed.), *Readings in Modern Chinese History*. London: Oxford University Press.
- Rowe, W. T. (2009). *China's Last Empire: The Great Qing*. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press.
- Saldanha, A. V. de. (1996). *Estudos sobre as Relações Luso-Chinesas*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Schiffrin, H. Z. (1980). *Sun Yat-sen: Reluctant Revolutionary*. 1ª edição. Boston: Little, Brown and Company.
- Schurman, F., & Schell, O. (eds.). (1967). *China Readings 1: Imperial China*. London: Penguin Books.
- Selden, M. (ed.). (1979). *The People's Republic of China: a documentary history of revolutionary change*. New York: Monthly Review Press.
- Sharman, L. (1968). *Sun Yat-sen: His Life and Its Meaning*. Stanford: Stanford University Press.
- Spector, S. (1964). *Li Hung-chang and the Huai Army. A study in Nineteenth-Century Chinese Regionalism*. Taipei: Rainbow Bridge Book Co.
- Spence, J. (1990). *The Search for Modern China*. New York: W.W. Norton & Company.
- Spence, J. (1996). *God's Chinese Son: The Taiping Heavenly Kingdom of Hong Xiuquan*. London: Harper Collins.
- Stuart, S. (1986). Mao Tse-tung's thought to 1949. in J. K. Fairbank & A. Feuerwerker (eds.), *The Cambridge History of China, Volume 13: Republican China, 1912-1949, Part 2*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Su, C. (2017). Missionary Society Archives and Research on Sino-Western Cultural Exchanges. *Journal of Cultural Interaction in East Asia*, vol. 8, 3-16.
- Sun, L. (ed.). (2013). *A Herança de Confúcio: Dez ensaios sobre a China*. Famalicão: Edições Húmus.
- Teng, S. (1962). *Historiography of the Taiping Rebellion*. Cambridge: Harvard

University Press.

Teng, S. (1966). *New Light on the History of the Taiping Rebellion*. New York: Russel & Russel.

Teng, S. (1971). *The Taiping Rebellion and the Western Powers*. Oxford: Oxford University Press.

Teng, S., & Fairbank, J. K. (Eds.). (1954). *China's Response to the West: a documentary survey 1839-1923*. Cambridge: Harvard University Press.

Ukai, K. (2013). Introdução à Literatura Chinesa. in Sun Lam (ed.), *A Herança de Confúcio: Dez Ensaios sobre a China*. Famalicão: Edições Húmus.

Wagner, R. (1982). *Reenacting the Heavenly Vision: The Role of Religion in the Taiping Rebellion*. Berkeley: The University of California Press.

Wakeman, F. J. (1977). *The Fall of Imperial China*. 1ª edição. New York: The Free Press.

Wakeman, F. J. (1982). New Developments in Taiping Historiography. In Wakeman F. J. (ed.), *Ming and Qing Historical Studies in the People's Republic of China*. Berkeley: University of California Press.

Wang, C. C. (1979). Hung Hsiu-ch'üan's Early Thought and the Taiping Revolution (trad. C. A. Curwen). *Li-shih yen-chiu 历史研究* (8&9). In *Renditions*, (Spring 1981), 103-138.

Wilbur, C. M. (1976). *Sun Yat-sen: Frustrated Patriot*. New York: Columbia University Press.

Wills, J. E. (1979). Maritime China from Wang Chih to Shih Lang: Themes in Peripheral History. in J. D. Spence & J. D. Wills (eds.), *From Ming to Qing. Conquest, region, and continuity in seventeenth-century China*. London: Yale University Press.

Wong, J. Y. (1986). *The Origins of an Heroic Image: Sun Yat-sen in London, 1896-1897*. Hong Kong: Oxford University Press.

Wu, Y. (1963). *The Revolution of 1911. Great democratic revolution of China*. Beijing: Foreign Language Press.

Wylie, A. (1867). *Memorials of Protestant Missionaries to the Chinese: Giving a List of their Publications, and Obituary Notices of the Deceased*. Shanghai: American Presbyterian Mission Press.

Webibliografia

Hamberg, T. (1854). *The Visions of Hung Siu-Tchuen and the Origin of the Kwang-si Insurrection*. Hong Kong: The China Mail Office. Retirado de <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=inu.30000055084176;view=1up;seq=13>. Acedido a 14 de junho de 2017.

Johnson, A. (2006). *Taiping Pipe Dreams: Women's Roles in the Taiping Rebellion*. Ohio State University. Retirado de <http://hdl.handle.net/1811/6626>. Acedido a 17 de outubro de 2017.

Kitagawa, J. M. (1953). Reviewed Work: Christian Influence upon the Ideology of the Taiping Rebellion, 1851- 1864 by Eugene Powers Boardman. *Church History*, 22(1), 57–58. Retirado de <http://www.jstor.org/stable/3161119>. Acedido a 28 de novembro de 2017.

Laai, Y. (1952). River Strategy: A Phase of the Taipings' Military Development. *Oriens*, 5(2), 302–329. Retirado de <http://www.jstor.org/stable/1578827>. Acedido a 22 de novembro de 2017.

Liu, K. (1981). World View and Peasant Rebellion: Reflections on post-Mao Historiography. *Journal of Asian Studies*, 40(2), 295–326. Retirado de <http://www.jstor.org/stable/2054866>. Acedido a 6 de fevereiro de 2018.

Marx, K. (n.d.). Revolução na China e na Europa (trad. Carolina Peters e Murilo Leite Pereira Neto). *Verinotio - Revista on-Line de Filosofia e Ciências Humanas*, 1(23), 343–350. Retirado de <http://www.verinotio.org/conteudo/0.7424261884227639.pdf>. Acedido a 13 de janeiro de 2018.

Meadows, T. T. (1953). *The Chinese and their Rebellions*. California: Academic Reprints. Retirado de <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015012058544;view=1up;seq=85>. Acedido a 22 de novembro de 2017.

Riazanov, D. (1926). Karl Marx on China. Retirado de <https://www.marxists.org/archive/riazanov/1926/xx/china.htm>. Acedido a 17 de novembro de 2017.

Sunquist, S. W. (2005). Reviewed Work: The Taiping Heavenly Kingdom: Rebellion and the Blasphemy of Empire by Thomas H. Reilly. *Church History*, 74(4), 900–902. Retirado de <http://www.jstor.org/stable/27644702>. Acedido a 28 de novembro de 2017.

Usher, D. (1989). The Dynastic Cycle and the Stationary State. *The American Economy Review*, 79(5), 1031–1044. Retirado de <http://www.jstor.org/stable/1831435>. Acedido a 28 de novembro de 2017.

Weller, R. P. (1987). Historians and Consciousness: The Modern Politics of the Taiping Heavenly Kingdom. *Social Research*, 54(4), 731–755. Retirado de <http://www.jstor.org/stable/40970481>. Acedido a 6 de fevereiro de 2018.